



**Edlucy Costa e Costa**

**Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do  
Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA**



Rio de Janeiro  
2009

Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do  
Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

**Edlucy Costa e Costa**

**Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do  
Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliane da Silva Bessa

Rio de Janeiro  
2009



C837

Costa, Edlucy Costa e,  
Morfologia urbana e desenho social: um estudo  
comparativo dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica  
em São Luís – MA./ Edlucy Costa e Costa. – Rio de Janeiro:  
UFRJ/FAU, 2009.

170 f: il. 30 cm.

Orientadora: Eliane da Silva Bessa.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/PROURB/Programa de  
Pós-Graduação em Urbanismo, 2009.

Referências bibliográficas: p.161-167

1. Urbanismo. 2. Morfologia urbana. 3. Vizinhança. 4.  
Coroadinho – São Luís (MA). 5. Cidade Olímpica – São Luís  
(MA) I. Bessa, Eliane da Silva. II. Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de  
Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

CDD 711

Edlucy Costa e Costa

**Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do  
Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA**

Rio de Janeiro, 19 de junho de 2009

---

(Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliane da Silva Bessa)

---

(Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Lais Pereira da Silva)

---

(Prof. Dr. Cristovão Fernandes Duarte)

---

(Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rachel Coutinho Marques da Silva)

## RESUMO

COSTA, Edlucy Costa e. Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

O objetivo desse estudo é comparar a relação entre forma urbana e relações de vizinhança em dois bairros localizados na cidade de São Luís no estado do Maranhão, a saber: o bairro de Coroadinho e o de Cidade Olímpica. Os dois bairros apresentam características sociais semelhantes por se constituírem, ambos, locais de moradia de população de baixa renda.

O ponto de partida do trabalho foi a formulação da hipótese de que a forma urbana, tal como constituída, interfere no modo como se estabelecem as relações sociais no interior de uma localidade. Os desdobramentos teóricos e metodológicos, focados nessa formulação, exigiram não só um aprofundamento do próprio conceito de forma urbana como exigiram, também, uma abordagem das relações de vizinhança centrada em seus aspectos sociológicos. Traçou-se, para isso, um percurso analítico com autores de diferentes campos disciplinares, como a Arquitetura e Urbanismo, a Sociologia e a Geografia.

Embasado pela discussão teórica da forma urbana e das relações sociais de vizinhança o estudo empreendeu a sua pesquisa empírica através da realização de entrevistas, com os principais agentes representantes de Associações de Moradores, e da aplicação de questionários, também junto aos moradores, para levantar e comparar os aspectos físicos que, no conjunto, compreendem a forma urbana; assim como entender os condicionantes sociais presentes nos bairros em questão, entre eles os conflitos ocasionados pela convivência dos moradores que fazem uso diferenciado do espaço urbano.



## ABSTRACT

COSTA, Edlucy Costa e. Urban Morphology and Social Design: a comparative study between the quarters of Coroadinho and Cidade Olímpica in São Luís – MA. Rio de Janeiro, 2009. Dissertation (Master in Urbanism) – Program of Post Graduation in Urbanism, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

This thesis intends to compare the relationship between urban form and the neighborhood some relations in two areas located in the city of São Luís, state of Maranhão: Coroadinho and Cidade Olímpica. These two neighborhoods present similar socioeconomic characteristics since they are both low - income residential areas.

The hypothesis is that the urban form, such as constituted, interferes in the way social relationships are established inside these areas. The theoretical and methodological approach was based on the concept of urban form and on the sociological aspects of neighborhood social relations. The analysis was based on authors from the fields of architecture, urban design, sociology and geography.

The empirical research was based on interviews with local leaders and questionnaires applied to residents in order to know and to compare physical aspects that en compasses urban form; as well as to understand the social characteristics of the studied two areas en particular the conflicts that surfaced with the use of common spaces by different people.



<b>SUMÁRIO</b>	<b>Pag.</b>
Agradecimentos.....	09
Listas de Imagens e Ilustrações.....	11
Listas de Gráficos e Tabelas.....	13
Lista de Siglas.....	15
Introdução.....	17
1 - Referenciais Teóricos da Forma Urbana.....	22
1.1. Discussão Conceitual da Forma Urbana.....	23
1.2. O Estudo da Forma Urbana - A Morfologia.....	32
1.2.1. As Escalas.....	41
1.2.2. Elementos da Forma Urbana.....	43
1.3. A Construção Social e Cultural da Forma Urbana.....	52
1.3.1. Relações de Vizinhaça.....	52
1.3.2. Importância Relativa das Relações de Vizinhaça.....	53
1.3.3. A Unidade de Vizinhaça na Organização Espacial das Cidades.....	56
1.3.4. As Relações de Vizinhaça e a Forma Urbana.....	59
1.3.5. Os Conflitos nas Relações de Vizinhaça.....	63
2 - Os Aportes Empíricos da Pesquisa: O Caso do Coroadinho e da Cidade Olímpica.....	68
2.1. Recorte Espacial para Análise.....	68
2.2. Quadro Comparativo das Formas Urbanas dos Bairros Seleccionados.....	78
2.3. Os Desdobramentos da Pesquisa de Campo: Concepção e Realização.....	80
3 - Morfologia Urbana e Desenho Social: Construindo a Relação entre a Forma e as Relações de Vizinhaça.....	86
3.1. Perfil Socioeconômico, Moradia e Infraestrutura do Coroadinho e Cidade Olímpica.....	86
3.2. Análise dos Elementos Morfológicos dos Bairros do Coroadinho e da Cidade Olímpica.....	92
3.2.1. Coroadinho.....	92
3.2.2. Cidade Olímpica.....	103



### 3.3. Análise das Relações de Vizinhaça nos Bairros

Selecionados da Pesquisa Empírica.....	120
3.3.1. Vizinhaça do Coroadinho.....	120
3.3.2. Vizinhaça da Cidade Olímpica.....	130
3.3.3. Quadro Comparativo das Vizinhaças dos Bairros.....	137
3.4. Análise da Interação entre Forma Urbana e Relações de Vizinhaça no Coroadinho e na Cidade Olímpica.....	146
Conclusão.....	153
Referências Bibliográficas.....	161
Bibliografia Consultada.....	164
Anexos.....	168





Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do  
Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

Aos meus pais, os maiores responsáveis pelas minhas vitórias.



## AGRADECIMENTOS

À Deus pela benção da minha existência e por não me abandonar nunca.

A minha família: meus pais, irmãs e avó, por serem a minha fortaleza e meu apoio.

À Rogério Tavares, meu companheiro, a pessoa mais presente durante toda essa empreitada, por todo apoio.

Ao PROURB e seu quadro de professores e profissionais, que possibilitaram a realização deste um sonho.

À minha orientadora Eliane Bessa, pela dedicação, respeito e carinho, da qual dedicou a mim e a este trabalho.

Aos Amigos:

Barbara Prado, pela preciosa ajuda no inicio desta luta em 2004.

A Patrícia Trinta, Gabriela Melo, Carol Braga, Marcelo Fiorotti, Diógenes Torres, Emanuel Sousa e Eduardo Santos, pela imprescindível contribuição na realização desta dissertação, em especial as amigas Patrícia Trinta e Carol Braga, pela amizade e apoio continuo em todo este processo.

A Tati Lima, Trajano Ubatuba, Jose Antonio Lopes, Cursino Raposo, Francisco Barros e Auzira Mello, pelos exemplos e pelo apoio nessa jornada.

E a minha amiga Andréa e a seus pais, pela fé, pelas orações, pela amizade e pela grande ajuda.



“Nem tudo que se enfrenta pode ser modificado  
mas, nada pode ser modificado até que seja enfrentado”.  
Albert Einstein



## **LISTAS DE IMAGENS E ILUSTRAÇÕES**

- Imagem 01: Ilustração dos propósitos do texto de K. Lynch: Imagem da Cidade
- Imagem 02: Gordon Cullen: Townscape. Análise da visão serial num pequeno percurso
- Imagem 03: A Rua
- Imagem 04: O Bairro
- Imagem 05: A Cidade
- Imagem 06: O Edifício
- Imagem 07: Loteamento
- Imagem 08: O Quarteirão
- Imagem 09: Fachadas
- Imagem 10: Traçados
- Imagem 11: A Praça
- Imagem 12: O Monumento
- Imagem 13: Vegetação
- Imagem 14: Mobiliário urbano
- Imagem 15: Plano de uma UV esboçado por Perry.
- Imagem 16: Localização/ São Luís
- Imagem 17: Área urbana de São Luís / Localização Coroadinho e Cidade Olímpica
- Imagem 18: Mapa de evolução urbana de São Luis
- Imagem 19: Foto aérea do bairro do Coroadinho e entorno com destaque para malha urbana em verde
- Imagem 20: Foto aérea do bairro Cidade Olímpica e entorno com destaque para malha urbana em verde
- Imagem 21: Níveis e solo Coroadinho
- Imagem 22: Traçado urbano do Coroadinho
- Imagem 23: Quadras do Coroadinho
- Imagem 24: Quadra do Coroadinho
- Imagem 25: Lotes do Coroadinho
- Imagem 26: Edificações do Coroadinho
- Imagem 27: Edificações do Coroadinho
- Imagem 28: Praças e áreas de lazer do Coroadinho

Imagem 29: Praça do Coroadinho

Imagem 30: Fachadas Coroadinho

Imagem 31: Arborização Coroadinho

Imagem 32: Níveis e solo Cidade Olímpica

Imagem 33: Traçado urbano da Cidade Olímpica

Imagem 34: Quadras da Cidade Olímpica

Imagem 35: Lotes da Cidade Olímpica

Imagem 36: Edificações da Cidade Olímpica

Imagem 37: Praças e áreas de lazer da Cidade Olímpica

Imagem 38: Fachadas Cidade Olímpica

Imagem 39: Quintais Cidade Olímpica (arborização)

Imagem 40: Arborização Cidade Olímpica

Imagem 41: Detalhe traçado Coroadinho

Imagem 42: Detalhe traçado Cidade Olímpica

Imagem 43: Detalhe quarteirão Coroadinho

Imagem 44: Detalhe quarteirão Cidade Olímpica

Imagem 45: Detalhe lotes Coroadinho

Imagem 46: Detalhes lotes Cidade Olímpica

Imagem 47: Detalhe edificações Coroadinho

Imagem 48: Detalhe edificações Cidade Olímpica

Imagem 49: Fachadas Coroadinho

Imagem 50: Fachadas Cidade Olímpica

Imagem 51: Detalhe arborização Coroadinho

Imagem 52: Detalhe arborização Cidade Olímpica



## **LISTAS DE GRÁFICOS E TABELAS**

### **GRÁFICOS**

Gráfico 01: Evolução da mancha urbana de São Luis em Km<sup>2</sup> (1612-1996)

Gráfico 02: População em domicílios Coroadinho

Gráfico 03: População em domicílios Cidade Olímpica

Gráfico 04: Tipo de domicílios Coroadinho

Gráfico 05: Tipo de domicílios Cidade Olímpica

Gráfico 06: Abastecimento de água Coroadinho

Gráfico 07: Abastecimento de água Cidade Olímpica

Gráfico 08: Esgotamento Coroadinho

Gráfico 09: Esgotamento Cidade Olímpica

Gráfico 10: Coleta de lixo Coroadinho

Gráfico 11: Coleta de lixo Cidade Olímpica

Gráfico 12: Rendimento moradores Coroadinho

Gráfico 13: Rendimento moradores Cidade Olímpica

Gráfico 14: Alfabetização Coroadinho

Gráfico 15: Alfabetização Cidade Olímpica

Gráfico 16: Escolaridade Coroadinho

Gráfico 17: Escolaridade Cidade Olímpica

Gráfico 18: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 19: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 20: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 21: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 22: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 23: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 24: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 25: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 26: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 27: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 28: Pesquisa de campo Coroadinho

Gráfico 29: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 30: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 31: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 32: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 33: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 34: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 35: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 36: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 37: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 38: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 39: Pesquisa de campo Cidade Olímpica

Gráfico 40: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 41: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 42: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 43: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 44: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 45: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 46: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 47: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 48: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 49: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 50: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 51: Pesquisa de campo comparativo

Gráfico 52: Pesquisa de campo comparativo

## **TABELAS**

Tabela 01: São Luís: Áreas de ocupação (1930-1999)

Tabela 02: São Luís: Crescimento horizontal (1612-1996)

Tabela 03: São Luís: População/habitantes (1926-2004)



## **LISTA DE SIGLAS**

CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

CRI - Rádio Internacional da China

UV - Unidade de Vizinhança

GMT - Hora Média de Greenwich

ALUMAR - Consórcio de Alumínio do Maranhão

CVRD - Companhia Vale do Rio Doce

CODOMAR - Companhia Docas do Maranhão

USIMAR - Usina Siderúrgica do Maranhão

COHAB - Cooperativas Habitacionais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONG's – Organizações não Governamentais

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão





Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do  
Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

## INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

O meu interesse por temas sociais iniciou-se muito antes do ingresso no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão. Surgiu, junto com a vontade de ingressar no curso, pela vivência em ambientes com carências sociais, principalmente de infraestrutura, por se tratar de uma ocupação irregular na periferia de um loteamento onde passei minha adolescência, fazendo questionamentos sobre tais carências.

Durante o curso de Arquitetura e Urbanismo o interesse por questões sociais foi intensificado na proporção que crescia o interesse por temas urbanísticos e a visão de que o convívio com disciplinas, cujos conteúdos poderiam contribuir ou mesmo ajudar para resolver problemas de natureza social e urbanística, acabaram me levando para a profissão de arquiteta.

Na vontade de contribuir e tentar resolver problemas urbanos vislumbrei dois caminhos, ambos atraentes, e analisados por mim como complementares. Primeiramente como técnica da Prefeitura de São Luis, onde pude acumular uma experiência rica de trabalho prático. E o outro o de ingressar na academia e desenvolver a atividade de pesquisa. Nascia, então, a meta de entrar no mestrado em Urbanismo, objetivando realizar pesquisas dentro da disciplina do urbanismo, ajudando a responder questões que venham a melhorar a vida nas cidades.

O foco em temas sociais e em urbanismo teve como consequência a intensificação do interesse pelas ocupações de interesse social e pelas diversas formas apresentadas por elas. Primeiramente, antes de qualquer embasamento teórico, tinha uma visão de forma urbana muito limitada, apenas remetida ao campo visual. Sabia que visivelmente existiam diferenças entre as diversas ocupações da cidade, pois era clara a distinção física, por exemplo, entre as áreas ocupadas por moradores de pouco e de muito poder econômico, embora essa diferença não fosse a mais atraente. O que me questionava era se, dentro das ocupações de interesse social, a maioria é pobre economicamente porque

as ocupações diferem umas das outras e se isso modifica o modo como vivem seus ocupantes?

À principio queria tentar resolver com apenas um projeto todos os problemas de todas as ocupações de baixa renda de São Luís. Pura ilusão, mas como continuava progredindo na mesma linha de pensamento tentava escolher um recorte espacial menor para análise. Assim cheguei ao Coroadinho e Cidade Olímpica, dois bairros que sempre estiveram em foco, na mídia, pelos diversos problemas urbanos que enfrentavam e ainda enfrentam.

Depois de três anos lendo e aprendendo consegui enxergar o que acreditava ser mais simples. Identifiquei problemas comuns a essas ocupações, mas os problemas eram tão comuns que não se restringiam apenas a elas, apresentando-se em toda a cidade como a questão da violência urbana, a falta de cidadania, a ausência de infra-estrutura urbana, a falta de acessibilidade e de meios de transporte. Nesse momento entrou no processo a orientação do PROURB, que me ajudou a definir o que hoje aqui me proponho a defender, a dissertação de mestrado.

Proponho aqui avaliar se de fato ocorrem interferências (ou não) da forma urbana, tal como foi constituída, sobre o modo como se estabelecem as relações sociais de vizinhança nos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica, localizados em São Luís do Maranhão. Levando em consideração as diferenças entre a forma urbana de ambos, ou seja, as características distintas da forma apresentadas pelos bairros em questão e como elas podem afetar ou não, diferentemente, o modo como se relacionam os integrantes de uma comunidade, estamos diante daquilo que poderia se constituir uma hipótese deste trabalho: a de que a forma urbana interfere nas relações sociais.

O Coroadinho é um bairro de ocupação espontânea, no sentido de que essa ocupação foi iniciada pelos próprios ocupantes do bairro. Possui um traçado mais sinuoso, uma densidade habitacional e construtiva alta, com ruas, na maioria, estreitas e lotes pequenos e estreitos ocupados em quase sua totalidade pelas edificações. Já a Cidade Olímpica teve uma ocupação mais rápida, apesar de também ter sido espontânea. Possui um traçado ortogonal com ruas mais largas e extensas, um tipo de planejamento

proveniente dos próprios ocupantes, como veremos mais a frente. Neste bairro os lotes são padronizados e, em grande parte, maiores que os do Coroadinho, possuindo uma densidade habitacional e construtiva muito menor.

O levantamento e a comparação das relações de vizinhança, concomitantemente com a comparação da forma urbana em ambos os bairros fornecem os subsídios necessários que levam à respostas, no sentido que podem refutar ou confirmar a hipótese levantada.

Tem-se, para tanto, os seguintes objetivos específicos: identificar as características morfológicas dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica; levantar dados sobre as relações de vizinhança, principalmente os referentes à sociabilidade e aos conflitos nas comunidades; e comparar as duas áreas, levando em consideração a conjugação entre as características da forma urbana e das relações de vizinhança identificadas.

O trabalho foi estruturado em quatro partes. Primeiramente a introdução aqui presente onde expomos as razões que nos levaram ao tema e como o trabalho foi estruturado. A segunda parte, que corresponde ao capítulo um, apresenta os referenciais teóricos sobre a forma urbana e sobre as relações de vizinhança. Para construir um próprio conceito de forma urbana, buscou-se apoio em diversos autores, dentre eles arquitetos, geógrafos e sociólogos. No universo da Arquitetura e do Urbanismo observamos a orientação do conceito de forma urbana mais direcionada às questões físicas do espaço urbano, o que é compreensível, mas quando nos propomos a relacionar a forma urbana com aspectos sociais e dinâmicos, percebemos que seria imprescindível a ajuda de autores e teóricos de disciplinas como Sociologia e Geografia, onde o conceito de forma urbana já tivesse sido discutido e assumido outros contornos teóricos.

Farias (1997), Lamas (2004), Carlos (2003), Lefebvre (2008), Del Rio (1990), Rossi (2001), Gambim (2007), Lynch (1981), Gomes (2002), Jacobs (2007), foram os principais autores que ajudaram na construção do nosso próprio conceito de forma urbana.

Ainda buscando estruturar conceitos e entender o universo das relações de vizinhança – que faz parte, junto com a forma urbana, do universo a ser analisado – tenta-se entender primeiramente o que seria vizinhança, dentro do contexto das relações sociais, quais as características, o universo e espaços para sua existência, identificando sua importância e função dentro da sociedade. Abordamos tentativas de solucionar os problemas de enfraquecimento das relações de vizinhança, através de planejamento e projetos de formas urbanas específicas como o conceito de Unidade de Vizinhança, proposto por Clarence Athur Perry, no início do século XX.

O trabalho também nos obrigou a buscar explicações ou fatos que abordassem temas direcionados à relação entre os indivíduos e o ambiente, ou os ambientes onde eles interagem, ou seja, o espaço com todas as suas características e as relações sociais que nele ocorrem, no caso específico dessa pesquisa, as relações de vizinhança. Nesse contexto passeamos por disciplinas como a Psicologia Ambiental que se preocupa com a inter-relação pessoa-ambiente e pelo Direito que se preocupa com a relação pessoa-pessoa. Os juristas tem como dever buscar formas de mediações de conflitos dentro da sociedade em geral, e é com esse objetivo que criam leis que ajudam a mediar conflitos existentes no âmbito do grupo vicinal, ou de vizinhança. A análise dos Direitos de Vizinhança, presentes no Capítulo V do Código Civil Brasileiro, leva-nos a perceber que muitos conflitos são causados por problemas na estrutura física dos ambientes onde ocorre o contato de vizinhança, mas percebemos também que existem muitos outros conflitos, que não estão incluídos nesta lei, conflitos gerados normalmente pelas mudanças da vida contemporânea.

Na terceira parte, referente ao capítulo dois, procuramos primeiramente identificar e contextualizar geograficamente os recortes espaciais escolhidos para análise, ou seja, os bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica, sua localização e um resumo do histórico e das características socioeconômicas atuais. No segundo momento apresentamos as análises e procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa de campo. Realizamos a análise individual da forma urbana de cada bairro, através do levantamento das características dos elementos da forma urbana, e, ao final, elaboramos um quadro

comparativo dos bairros, através da abordagem de cada elemento: o traçado, os quarteirões, as ruas, o mobiliário urbano, a vegetação, os lotes, as fachadas, as áreas de lazer e os equipamentos urbanos.

Ainda nessas análises apresentamos a parte da pesquisa de campo onde foram cumpridas as seguintes etapas: realização de entrevistas, aplicação de questionários acrescidas das observações, através de muitas visitas aos locais e relato das dificuldades encontradas. As entrevistas foram aplicadas aos presidentes das Associações de Moradores e aos representantes locais. Os resultados das entrevistas subsidiaram a elaboração do questionário, que foram aplicados em oitenta residências em cada um dos bairros. Depois da análise individual das entrevistas e da aplicação dos questionários em cada bairro, foram feitas as análises comparativas entre eles.

O capítulo três reúne, então, os elementos morfológicos com as questões sociais de vizinhança nos dois bairros, para que sejam traçadas as possíveis formas de interação entre os aspectos físicos e sociais, permitindo, assim, averiguar se há ou não interferência da forma que passa a ser vista através das manifestações de conflito levantadas pela pesquisa.

Por fim, apresentamos a conclusão na quarta e última parte desse trabalho.

Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do  
Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

**CAPÍTULO 1**  
**REFERENCIAIS TEÓRICOS DA FORMA URBANA**

## 1. REFERENCIAIS TEÓRICOS DA FORMA URBANA

### 1.1. DISCUSSÃO CONCEITUAL DA FORMA URBANA

Ao tratarmos de forma urbana sentimo-nos inclinados a admitir que esta é uma especificidade do campo teórico da Arquitetura e do Urbanismo, por se tratar, fundamentalmente, da investigação da estrutura física da cidade, dos elementos morfológicos construídos pelo homem como os edifícios, as ruas, as vias, praças, parques e os monumentos. Talvez, por esse motivo, o tema seja mais explorado e investigado por arquitetos e urbanistas que procuram, mesmo citando conceitos de autores de outras disciplinas, deixarem as discussões no recorte físico, ver, portanto, a forma urbana apenas como conjunto construído, cristalizado, como materialização da história da cidade.

O tema não é, entretanto, explorado apenas pelos arquitetos. Outras disciplinas possuem conceitos e trabalham com a forma urbana de maneira diferenciada como é o caso de sociólogos e antropólogos. Para eles a forma urbana deve ser reescrita em termos de relações sociais e da dimensão cultural (FARIAS: 1997).

Os geógrafos são os que mais se distanciam da bipolaridade conceitual ao aceitarem a complexidade da forma urbana defendida pelos sociólogos, sem desprezar o peso da forma física valorizada pelos arquitetos. Para o geógrafo Burgel o universo das formas urbanas é fluido, “é onde se interpolam as construções materiais, as práticas concretas, as representações dos habitantes e as ideologias de quem as conceberam (...). De qualquer modo, a forma é vista, é vivida e é edificada” (BURGEL, apud FARIAS: 1997, p. 25). Há uma noção implícita, nesse pensamento, sobre a territorialidade da forma, isto é, um reconhecimento de que as ações humanas se realizam sobre uma base concreta que possui uma forma determinada.

Ainda na esteira desse entendimento as teorias classificadas no âmbito da “Economia Espacial” consideram a cidade uma máquina econômica e a forma urbana é vista como estruturas de atividades no espaço que facilitam a produção, distribuição e



consumo de bens materiais. Tais teorias vêm a forma como palco das performances (FARIAS: 1997).

Já para os arquitetos pesquisadores da atualidade a forma urbana e o pensamento fragmentaram-se enormemente. Desenvolvem, cada um a seu modo, reflexões para entender a atual cidade contemporânea. Destacam nesta abordagem os trabalhos de Koolhaas, Venturi e Rowe. Para Koolhaas, a forma da cidade reflete um universo de cidadãos urbanos isolados linguisticamente numa profusão de diferentes culturas, uma explosão de estilos, cores e contrastantes ordenados horizontalmente numa malha programada.

Voltando às reflexões dos geógrafos, Fani Carlos quando trata da forma urbana diz que ela é a aparência, a manifestação do fenômeno ao mesmo tempo em que é a representação das relações sociais reais, além de ser produto da história (CARLOS: 2003).

Diz também que a mesma está intimamente ligada ao uso, à identidade e à memória, enfim, ela é resultado do produto do trabalho da sociedade. O trabalho da sociedade possui o espaço urbano como palco, que se torna lugar a partir do momento que se transforma em referência, e é capaz de produzir identidade e suporte para a memória. “(...) a forma é imediatamente conteúdo” (CARLOS: 2003, p. 51). Sendo assim, os atos cotidianos vividos no espaço ficam impressos nas formas. A partir do momento em que esses atos são modificados, as formas perdem ou substituem o seu conteúdo, passando a ser vistas de maneira diferente, apesar de fisicamente nada ter mudado. No entanto, é preciso deixar claro que mesmo não havendo mudanças físicas não significa que não ocorram transformações. Nesse momento, podemos, sim, identificar uma ruptura.

Todos sabem que a cidade, como Fani Carlos mesmo defende, é produto do trabalho da sociedade, é produto do homem, logo a forma urbana também. Ela ainda declara no mesmo trabalho que as formas delimitam, impedem e permitem os usos, as práticas e as ações (CARLOS: 1992).

Milton Santos afirma que "sem as formas, (...), a sociedade não se realizaria" (SANTOS, apud DUARTE: 2002, p.1), onde explica que a estrutura dita a função que se realiza através da forma, neste entendimento a forma pode ser vista como a estrutura revelada.

Para Lefebvre as estruturas são igualmente duplas: morfológicas (sítios e situações, imóveis, ruas e praças, monumentos, vizinhança e bairro) e sociológicas (distribuição da população ativa ou passiva, categorias ditas sócio-profissionais, dirigentes e dirigidos). Quanto a forma no sentido habitual do termo, isto é, geométrico ou plástico, trata-se de uma disposição espacial: quadriculada ou radiocêntrica (LEFEBVRE: 2008).

Para esse autor o urbano é uma forma pura: ponto de encontro, o lugar de uma reunião, a simultaneidade. Essa forma não tem nenhum conteúdo específico, mas tudo a ela vem e nela vive (LEFEBVRE: 2008).

Segundo Lamas, a forma urbana é a materialização da cidade capaz de determinar a vida humana em comunidade. Diz também que essa cidade não é apenas um simples produto determinista dos contextos econômicos, políticos e sociais, mas também resultado de teorias e posições culturais e estéticas dos arquitetos e urbanistas. Encontra-se indissociavelmente ligada a comportamentos, a apropriação e utilização do espaço e a vida comunitária dos cidadãos (LAMAS: 2004). Podemos afirmar, então, que a forma urbana é produto das atividades humanas (coletivamente - comunidade e individuais - arquitetos) que por sua vez estão sujeitas a interferência de uma forma urbana anterior. E ao afirmar que a forma é capaz de determinar a vida humana em comunidade, indica assim que o próprio processo de construção da forma e das relações sociais é cíclico, ou seja, sujeito à constantes mudanças.

Contribuindo para melhor entendermos a importância da forma urbana, Del Rio diz que a mesma é o objeto de estudo da morfologia urbana, destacando que nesse estudo é imprescindível compreendermos que o conjunto de elementos dessa forma são produtos de evoluções, transformações e processos sociais, deixando clara a relação de dependência entre forma urbana e as atividades sociais no tempo. Apesar de considerar a

forma urbana apenas como produto dessas atividades, ele coloca a necessidade da compreensão dessas formas, a fim de identificarmos as mais apropriadas para intervir na cidade existente e no desenho de novas áreas (DEL RIO: 1990).

Farias quando investiga sobre a forma urbana demonstra concordar que a mesma interfere na vida do homem e de suas relações, intensificando ainda que a cultura urbana modifica essa forma, qualificando-a, sendo essa capaz de influenciar nos valores, nas crenças, nas práticas e nas instituições, ou seja, na vida humana. Podemos perceber isso na afirmação a seguir:

“a importância da cultura urbana reside na constatação de que são os valores, as crenças, as práticas e as instituições que dão conformidade qualitativa à forma urbana, da qual também sofrem influência” (FARIAS: 1997, p.19).

Declara a existência das muitas barreiras que se deve enfrentar para tirar da forma urbana o papel secundário que lhe atribuem em relação a sua influência na qualidade de vida das pessoas. Diz também que muitos acreditam e defendem o fato da forma física não desempenhar nenhum papel significativo na satisfação dos valores humanos importantes, como aqueles que se referem as nossas relações com outras pessoas (FARIAS:1997). Mas ao mesmo tempo afirma ser quase impossível negar-se o papel fundamental das relações sociais e do caráter individual para alcançar a satisfação, entretanto, é preciso reconhecer que quando se apresentam situações realistas, como por exemplo, as condições climáticas adversas, as habitações abarrotadas, a acessibilidade difícil, a carência de vegetação ou de água, a forma passa a desempenhar um papel importante.

“É possível demonstrar que as pessoas se sentem infelizes ou felizes pelas condições físicas tanto como pelas condições sociais, ainda que os efeitos sejam pouco claros” (FARIAS: 1997, p. 20).

“(…), apesar de haver algumas condições extremas em que a forma tem influência independentemente do contexto social, na grande maioria dos casos reais, as influências da forma física e da forma social são difíceis de separar” (FARIAS: 1997, p. 21).

“As relações (sociais) sempre se deterioram de acordo com uma distancia, no tempo e no espaço, que separa as instituições e os grupos” (LEFEBVRE: 2008, p.109).

Já em Rossi (2001) a cidade é tratada como um produto da história, ele diz:

“a forma urbana da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade. No próprio decorrer da vida de um homem, a cidade muda de fisionomia em volta dele e as referências não são as mesmas...” (ROSSI: 2001, p. 57).

Diante disto podemos concluir que a arquitetura se modifica, algumas coisas somem outras permanecem, e esse conjunto compõe a forma da cidade nesse dado momento.

Ele atrela a criação da cidade à criação da arquitetura e vice versa: “a arquitetura é assim, inseparável da formação da civilização e é um fato permanente, universal e necessário”, a cidade é a própria arquitetura (ROSSI: 2001, p.01).

“(…) Desde os primeiros modos como os homens construíram suas habitações, as fizeram buscando criar um ambiente mais favorável a sua vida, no entanto também as faziam com uma intencionalidade estética” (ROSSI: 2001, p.01).

Ainda explica que ao descrevermos a cidade estamos nos ocupando predominantemente da sua forma, esta é o dado concreto que se refere a uma experiência concreta, ela se resume na arquitetura da cidade. Acredita que a arquitetura não representa mais que um aspecto de uma realidade mais complexa, de uma estrutura particular, mas, ao mesmo tempo, sendo o dado último verificável dessa realidade, constitui o ponto de vista mais concreto com a qual se pode encarar um problema (ROSSI: 2001).

No tocante a questão específica do estudo da forma, enquanto dimensão física, um dos autores mais citados é Lynch. Ele afirma que habitualmente a forma de um aglomerado populacional é encarada como padrão espacial dos objetos físicos grandes, inertes e permanentes numa cidade: edifícios, ruas, serviços públicos, colinas, rios, talvez mesmo as árvores. Porém, vai adiante e explica que o problema fundamental é decidir em que consiste a forma de um aglomerado humano: apenas objetos físicos e inertes? Ou também em organismos vivos? (...) e adota o conceito de que, é a disposição espacial resultantes de pessoas, produtos e informações e as características físicas que modificam o

espaço de um modo significativo para essas ações e que a estrutura social e a estrutura espacial estão relacionadas parcialmente, na verdade estão mal interligadas, uma vez que ambas se afetam mutuamente através de uma variável interveniente – o ser humano. (LYNCH: 1981).

Carlos Nelson (1985) quando faz a análise das apropriações do espaço urbano de uso coletivo em centro de bairro, utilizando os casos do Catumbi e Selva de Pedra no Rio de Janeiro, destaca como elemento principal da pesquisa a rua como local de lazer. Isso nos faz pensar sobre a ambiência onde são estabelecidas as relações sociais e que fatores podem contribuir para as mudanças das mesmas.

O autor chamou a atenção que logo na primeira etapa da pesquisa etnográfica, através do contato com o bairro do Catumbi, puderam perceber, ao buscar identificar como se realizavam as relações sociais nos limites espaciais do público e privado e principalmente no espaço da rua, que tinham ocorrido e continuavam ocorrendo alterações nas atividades da comunidade e em algumas relações sociais. Isso acontecia por causa da renovação urbana que estava sendo realizada pelo poder público na época e que promoveu demolições e inclusão de novos elementos arquitetônicos como avenidas, viadutos, o sambódromo, dentre outros. Não podemos deixar de observar que a renovação urbana, a inclusão ou demolição de algum elemento urbano gerou uma alteração na forma urbana do local, o que foi possível perceber, apesar de não ser o objeto principal explorado na pesquisa, é que a forma urbana também contribuiu para as mudanças nas relações sociais e nas formas de apropriação do espaço público, no caso a rua, e de outros espaços públicos criados e incluídos e que também ficaram sujeitos a novas formas de apropriação.

Ao descrever o caminho percorrido na Rua Pedro Mascarenhas o autor afirma:

“O ambiente vai se degradando pelos vazios físicos e morais provocados pela intervenção de limpeza. Criam-se “buracos”, casas vagas que possibilitam a invasão por estranhos ao bairro. Arma-se um círculo vicioso: a vida na rua vai ficando problemática; a decadência, artificialmente provocada, justifica que se acelere o processo de destruição” (SANTOS: 1985, p. 28).

“Fica assim definido o contraste com a imensa rede de favores, confiança e crédito que definia a moral da Pedro Mascarenhas dos outros tempos” (SANTOS: 1985, p. 28).

“Os vazios entre as edificações desorganizaram todo o sistema de comércio que se nutre do que chamam freguês de passagem” (SANTOS: 1985, p. 32).

Carlos Nelson explica que não pensa na distância social como algo determinado apenas pelas peculiaridades físicas do espaço, no entanto, não nega que as limitações impostas por determinados recortes espaciais podem dificultar a renovação dos laços de proximidade social (SANTOS: 1985).

Outro autor que trabalha a relação entre o físico e o social é Gambim, que diz que a relação entre o meio físico e os indivíduos, os padrões de comportamento e as regras sociais que regulam a intensidade e o tipo de interação presente, tratam de um sistema social inserido numa cultura específica e dependente de um meio físico também específico (GAMBIM: 2007).

Avançando nessa linha de raciocínio Bonnes e Secchiaroli (1995) deram atenção para a dimensão espacial, que segundo eles tem particular importância quanto à definição de relações de proximidade entre as pessoas e quanto ao tipo de mensagens que emergem na definição de limites geográficos (BONNES & SECCHIAROLI, apud GAMBIM: 2007).

Gambim acredita que o relacionamento social na vizinhança trata dos aspectos negativos como conflitos ou insatisfações. Skjaeveland e Garling (1997) argumentam que esses aspectos não têm sido muito investigados na literatura, mas são influentes no desejo de contato social no lugar (SKJAEVELAND & GARLING apud GAMBIM: 2007). Por exemplo, Ebbsen identificou que a formação de inimizades em relação à formação de amizades é mais dependente da proximidade física (EBBESSEN apud GAMBIM et al., 2007) e, Kim e Kaplan (2004) observaram que a percepção de quantidade elevada de residências está associada à falta de privacidade e atua como obstáculo a interação e que a maior possibilidade de interação sócio-espacial pode ser entendida, também, como aspecto negativo (KIM & KAPLAN, apud GAMBIM: 2007).

Os espaços como caminhos, escadas, acessos comuns para residências são alguns dos componentes do ambiente residencial que favorecem altos níveis de contato social e, conseqüentemente, formação de relações pessoais. O espaço, em função da maneira como é configurado, e de acordo com os elementos físicos presentes, influencia o contato entre as pessoas, favorecendo ou desencorajando a interação (LAY, apud GAMBIM: 2007).

Para Kaplan a dimensão espacial é central no modo de pensar e agir humano (KAPLAN e KAPLAN, apud GAMBIM: 2007), enquanto que Lang acredita que o comportamento é dependente de uma localização geográfica precisa, significando que a interação social entre diferentes grupos está, necessariamente, referenciada a um entorno específico (LANG, apud GAMBIM: 2007). Além disso, a dimensão espacial é inseparável dos significados que o ambiente construído pode assumir para o comportamento humano (BONES & SECCHIAROLI, apud GAMBIM: 2007).

Os autores, apesar de visões diferentes, de estarem embasados por referenciais teóricos distintos eles têm em comum, em suas análises, a estrutura espacial urbana e a estrutura social, ou seja, o espaço físico-social da cidade tanto nos aspectos especificamente físicos da forma, como nos que determinam a dinâmica da sociedade, os seus aspectos imateriais, os fenômenos locais, econômicos, políticos e culturais, ambas as estruturas reunidas ajudam a configurar essa forma urbana.

Apesar de alguns defenderem que a forma urbana também é constituída pela estrutura social e outros acreditarem que a forma é apenas produto e de possuírem conceitos distintos sobre a mesma, nenhum nega a associação dessa forma com a ação humana, no sentido de que a análise da forma urbana não pode estar dissociada da ação do homem.

Podemos perceber isso ao analisarmos as várias posições teóricas apresentadas anteriormente. Fani Carlos acredita que na forma da cidade está a representação das relações sociais reais, declarando ainda que essa forma pode delimitar,

impedir e permitir os usos, as práticas e as ações. Para Lamas a forma urbana é a materialização da cidade capaz de determinar a vida humana em comunidade e Santos diz que sem as formas a sociedade não se realizaria. Del Rio defende que ela é apenas produto das atividades sociais, no entanto, coloca a necessidade da compreensão dessas formas para melhor intervir na cidade existente.

Farias também defende que são as atividades sociais que dão características à forma urbana, mas, vai além, ao acreditar que essas atividades também são influenciadas pela forma. Já Lynch diz que a estrutura social e a estrutura espacial estão relacionadas parcialmente, na verdade estão mal interligadas uma vez que ambas se afetam mutuamente através de uma variável interveniente que é o ser humano.

Nas análises realizadas podemos perceber que os espaços públicos são os principais palcos para a concretização das relações de vizinhança, principalmente a rua, entretanto, a forma como cada morador se apropria desses espaços pode aumentar ou diminuir o número de conflitos, mas as características e qualidades do espaço podem interferir no nível do conflito, por exemplo, uma rua estreita pode também fortalecer os laços entre dois vizinhos promovendo maior contato e maior amizade, ou o contrário, também pode acontecer que pela falta de espaço poderá haver ali um ponto forte e inerte de acirramento do conflito. Outro exemplo que se pode citar é a distância entre as casas, isto é, casas muito próximas e em alguns casos, completamente coladas, podem proporcionar uma menor privacidade dos moradores.

Através das várias posições teóricas apresentadas, pode-se concluir que a forma urbana ajuda a afetar a vida do homem, principalmente sua vida em comunidade, suas relações sociais, no entanto é necessário descobrir o grau dessa interferência e enumerar os pontos positivos e negativos, pois os mesmos poderão ser vistos como problemas a serem solucionados, no caso negativo, ou modelos de soluções para outras áreas, no caso positivo. Mas, o principal objetivo será investigar se existem diferenças de interferência da forma urbana sobre as relações de vizinhança entre lugares com formas urbanas distintas, neste caso, através da análise dos aglomerados urbanos do Coroadinho e da Cidade Olímpica que possuem visivelmente características formais distintas, como é o



caso do traçado urbano, o primeiro possui um traçado mais sinuoso, lotes mais adensados e o segundo um traçado ortogonal e uma menor densidade construtiva.

Baseando-se nas leituras realizadas e análises de autores que tratam a forma urbana por diferentes pontos de vista, o nosso entendimento de forma urbana é a de um conjunto de elementos físicos, inertes, construídos pelo homem e passíveis de modificação no tempo, em virtude do uso e ocupação que lhes são destinados pelas ações e práticas sociais, delimitados numa determinada escala urbana.

Para efeito desse trabalho dividimos o estudo da forma urbana em duas partes, a primeira que privilegia unicamente os aspectos físicos da forma urbana dos bairros em pesquisa e a segunda que apresenta um caráter dinâmico, que considera o papel e a ação dos sujeitos na definição histórica da forma urbana dos bairros relacionados.

## **1.2. O ESTUDO DA FORMA URBANA - A MORFOLOGIA**

Usa-se o termo morfologia para denominar o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto. Morfologia Urbana é a ciência que se preocupa essencialmente em estudar os aspectos exteriores do meio urbano, suas partes físicas ou elementos morfológicos e na sua produção e transformação no tempo, o processo de urbanização - fenômenos sociais, econômicos, dentre outros - convertem como explicação da produção da forma (LAMAS: 2004, DEL RIO: 1990, FARIAS:1997).

Para Lamas, morfologia urbana refere-se aos aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e sua estrutura (LAMAS: 2004).

Os estudos sobre a morfologia urbana intensificaram-se após a 2ª Guerra Mundial como reação à perda de identidade e de unidade formal da cidade e para defender uma política de salvaguarda dos centros históricos (MERLIN & CHOAY, apud FARIAS, p.31).

São várias as metodologias utilizadas na morfologia urbana, no entanto, todas chegam a um mesmo senso comum que é o da leitura e compreensão das partes da cidade para estruturação do todo.

Para Rossi a **arquitetura da cidade** caracteriza a **própria cidade**, sua **morfologia urbana**, acreditando que essa arquitetura demonstra o tempo e o espaço de uma sociedade, seus hábitos e costume, seus modos de habitação, locomoção, trabalho e lazer, então ela deve ser o **objeto de estudo para identificação da forma da cidade** (ROSSI: 2001).

“Ao descrevermos a cidade estamos nos ocupando predominantemente da sua forma, esta é o dado concreto (...)” (ROSSI: 2001, p.17).

“Repito que desejo tratar aqui desse concreto através da arquitetura da cidade, através da forma, pois esta parece resumir o caráter total dos fatos urbanos, inclusive a origem deles. Por outro lado, a descrição da forma constitui o conjunto dos dados empíricos do nosso estudo e pode ser realizado mediante termos de observação. Em parte, é isso que entendemos por morfologia urbana - as descrições das formas de um fato urbano” (ROSSI: 2001, p.17).

Camilo Sitte que defendia o conceito de cidade como arte e combatia os da mediocridade formal da cidade industrial, ele pretendia identificar nas cidades antigas os princípios intuitivos que levaram a sua expansão, e transformá-los em procedimentos conscientes, para adaptá-las as circunstâncias modernas (SITTE, apud FARIAS: 1997).

Para Sitte, o plano de uma cidade é uma obra de arte, e como tal deve ser implementado com criatividade e zelo, chegando ao requinte de compor detalhadamente edifícios e espaços livres. O espaço urbano ordena-se em função dos locais de passagem e de encontro (as ruas e as praças), que devem se inspirar nas ruas e praças medievais, configurando um espaço visual fechado e geralmente irregular (FARIAS: 1997).

Os pensamentos vanguardistas do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) e do movimento moderno eram outra maneira de ver a forma urbana, desconsideravam as formas urbanas tradicionais, pois as enxergavam como algo a ser destruído para dar lugar a uma experiência formal completamente inovadora e

racionalista. A forma urbana das cidades modernistas constituía a solução para as crises urbana e social.

Mais adiante começaram a surgir as críticas da visão modernista da forma urbana, que passa a ser vista como um ecossistema cuja estrutura é infinitamente mais complexa do que qualquer um dos modelos já concebido, dentre os arquitetos deste período destacamos Alexander e Lynch (FARIAS: 1997).

Os pensamentos de Lynch com os de Sitte conseguem se assemelhar no momento em que Sitte se preocupa com a “imagem” estética, acreditando que a observação e busca da materialização de princípios intuitivos da construção da forma urbana por civilizações anteriores sirva para construção da forma urbana em seu tempo. Lynch preocupava-se com a apreensão da “imagem” pelos diversos observadores, moradores da cidade, e a produção da nova forma urbana por todos.

Na metodologia utilizada por Lynch a percepção dos elementos morfológicos é feita a partir da imagem que a cidade produz e a análise é fundamentada a partir de três componentes: **a identidade, a estrutura e o significado.**

Identifica-se o objeto, distingue-o das outras coisas enxergando suas particularidades, destacando-se assim sua identidade; na sequência busca-se a relação observador versus objeto e os demais elementos urbanos de seu entorno; e, por último, capta-se o seu significado.

O método baseia-se na premissa de que os habitantes de uma cidade formulam um **mapa cognitivo** com a imagem que observam e captam dela. Esse mapa resulta tanto das interpretações pessoais do indivíduo quanto das características físicas e de traçado da cidade, além disso, utiliza também **questionários.**

Ele propõe cinco dimensões básicas para análise da forma urbana e para identificação da boa forma da cidade:

1. A dimensão **vitalidade** é o grau em que a forma do aglomerado populacional suporta as funções vitais, os requisitos biológicos e as capacidades dos seres humanos;

2. **Sentido** é a que busca identificar o grau em que o aglomerado populacional pode ser compreendido e mentalmente diferenciado e estruturado no tempo e no espaço pelos seus residentes;

3. **Adequação** é a forma e a capacidade dos espaços à quantidade de ações desenvolvidas pelas comunidades, ou seja, a adequação dos cenários comportamentais, nomeadamente a sua adaptabilidade a ações futuras;

4. **Acesso** é a capacidade de alcançar, incluindo quantidade e variedade, pessoas, atividades, recursos, serviços, informações ou lugar;

5. **Controle** é o grau em que os espaços e as atividades nele realizadas são controlados por aqueles que os usam.

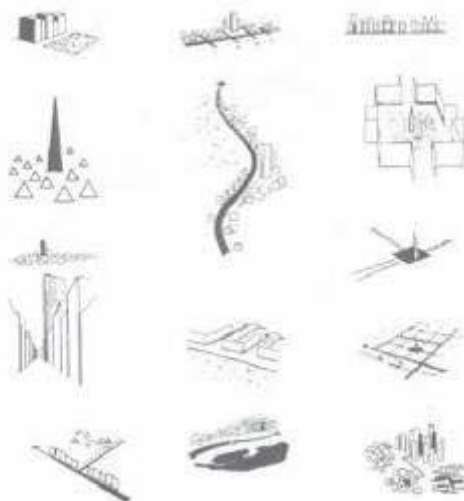


Imagem 01: Ilustração dos propósitos do texto de K. Lynch: Imagem da Cidade  
Fonte: LAMAS: 2004, p. 400

Dentre os autores que desenvolvem métodos de apreensão dos aspectos morfológicos da cidade destacamos Cullen, que acredita que a paisagem urbana pode ser apreendida e suscita reações emocionais, e essa apreensão se dá por meio de três aspectos

que devem ser interligados: o primeiro é o **óptico**, os elementos da cidade podem exercer sobre as pessoas um impacto de ordem emocional despertado pela visão;

O segundo é o aspecto **local**, a capacidade de identificação de nossa posição no espaço, nosso sentido de localização; e o último é o aspecto **conteúdo**, o que constitui a cidade, as cores, texturas, escalas, estilo, natureza e personalidade.

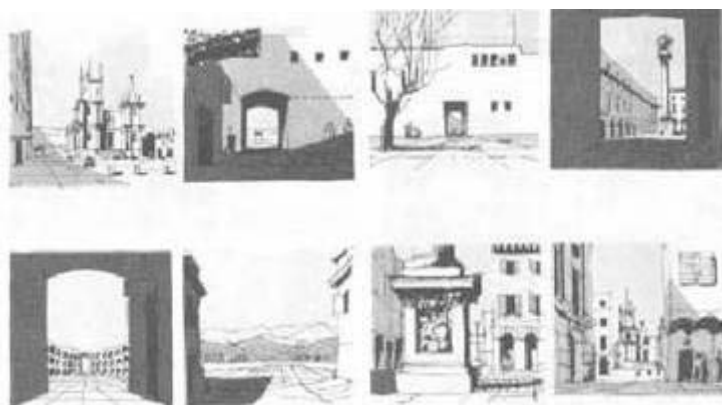


Imagem 02: Gordon Cullen: Townscape. Análise da visão serial num pequeno percurso  
Fonte: LAMAS: 2004, p. 399

Lamas utiliza para análise da forma urbana quatro aspectos: o quantitativo, o qualitativo, o de organização funcional e o figurativo.

- **O quantitativo** representa todos aqueles que podem ser quantificáveis como densidades, superfícies, fluxos, coeficientes volumétricos, dimensões, perfis, dentre outros;
- **O qualitativo** está relacionado aos padrões de conforto e comodidade que o espaço pode oferecer, através dele pode-se verificar elementos do meio urbano como estado dos pavimentos, acessibilidade e conforto;
- **O figurativo** está relacionado aos elementos urbanos capazes de serem captados por todos os sentidos humanos e assim podem

comunicar. São elementos como: som, cheiros, temperaturas, luz, visuais, e outros;

- **O de organização funcional** está diretamente ligado às atividades humanas, como morar, estudar, trabalhar, adquirir e, também, ao uso do solo.

“(...) poderei definir a forma urbana como aspecto da realidade ou modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano, relativamente à materialização dos aspectos de organização funcional e quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos” (LAMAS: 2004, p. 44).

Defendendo a importância do Desenho Urbano na estrutura administrativa governamental e na área acadêmica como área de concentração em cursos novos ou existentes, Del Rio propõe algumas temáticas que conformam o leque de preocupações sobre o desenho urbano, e de onde podemos identificar os pontos principais para a análise e caracterização da Forma Urbana, são elas:

- **As imagens da cidade** - temos sempre que lembrar que a cidade está permanentemente em transformação, essas transformações são ocasionadas principalmente pelo desenvolvimento e podem em muitas vezes comprometerem a imagem constante no repertório e na identidade. Deve-se por este motivo identificar quais os elementos mais importantes desse imaginário, diagnosticando seu estado mutável e propondo ações para protegê-los;
- **Visualidades** – Preocupar-se em identificar e manter as características mais fortes que promovem à qualidade de vida, como a percepção dos espaços abertos, as vistas, os panoramas, a busca da qualidade visual;
- **Identidades Locais** - Promoção e fortalecimento das identidades locais, proporcionando ao homem níveis de conforto psicológicos e sócio-culturais, pois ele necessita se identificar com o território e

seu entorno imediato. E só tomando consciência da história, das partes, dos limites e das comunidades urbanas é que se deve propor as ações de fortalecimento;

- **Relações com o ambiente natural** – As agressões ao meio ambiente, promovidas por processos urbanos, como por exemplo, ocupações irregulares em áreas de encosta, margem de rios, etc., geram riscos de vida e muitas vezes resultam em visuais agressivos. Evitar seria a solução, mas existindo o problema, uma das maneiras de resolver é localizar geograficamente, identificando seus limites e suas características, conhecer seria então o primeiro passo;
- **Relações com a arquitetura existente** – preocupação com a inserção das novas arquiteturas, com o objetivo de impedir o desrespeito a nossa história e conflitos tipológicos, culturais e funcionais. Conhecer e identificar a arquitetura da cidade é o caminho para alcançar esse objetivo;
- **Relações morfológicas** - Atenção ao item - desrespeito morfológico - novas inserções urbanas que não se integram ao tecido existente, a volumetria e tipologia, causam incoerência urbanística, como em alguns casos, por exemplo, de shoppings, condomínios fechados, etc;
- **Espaço Público** – O espaço público é o local onde acontecem os contatos sociais, ao invés de ser usado, valorizado e preservado, ele vem sendo tratado como “terra de ninguém”, tanto pelo poder público como pela população. Estes devem ser alvos de muitos trabalhos, análises e projetos, tanto com intuito de mudar a educação e a cultura do povo em relação aos usos desses espaços, assim como entender os diversos processos e mudanças intrínsecas a eles;

“O espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso livre e participação de qualquer tipo de pessoas” (GOMES: 2002, p. 162).

Para Stephen Carr, o espaço público sendo o local da vida pública permite que pessoas de diferentes grupos culturais estejam em convívio. Talvez por isso também acredite que os problemas estejam mais visíveis nesses espaços, problemas estes causados por conflitos gerados pelos diferentes tipos de apropriação (CARR, apud GOMES: 2002).

Para Habermas público não necessariamente é aquilo que tem acesso a todos, mas com certeza envolvem um reconhecimento público como é o caso dos órgãos públicos, que muitas das vezes possuem restrições à forma e tempo de acesso, mas por adquirirem um poder de representação adquirem a característica de público (HABERMAS, apud GOMES: 2002).

“Chamamos de públicos certos eventos quando eles, em contraposição às sociedades fechadas, são acessíveis a qualquer um – assim como falamos de locais públicos ou de casas públicas” (HABERMAS, apud GOMES: 1984, p.14).

Adotaremos o conceito de espaço público como sendo todos os espaços pensados e projetados para não terem nenhuma restrição de acesso (extraindo-nos assim da discussão de Habermas sobre o que é público e privado) onde podemos citar como exemplos as praças, parques e a própria rua (GOMES: 2002).

- **Variabilidade do acontecimento** – a necessidade de promover a qualidade urbana, que vem diminuindo gradativamente desde o período do movimento moderno, deve ser almejada, e só através da diversidade urbana pode-se obtê-la.

“Uma cidade só se torna socialmente forte, com uma rica mistura social e de usos” (DEL RIO: 1990, p. 120).



Whitehand e Larkahm afirmam que o estudo da forma urbana em países desenvolvidos é um campo já estabelecido na geografia e no desenho urbano (Whitehand e Larkahm, apud Lima: 2004) e que o mesmo não pode ser dito sobre os países em desenvolvimento. Nestes os estudos desenvolvimentistas e etnográficos das cidades nem abordam a forma urbana como um tipo a ser descrito, nem como um enfoque para o estudo de mudanças sociais nas condições de vida (WHITEHAND E LARKAHM, apud LIMA: 2004).

No Brasil os estudos sobre a morfologia urbana, mesmo de forma indireta, já se estendem por um pouco mais de um século. Os primeiros estudos relacionam-se aos aspectos econômicos, sociais e políticos das formas urbanas brasileiras, desenvolvidos por historiadores, como Sérgio Buarque de Holanda e sociólogos, como Gilberto Freire, na 1ª metade do século XX. Em ambos o foco das pesquisas não era a questão morfológica em si, mas ao tratarem de aspectos sociais e culturais da sociedade brasileira, ressaltados em diferentes enfoques, indiretamente estavam contribuindo para o entendimento dos contornos que configuravam a forma urbana no Brasil, nesse período histórico.

Já os estudos morfológicos propriamente ditos, realizados por arquitetos no Brasil nos últimos anos do período moderno, tiveram fortes influências das arquiteturas francesa e alemã. Lúcio Costa, por exemplo, desenvolveu estudos sobre as influências portuguesas na arquitetura brasileira, estudos que buscavam estabelecer os princípios das tipologias construtivas detalhadas, dando atenção às características, dimensões e detalhes das estruturas tecnológicas da construção dos edifícios.

Nesse mesmo momento iniciaram-se pesquisas na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como destaque pode-se citar o arquiteto Sylvio Vasconcelos que contribuiu fortemente para consolidar uma das mais fortes tradições desta Escola: o estudo da evolução da forma urbana e tipologias das cidades coloniais mineiras.

Esses trabalhos podem ser considerados como ponto de partida para diversas pesquisas realizadas sobre a morfologia urbana brasileira nas últimas décadas e encontram-se presentes até os tempos atuais no contexto nacional.

### 1.2.1. AS ESCALAS

Quando se pretende estudar a cidade necessita-se compreender que nessa palavra ou termo está intrínseco um mundo de coisas, fatos e fenômenos. Por isso devemos delimitar bem nosso objeto de pesquisa e para isso nos é oferecido, dentro da escala urbana, três dimensões territoriais, onde podemos escolher a escala mais apropriada aos objetivos propostos.

A escala da rua nos oferece como objeto de estudo a menor unidade ou porção urbana “a Rua”. Com esta escala a movimentação do observador pesquisador é quase nula, pois de um ou dois pontos ele consegue visualizar todo o conjunto urbano em estudo. Os elementos morfológicos passíveis de análise nesta escala são as fachadas, o mobiliário urbano, pavimentos, cores, texturas, letreiros, árvores, monumentos isolados, o que nos mostra que mesmo na menor escala o número de elementos presentes é bastante elevado.



Imagem 03: A Rua  
Fonte: Autora

Já na escala de bairro conseguimos identificar uma verdadeira área urbana, uma estrutura com ruas, quarteirões, praças, ou seja, nela podemos encontrar escalas

inferiores. Os bairros correspondem às partes homogêneas e identificáveis em uma cidade, nesta podemos identificar um dos elementos que não cabe dentro da escala da rua, “o quarteirão”, sendo que é o conjunto dos quarteirões que dá espessura ao bairro.



Imagem 04: O Bairro  
Fonte: Autora

A escala da cidade nos oferece principalmente a possibilidade de entender as relações ou articulações estabelecidas entre as diferentes dimensões urbanas, as ruas, mas principalmente entre os bairros e as áreas com suas respectivas tendências (habitacional, comercial, industrial, etc.). Somente através dessa escala que se pode conseguir uma visão global da cidade e das visadas de certos pontos e identificar as principais características do maior conjunto urbano juridicamente falando, a cidade. Podemos citar alguns tipos reconhecíveis: **cidades lineares, radioconcêntricas, em malha ortogonal, radiais, etc.**

“... a cidade como sistema espacial formado de várias partes com características próprias” (ROSSI: 2001, p.70).



Imagem 05: A Cidade  
Fonte: Autora

Escolheu-se para a realização deste trabalho a escala de bairro. Através da análise dos bairros do Coroadinho e da Cidade Olímpica que conseguiremos alcançar os objetivos propostos. No entanto, devemos destacar que como esta escala engloba escalas menores, iremos também utilizar a escala da rua, para realizar a análise de recortes urbanos menores nas áreas selecionadas do estudo em questão.

### **1.2.2. ELEMENTOS DA FORMA URBANA**

Identificar a forma urbana pressupõe conhecer as partes dessa forma e o modo como se estruturam nas diferentes escalas identificadas e pressupõe, também, conhecer os elementos morfológicos e as suas características. Sendo isso um dos primeiros passos para se estudar e entender essa forma. Entender o traçado - sua origem, características, como são as ruas - estreitas ou largas, retas ou curvas, as edificações - densidades, os gabaritos, a tipologia, a relação entre cheios e vazios, como se articulam os espaços públicos, a vegetação - tipo, densidade, posição, o mobiliário, nos ajuda a entender todo o conjunto e caracterizá-lo.

“A identificação de elementos morfológicos pressupõe conhecer quais as partes da forma e o modo como se estruturam nas diferentes escalas” (LAMAS: 2004, p.79).

Por isso, é necessário saber quais são esses elementos:

## **O SOLO**

O solo também entendido como pavimento é um elemento de grande importância no espaço urbano, pois é nele ou a partir dele que se desenha ou constrói a cidade. No entanto, é também um elemento de grande fragilidade e sujeito a contínuas mudanças por não consistir apenas do solo com sua topografia, mas, também dos revestimentos e dos pavimentos, dos degraus e dos passeios empedrados, dos lances, das faixas asfaltadas e de tantos outros aspectos.

## **OS EDIFÍCIOS**

O edifício é o elemento morfológico mínimo identificável na cidade. É através dos edifícios que se constitui o espaço urbano e se organizam os diferentes espaços identificáveis: a rua, a praça, beco, avenida, e outros espaços mais complexos.

É uma construção destinada a usos pessoais de diversos tipos, habitação, recreação, trabalho, lazer, culto, etc.

“A tipologia edificada determina a forma urbana e a forma urbana é condicionadora da tipologia edificada, numa relação dialética” (LAMAS: 2004, p. 86).

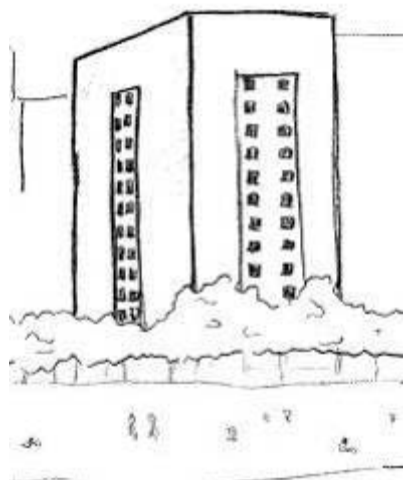


Imagem 06: O Edifício  
Fonte: Autora

## O LOTE

O lote é um princípio essencial da relação dos edifícios com o terreno. É a unidade básica resultante do parcelamento de outro lote ou de uma gleba. Sua forma é, na maioria das vezes, condicionante da forma do edifício e, conseqüentemente, da forma da cidade.

O conjunto de lotes resultantes da divisão de uma gleba produz um loteamento.

“Na unidade de habitação de Le Corbusier, o lote deixa, por assim dizer, de existir, uma vez que o edifício não ocupa o solo definido pela sua projeção vertical. Assenta em pilares que saem de um terreno público, como público é todo espaço circundante...ruptura provocada pela cidade moderna...” (LAMAS: 2004, p. 88).

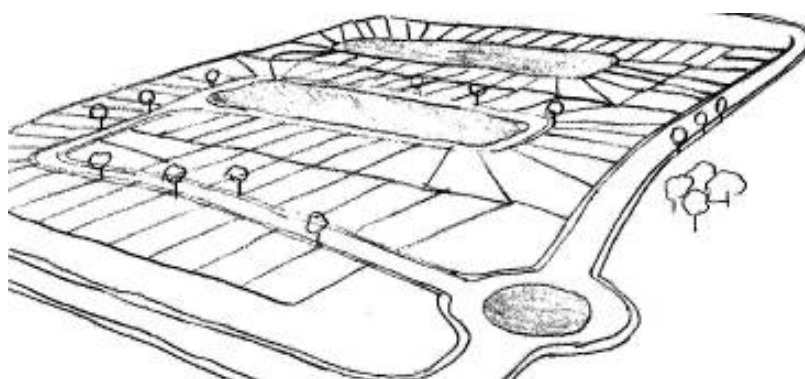


Imagem 07: Loteamento  
Fonte: Autora

## O QUARTEIRÃO

O Quarteirão é um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas de cadastro (lotes) para construção de edifícios. É também um modelo de distribuição de terra por proprietários fundiários. Como é também o modo de agrupar edifícios no espaço delimitado pelo cruzamento de traçados.

Agrupa subunidades, mas pode também constituir a parte mínima identificável na estrutura urbana.

O quarteirão agrega e organiza também os outros elementos da estrutura urbana: o lote e o edifício, o traçado e a rua, e as relações que estabelece com os espaços públicos.

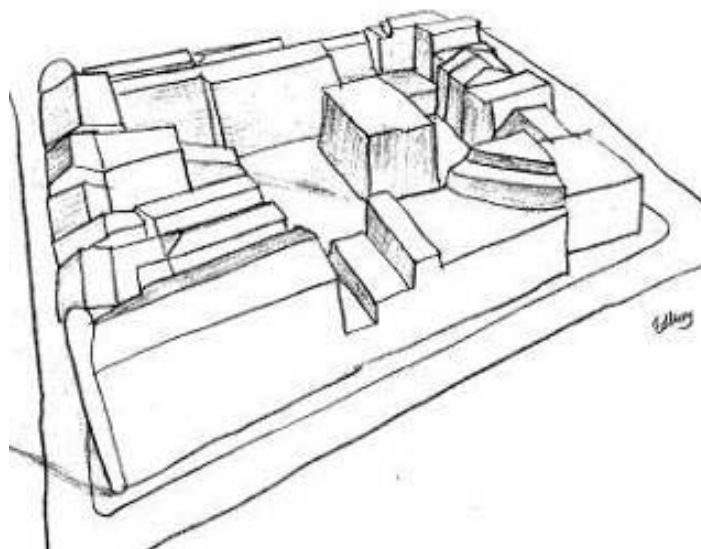


Imagem 08: O Quarteirão  
Fonte: Autora

## A FACHADA

A fachada é o invólucro visível da massa construída, e é também o cenário que define o espaço urbano. Através das fachadas dos edifícios (e dos seus volumes) que se definem os espaços urbanos.

A fachada também tem a função de transição entre o mundo coletivo do espaço urbano e o mundo privado das edificações, ela assume de determinada época a concentração do esforço estético, procurando o aparato, a representatividade, a ostentação e o prestígio, moldando a imagem e a estética da cidade.

A partir do urbanismo moderno, o edifício, conseqüentemente a sua fachada, deixa de ocupar no espaço urbano a posição que detinha na cidade tradicional, passando a ser objeto isolado em redor da qual existe espaço livre. Desaparecem as empenas e os lados passam a serem vistos e a pertencer à imagem da cidade. Nesses casos, a orientação dos edifícios deixa de ser determinada pela orientação dos traçados, deixa de existir a fachada principal para rua. Neste contexto modifica-se fortemente a posição e a importância da fachada na morfologia urbana.





Imagem 09: Fachadas  
Fonte: Autora

## O TRAÇADO / A RUA

O traçado é um dos elementos mais claramente identificáveis tanto na forma de uma cidade como no gesto de projetá-la. Assenta num suporte geográfico preexistente, regula a disposição dos edifícios e quarteirões, liga os vários espaços e partes da cidade e confunde-se com o gesto criador.

Para Poète, Lavedon e Tricart, o traçado tem um caráter de permanência, não totalmente modificável, que lhe permite resistir às transformações urbanas. Assim, encontramos o traçado romano ainda visível em muitas cidades (LAMAS: 2004).

O traçado estabelece a relação mais direta de assentamento entre a cidade e o território. Na análise de M. Poète, a rua ou o traçado relaciona-se diretamente com a formação e crescimento da cidade de modo hierarquizado, em função da importância funcional da deslocação, do percurso e da mobilidade de bens, pessoas e idéias. É o traçado que define o plano – interferido na organização da forma urbana a diferentes dimensões. É também de importância vital na orientação em qualquer uma cidade (LAMAS: 2004).

Desde a rua de pedestres à travessa, à avenida, ou à via rápida, encontra-se uma correspondência entre a hierarquia dos traçados e a hierarquia das escalas da forma urbana.

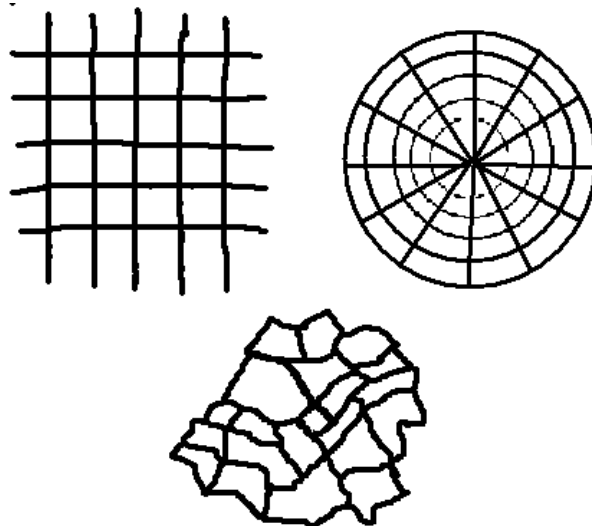


Imagem 10: Traçados  
Fonte: Autora

## A PRAÇA

A praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços, que são resultados acidentais de alargamento ou confluência de traçados. A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa (LAMAS: 2004).

(...), a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes arquiteturas significativas (LAMAS: 2004, p.102).

“A geometria de uma praça pode variar do quadrado ao triângulo, passando por círculos, semicírculos, elipses, paralelogramos regulares e irregulares” (LAMAS: 2004, p.102).

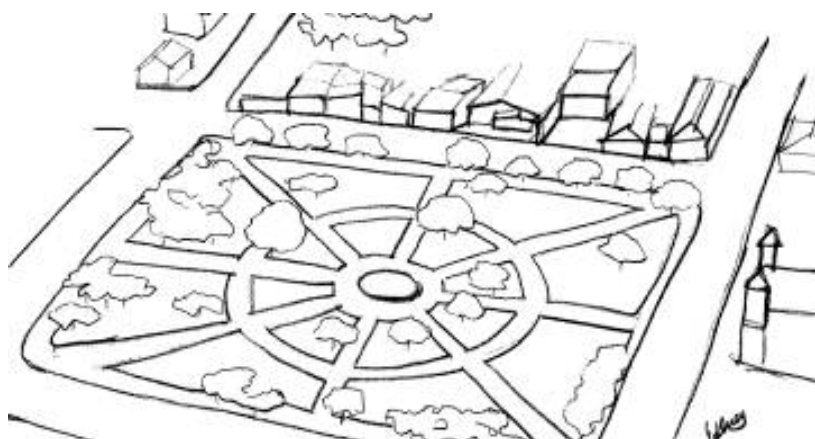


Imagem 11: A Praça  
Fonte: Autora

## O MONUMENTO

O monumento é o fato urbano singular, elemento morfológico individualizado pela sua presença, configuração e posicionamento na cidade e pelo seu significado. Para Poete, é um dos elementos que fundamenta o princípio das permanências – um dos fatos urbanos que melhor persiste no tecido urbano e resiste a transformação. A sua presença é determinante na imagem da cidade.

Não se localiza em qualquer ponto, tem o seu lugar marcado. Serve para compor a fisionomia urbana.

O monumento desempenha o papel essencial no desenho urbano, caracteriza a área ou bairro e torna-se pólo estruturante da cidade. Nas urbanizações operacionais a ausência de monumentos representa, de certo modo, o vazio de significados destas estruturas e o vazio cultural das gestões urbanísticas contemporâneas.

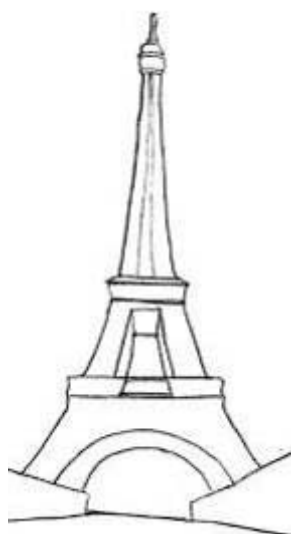


Imagem 12: O Monumento  
Fonte: Autora

## A ÁRVORE A E VEGETAÇÃO

As estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana. Uma rua sem as suas árvores mudaria completamente a imagem. A simples árvore e a vegetação existentes são de grande importância na forma urbana. Um traçado pode ser definido tanto por um alinhamento de árvore como por um alinhamento de edifícios (LAMAS: 2004).

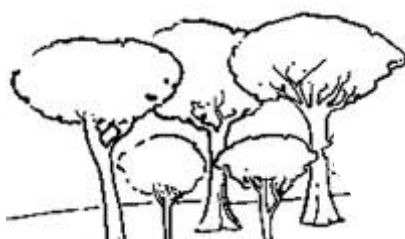


Imagem 13: Vegetação  
Fonte: Autora

## O MOBILIÁRIO URBANO

O mobiliário urbano é constituído por elementos móveis que mobiliam e equipam a cidade: o banco, o chafariz, o cesto de lixo, postes de iluminação, o marco do

correio, a sinalização, dentre outros, ou já com dimensão de construção, como o quiosque, abrigo de transporte, dentre outros. O mobiliário urbano situa-se na dimensão setorial, na escala da rua, não podendo ser considerado de ordem secundária dada as suas implicações na forma e equipamentos da cidade. É também de grande importância para o desenho da cidade e da sua organização e para a qualidade do espaço e da comodidade.

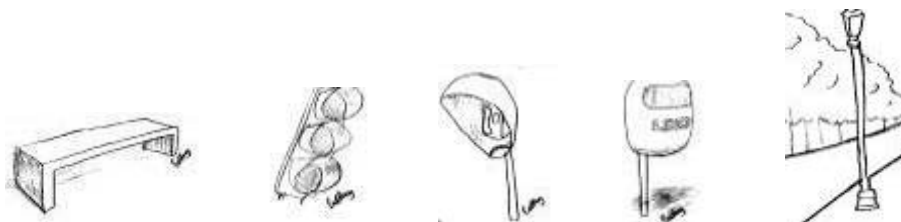


Imagem 14: Mobiliário Urbano  
Fonte: Autora

As particularidades de cada elemento da forma urbana e suas combinações mediante características, disposições, existências, produzem o palco, o suporte, para a realização dos acontecimentos sociais. Dentre os acontecimentos pertinentes podemos registrar as relações de vizinhança, que por ser o contato entre um indivíduo e o(s) outro(s) chamado(s) vizinho ou vizinhos se configuram como acontecimentos pertinentes a um determinado raio das residências, onde dependendo do tamanho do bairro podem se configurar em uma única unidade de vizinhança.

### **1.3. A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA FORMA URBANA**

#### **1.3.1. RELAÇÕES DE VIZINHANÇA**

Quando falamos e ou discutimos sobre relações de vizinhança estamos antes de tudo entrando no universo das ciências sociais, e buscando dentro do conjunto dos diversos tipos de relações sociais destacar e explorar o tipo de relação social denominada de relações de vizinhança, que neste contexto, e para os objetivos almejados, é da maior importância.

Ao tratarmos de vizinhança devemos buscar primeiro a origem, ou a palavra que possivelmente gerou o termo vizinhança, o vizinho, isto é, o indivíduo que mora mais perto e com quem dividimos os mesmos espaços nas escadas, no elevador, no parque, no estacionamento, na rua, na praça mais próxima, enfim, os espaços públicos do mesmo bairro.

A vizinhança é um grupo social, a natureza humana exige que os homens se agrupem e vivam em sociedade, sendo essa uma condição necessária à sobrevivência da espécie humana. De acordo com o Departamento de Direito do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia de Lisboa, o homem durante toda sua vida participa de diversos grupos sociais, o familiar, o vicinal que é o de vizinhança da qual destacamos, o religioso, o de lazer, o profissional, dentre outros. Esses grupos por sua vez podem ser classificados em primários - são aqueles em que predominam contatos mais pessoais, diretos, como a família, os vizinhos, etc.; os secundários - são mais complexos, como as igrejas e o Estado, os contatos sociais, neste caso, realizam-se de maneira pessoal e direta, mas sem intimidade ou de maneira indireta, através de cartas, telegramas, telefone, etc, e o grupo intermediário que são os que alternam e complementam as duas formas de contatos sociais (primários e secundários), exemplo deste tipo de grupo é a escola (CAMPOS: 2008).

Para Gottdiener & Hutchison, as características de uma vizinhança estão intimamente ligadas ao ciclo de vida dos habitantes, diz que o estreitamento entre vizinhos é mais perceptível em comunidades onde existem muitas famílias, com presença de crianças e idosos (GOTTDIENER & HUTCHISON: 2006).

### **1.3.2. IMPORTÂNCIA RELATIVA DAS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA**

Por causa do crescimento espacial e populacional das cidades e também pelo crescimento tecnológico devemos concordar que as relações de vizinhança se enfraqueceram ou até mesmo desapareceram em alguns contextos. Quando lembramos da nossa infância não tão remota ou até mesmo das histórias dos nossos pais e avós

percebemos que os vizinhos faziam parte delas, hoje, com a correria do dia a dia, com o movimento frenético e com o tempo que já não dá tempo para nada, a maior parte das pessoas passa muito tempo no trabalho, longe de casa e até mesmo dentro de casa trabalhando, e quando chegam ou quando resolvem sair a vida na rua já adormeceu, desse modo não se sabe quem mora ao lado, à frente, ou na esquina. Isso acontece até em prédios residenciais, onde o contato deveria ser facilitado pelo cruzamento dos moradores nas torres de escada e elevadores de acesso, isto, no entanto, não acontece. Esse procedimento vai se intensificar mais ainda, nos bairros, nos espaços comuns como: a rua, a calçada, a praça, o parque.

Podemos dizer, então, que a vizinhança é um fenômeno que está em transformação, vítima de uma nova dinâmica econômica e social que alterou profundamente o modo como se opera a socialização nos países. Nessa perspectiva, cultivar relações com os vizinhos constitui hoje em dia uma dificuldade, não sendo assim reconhecida porque os indivíduos não valorizam os laços de vizinhança, não sentem a sua falta, como era antes no passado.

Nas décadas de 20 e 30, com o aumento do êxodo rural, por causa das indústrias, a preocupação da sociologia urbana com influencia do espaço sobre o comportamento, foi intensificada. Acreditavam que só nas pequenas cidades existiam sentimentos comunitários resultantes de laços mais estreitos nas relações sociais. Luis Wirth, da Escola de Chicago, acreditava que fatos como criminalidade, os divórcios, doenças mentais, dentre outros, eram ocasionados pelo declínio e estreitamento das relações sociais na comunidade, existentes nas grandes cidades (GOTTDIENER & HUTCHISON: 2006).

Alteram-se assim as formas como interagimos e nos relacionamos nos ambientes urbanos devido às mudanças de hábitos e de costumes de vida. O espaço físico conheceu uma nova organização, alargaram-se as ofertas para a ocupação do tempo e com estas transformações desapareceram do meio urbano, em muitos lugares, os laços de vizinhança assentados em valores como a proximidade, a solidariedade, valores que

intensificam a própria importância dos laços de vizinhança. A falta destes pode ser vista como um fator que estimule a solidão, a insegurança e até a exclusão social.

Em uma matéria da rádio internacional da China chamada “Festival dos vizinhos estreita relações” de setembro de 2006, podemos observar o seguinte comentário em relação aos contatos de vizinhança, em que pese as diferenças culturais entre o mundo ocidental e o oriental:

“(…) antigamente, várias famílias dividiam um pátio em comum e usavam a mesma cozinha e banheiro. No cotidiano, os vizinhos costumavam visitar a casa uns dos outros e as relações entre eles eram muito próximas. Com o desenvolvimento social, as condições de alojamento dos habitantes urbanos mudaram, passando a viver em edifícios e possuir cozinha e banheiros privados. Devido ao rápido ritmo de vida nas cidades e o reforço da consciência de privacidade, os intercâmbios entre os vizinhos ficaram cada vez menores” (CRI: 2006).

Segundo Hao Maishou (CRI: 2006), professor da área das Ciências Sociais, a indiferença entre os vizinhos dificulta e impede os intercâmbios de informações e sentimentos, causando isolamento e insegurança. Além disso, devido à falta de contatos necessários os vizinhos podem encontrar conflitos causados por coisas insignificantes. Especialistas dizem que a boa vizinhança faz bem a saúde dos indivíduos, das famílias e à estabilidade da sociedade (CRI: 2006). Porém, destacamos o pensamento de Maishou como expressão apenas de um ponto de vista, pois no contexto atual dos estudos antropológicos esse tema aborda outros aspectos: não necessariamente todos os indivíduos ou grupos de indivíduos se sentem isolados e inseguros com os restritos contatos entre vizinhos, pois a tecnologia proporcionou ao homem contatos interpessoais, sem necessariamente precisar de contatos físicos periódicos.

Os trabalhos atuais de antropologia, em geral, não focalizam mais a perda das relações de vizinhança, mas ressaltam aspectos das mudanças ocorridas no interior dessas relações. Vianey, por exemplo, diz que os condomínios fechados resgatam um pouco a proximidade e a afetividade entre vizinhos, apesar de não ser na mesma intensidade que havia anteriormente. No entanto, essa proximidade é algo mais planejado, e não volta mais como o que se tinha antigamente (VIANEY, apud CORRÊA: 2008).



### **1.3.3. A UNIDADE DE VIZINHANÇA NA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS CIDADES**

O conceito de Unidade de Vizinhança (UV) foi formulado originalmente por Clarence Arthur Perry no início do século XX, inspirado em Ebenezer Howard. A sua concepção apresentava-se com duas preocupações básicas: a primeira relacionada a distribuição dos equipamentos de consumo na escala da cidade; e a segunda buscava a recuperação de valores de uma vida ao nível local, desde então, já havia a preocupação com as relações de vizinhança consideradas enfraquecidas com as transformações urbanas, principalmente depois do impacto do desenvolvimento industrial. Percebe-se a existência da idéia de uma reformulação estrutural da forma urbana, que buscava alcançar tais objetivos. As transformações físicas se dariam basicamente no sistema viário e na localização dos equipamentos, sem grandes alterações no sistema de parcelamento dos lotes residenciais.

A Unidade de Vizinhança (UV) proposta por Clarence Arthur Perry (1923) tinha as seguintes características: o tamanho proporcional à escola elementar, ou seja, a unidade educacional implantada serviria como condicionante a quantidade de habitações e a densidade populacional da UV. A UV deveria limitar-se por todos os lados por ruas suficientemente largas para facilitar o tráfego, ao invés de ser penetrada pelo tráfego de passagem; os espaços públicos deveriam caracterizar-se por um sistema pequeno de parques e espaço de recreação planejados para atender as necessidades do tamanho da unidade de vizinhança; as áreas institucionais ou instituições deveriam estar agrupadas em lugar central, o comércio oferecido na junção das ruas de tráfego e adjacente ao comércio de outra unidade de vizinhança e o sistema espacial de ruas internas, cada rua proporcional à carga de tráfego, desencorajando o tráfego de veículos e facilitando o de pedestres (PERRY, apud BARCELOS: 2008).

A preocupação de Perry com o planejamento escolar tem origem na sua experiência profissional com a implantação de escolas, é daí que ele considera que todas as habitações deveriam estar dentro de convenientes limites de acesso à escola elementar. Propõe, para isso, a inversão dos processos usuais, ou seja, ao invés da área residencial e

sua população produzirem a definição e dimensionamento da escola, ele sugere que a área residencial deva ser dimensionada de modo a garantir habitação para aquela população, para a qual a escola era comumente requerida, atribuindo assim à escola o papel de elemento dimensionador da área residencial. Perry também sugere a construção do centro comunitário, reforçando o papel aglutinador da comunidade. Esta teoria se apóia no conceito sociológico de vizinhança que em seu entendimento clássico é uma área onde os habitantes se conhecem pessoalmente, têm habito de se visitar, ou de trocar objetos, serviços e de fazer de vez em quando coisas em comum (BARCELOS: 2008).

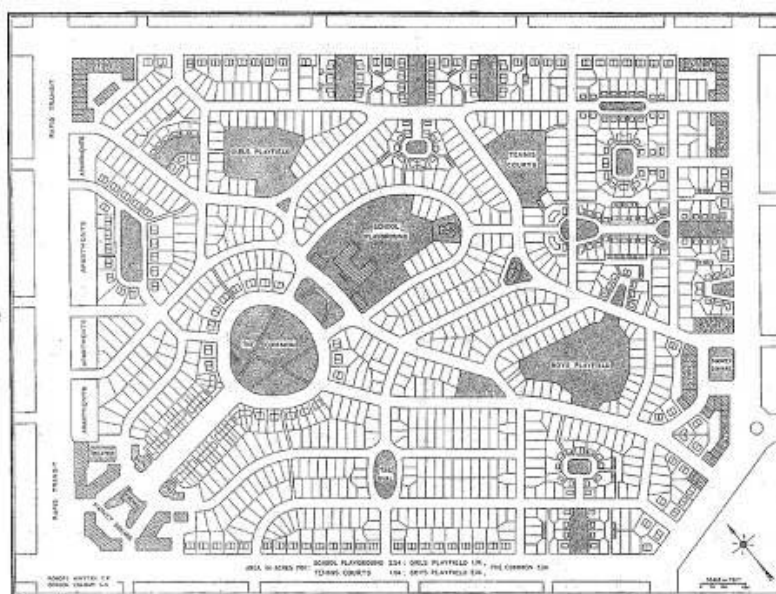


Imagem 15: Plano de uma UV esboçado por Perry.  
Fonte: PERRY, apud BARCELOS: 2008

As concepções de UV ganham repercussão primeiramente nos Estados Unidos sendo usadas nos planos de uma série de cidades e expansões urbanas. Na Europa, especialmente na Grã-Bretanha, as idéias de UV alcançam grande repercussão nos trabalhos de reconstrução do pós-guerra, pelas afinidades com as idéias de cidade-jardim, antes bastante disseminadas, no entanto, as idéias de UV sofrem aí grandes transformações, condicionadas por fatores culturais e econômicos daquele momento (BARCELOS: 2008).

No Brasil a primeira aplicação das idéias de UV que se tem notícia é a construção da Cidade dos Motores em 1947, também denominada Fabrica Nacional de

Motores – FNM, projeto do arquiteto espanhol Jose Luís Sert, situada no município de Duque de Caxias, RJ, na verdade uma expansão urbana que só parcialmente foi implantada, sendo uma fábrica de tratores e uma área residencial para trabalhadores organizada em quatro UV's e equipada com escolas, comércio e um estádio esportivo (BARCELOS : 2008).

Pode-se destacar outra experiência de aproveitamento das idéias de UV, o caso do Conjunto do Pedregulho de 1950 e a Unidade Residencial da Gávea de 1952, ambas do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, não chegam propriamente a configurar uma UV, poderiam ser melhor entendidas como "amostras" das idéias que funcionaram como elemento de divulgação, ou como modelos próximos ao proposto pelas UV's (BARCELOS: 2008).

Certamente das experiências da fase inaugural das idéias de UV no Brasil, a de maior complexidade é aquela proposta pelo padre Louis-Joseph Lebreton (1956), que não se prende a aspectos puramente arquitetônicos, mas dá ênfase às questões sociais, onde identifica na cidade preexistente a UV, através da qual busca compor uma hierarquia, que visa desconcentração política administrativa, cujo objetivo final seria a reversão total do quadro urbano existente (BARCELOS : 2008).

“A presença de Lebreton no Brasil na década de 50 coloca em grande evidência as idéias de UV que passa ser disseminada, não só nos meios profissionais, mas chega inclusive à grande imprensa, como ilustra um dos editoriais do jornal O Estado de São Paulo de 22/06/56” (BARCELOS : 2008).

"(...) avistamo-nos então com o Padre Joseph Lebreton e de seus lábios ouvimos o que nossos urbanistas repetem todos os dias e esta folha tem procurado difundir com lealdade: é necessário mudar o sistema de urbanização, imprimindo à cidade uma estrutura orgânica, isto é, criando distritos residenciais e unidades de vizinhança" (IBAM, apud BARCELOS: 2008).

As idéias da UV podem ser identificadas no desejo de organizar a nova capital do Brasil, anterior mesmo ao plano de Lúcio Costa, pois em 1955, dois anos antes do concurso, urbanistas pela Comissão de Localização da Nova Capital usam as concepções de UV no projeto da cidade que se chama então de Vera Cruz.

“Na memória deste projeto, seus autores assim se referem: "Os espaços residenciais (...) servidos por uma rede de circulação ao abrigo do tráfego

intensivo, reservando-se espaços livres para escola, jardins, recreação e pequeno comércio (unités de voisinage)" (SILVA, apud BARCELOS: 2008).

O projeto de Brasília é reconhecido pelas superquadras, onde o setor habitacional na parte norte e na sul margeiam o Eixo Rodoviário, composto por uma sequência de grandes quadras, por isso o nome.

"As superquadras residenciais, assim designadas não tanto por se pretenderem superiores mas porque são grandes, agrupando-se em número de quatro, constituindo cada conjunto uma unidade de vizinhança autônomas, com escolas, comércio local, facilidades de recreio, etc. O tráfego motorizado é delimitado e contido nas áreas internas de acesso aos blocos residenciais e respectivo estacionamento; todo o restante da quadra, inclusive a periferia arborizada é privativa dos pedestres – gente, portanto, e as mães, distantes seis mil milhas de Harlow poderão ver os filhos correr sem risco para a escola" (COSTA, apud BARCELOS : 2008).

A concepção clássica de UV em Brasília origina-se do desejo de restaurar a vida social de nível local e no desejo de organizar os equipamentos de consumo coletivo que acabam resvalando para a organização do conjunto da cidade. Porém, a concepção que Lúcio Costa engendra como meio de estruturar o setor habitacional de Brasília não passa ao largo destas preocupações, embora apresente peculiaridades como, por exemplo, o fato de ser fracionada em quatro superquadras. As proposições de Lucio Costa encontram diferenças entre a concepção de Perry, a partir do momento que há a inversão do papel da escola no dimensionamento da área residencial, pois em Brasília, a área residencial determina a existência e o dimensionamento das escolas que passam a estar referidas, em parte, às superquadras.

#### **1.3.4. AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA E A FORMA URBANA**

Vimos no início do capítulo que os diversos campos do conhecimento que se preocupam com o tema da forma urbana estão relacionados à ação humana. Ainda nessa perspectiva queremos destacar os estudos realizados na psicologia ambiental que direcionam o foco da inter-relação pessoa-ambiente, numa perspectiva mútua de influências.

“Entende-se que tanto as pessoas modificam os ambientes como os ambientes interferem no comportamento das pessoas” (ALVES & BASSANI: 2004, p.01).

“Segundo Aragonés e Amérigo (2000), o meio ambiente, ou ambiente sócio-físico, inclui tanto os ambientes naturais (rios, florestas, etc.) quanto os construídos pelo homem (casas, cidades, etc.) e as inter-relações sociais envolvidas” (ALVES & BASSANI: 2004, p. 02).

Por tratar do espaço e da análise das percepções, atitudes e comportamentos individuais e comunitários em relação aos contextos físicos e sociais em que está inserido, importa caracterizar as transações pessoa-ambiente em diferentes níveis (ALVES & BASSANI: 2004, MOSER: 2001) citados a seguir:

- Nível I ou nível individual: microambiente, espaço privado.

Exemplos: residência, local de trabalho;

- Nível II ou nível da vizinhança-comunidade: ambientes compartilhados, espaços de uso comum.

Exemplos: blocos de apartamentos, espaços públicos próximos a residência;

- Nível III ou nível indivíduo-comunidade: ambientes públicos, paisagem, espaços intermediários.

Exemplos: hospital, cidades, campo, aldeias;

- Nível IV ou nível social: ambiente global, em sua totalidade, abrangendo tanto o ambiente construído como o natural.

Exemplo: recursos naturais.

“os estudos da Psicologia Ambiental não são do ambiente físico em si, mas de suas características e relações que venham a facilitar ou dificultar as interações sociais e as necessidades humanas” (ALVES & BASSANI: A Psicologia Ambiental como Área de Investigação da Inter-Relação Pessoa-Ambiente, apud BASSANI: 2004 p. 153).

O nível o qual nos interessa e podemos destacar é o nível II vizinhança-comunidade onde a preocupação é entender como os ambientes e suas características físicas podem influenciar nas relações entre vizinhos, na comunidade.

Gambim quando escreve sobre a influencia de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais destaca que o estudo da vizinhança sob o aspecto da interação social observável e na troca de ajuda, informações ou objetos, tem buscado estabelecer uma relação entre componentes da interação social e as características físicas e composicionais do ambiente, numa tentativa de quantificar a interação e verificar a influencia desses aspectos quanto à existência, favorecimento ou diminuição das relações humanas (GAMBIM: 2007).

“De acordo com estudos realizados (entre outros, Kim & Kaplan, 2004; Skjaeveland & Garling, 1997), os atos de apoio mútuo na vizinhança consistem da combinação de sentimento de proteção e ajuda mútua e influenciam na redução do stress. Esses comportamentos parecem sofrer influencia dos componentes do ambiente residencial – espaços semi-privado, aparência visual, controle, ambientes para sentar, quantidade de residências, amplitude do espaço, tipo de entrada, espaço aberto estruturado (Skjaeveland & Garling, 1997; Kim & Kaplan, 2004), sendo as marcas territoriais, como personalização e manutenção, os componentes de efeito mais expressivo” (GAMBIM: 2007, p. 23).

Segundo Gambim, o comportamento espacial dos indivíduos é geograficamente localizado e dependente da organização do ambiente, considerando os aspectos de congruência entre um ambiente construído e necessidades de seus usuários a organização do espaço é entendida não apenas como possível antecedente do comportamento ambiental, mas como expressão dos usos que as pessoas fazem do espaço (GAMBIM: 2007).

A complexidade das interações entre os ambientes físicos, culturais e pessoais são geradas pela vasta quantidade de atividades aí envolvidas, por este motivo Gambim afirma que as relações sociais e sócio-espaciais têm sido investigadas nos vários lugares urbanos. E destaca a afirmação de Rapoport (2003) que o estudo das relações sociais, quanto sua extensão espacial é fundamental (RAPOPORT, apud GAMBIM: 2007).

No mesmo trabalho Gambim cita os principais fatores físico-espaciais e as suas características que podem interferir no modo como é feita a interação social em ambientes residenciais urbanos. Diz que o tamanho da vizinhança influencia na quantidade de interação sócio-espacial e que esse fator está ligado ao fator proximidade, promovendo o contato face-a-face dos indivíduos incentiva os contatos sociais; o aumento de unidades residenciais pode implicar uma maior quantidade de acessos privados na relação com o espaço público, com o maior encontro entre os residentes gerados pelas entradas e saídas de suas edificações.

O tamanho das quadras, a largura das ruas, a quantidade de espaços e áreas públicas, tamanho e configuração dos lotes, a malha urbana, a existência e características das calçadas, a presença de vegetação, a aparência das edificações (fachadas), podem também responder a um maior ou menor nível de contato social no mesmo ambiente residencial, o que indica que o padrão de ocupação de uma área pode ser uma variável para se verificar o potencial de interação que por sua vez pode determinar o nível de conflitos.

Jane Jacobs acredita que uma boa vizinhança urbana consegue um equilíbrio quando existe a determinação das pessoas de ter um mínimo de privacidade e seu desejo concomitante de poder variar os graus de contatos e de auxílios mantidos com as pessoas que as rodeiam. Esse equilíbrio é em grande parte constituído de pequenos detalhes manejados com sensibilidade e aceitos e praticados de maneira tão informal que normalmente nem são percebidos (JACOBS: 2007).

Discorre também sobre a idéia de tamanho de uma vizinhança para que ela funcione bem e diz que onde quer que funcionem bem as vizinhanças não tem nem começo e nem fim que as distinga como unidades separadas. O tamanho difere até para as pessoas do mesmo lugar, porque algumas delas vão mais longe, ficam mais tempo na rua ou têm conhecidos que se encontram mais longe que os de outras pessoas. Sem dúvida grande parte do êxito dessas vizinhanças depende da sua sobreposição e da sua interpenetração para além das esquinas (JACOBS: 2007).

### **1.3.5. OS CONFLITOS NAS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA**

A proximidade entre os indivíduos de um mesmo grupo é, em princípio, um fator gerador de conflito. Ou seja, quanto mais próximo, quanto maior a convivência, maior a possibilidade de existirem conflitos.

Os conflitos de vizinhança são tipos de conflitos interpessoais ao nível do grupo vicinal. Os conflitos, sejam em qualquer grupo, sempre existiram, pois estão presentes nas relações humanas. Possuem diversas origens: diferenças de pontos de vista entre pessoas, pluralidade de interesses, necessidades e expectativas, diferenças entre formas de agir e de pensar, além destes, novos conflitos apareceram nas últimas décadas decorrentes das mudanças econômicas e de mercado gerando aumento da concorrência e competição. Os conflitos são importantes para o crescimento e desenvolvimento de qualquer sistema, seja ele social, político, familiar ou organizacional, desde que seja medido, e se tenha trabalhos conciliadores e preventivos quando necessários.

As formas de mediações dos conflitos contribuem para as suas gestões, tornando as partes envolvidas, dentre outros, conscientes das causas reais que originaram a situação conflitante, deixando-as mais preparadas para as negociações.

Isso é tão claro que, além das diversas leis que dirimem conflitos em qualquer um dos grupos, existe uma especificidade quanto ao grupo vicinal, estabelecidos no Capítulo V, Título III, Livro III da lei 10.406 de 2002 que determina os Direitos de Vizinhança, no Código Civil.

Os juristas buscam particularidades nas relações de vizinhança para construir subsídios nas elaborações dos direitos a ela atribuídos. Apesar da existência de leis muitos conflitos ainda não conseguem ser resolvidos por ficarem fora do âmbito judicial, no entanto, muita coisa já pode ser resolvida baseando-se nos “direitos de vizinhança”, tais como estabelecidos na lei.



As regras estabelecidas nos direitos de vizinhança objetivam, em primeiro lugar, assegurar a coexistência pacífica entre os vários proprietários, particularmente os confinantes, ou seja, os vizinhos; em segundo lugar, regular as relações entre estes a fim de evitar abusos de direitos limitando as prerrogativas individuais dos proprietários e regulando a convivência (WAQUIM: 2007).

Segundo Waquim (2007) os direitos de vizinhança estão assim divididos:

- **Do uso nocivo da propriedade e do abuso de direito temos como exemplos:** Poluição de águas comuns pelo lançamento de resíduos, existência de árvores que ameaçam tombar no prédio contíguo, festas noturnas espalhafatosas em residências, etc; das árvores limítrofes, exemplos: quando as árvores nascem nos confins entre dois prédios; quando há a invasão de um prédio pelos ramos e raízes de árvore pertencente ao prédio contíguo e a questão sobre a propriedade dos frutos caídos de árvore situada em terreno confinante.
- **Da passagem forçada, existem apenas três condições para a ocorrência** - quando o imóvel pretensamente encravado esteja, efetivamente, sem acesso a via pública ou, quando este acesso existe, porém de forma insuficiente ou inadequada; quando o prédio seja *naturalmente* encravado, ou seja, não pode ter sido provocado, nem ao menos culposamente, pelo seu proprietário; nestes casos o proprietário do prédio por onde se estabelece a passagem forçada receberá uma indenização, nos termos do art. 1.285 do CC, fixada judicialmente ou por convenção e que esse direito seja exercido por seu titular legítimo: o proprietário, usufrutuário.
- **Das águas** - refere-se a cinco situações: águas que fluem naturalmente do prédio superior neste caso a lei impõe ao dono do prédio inferior a obrigação de receber as águas que correm

naturalmente do superior, já em relação às águas impróprias, o proprietário do prédio superior deve fazer obras que evitem que estas águas escoem para o terreno vizinho, devendo indenizar este por eventuais prejuízos. Águas levadas artificialmente ao prédio superior, de acordo com Código das Águas, é obrigado ao prédio inferior receber as águas prevendo a ele indenização pelos prejuízos. Das fontes não captadas, se o proprietário do prédio inferior tem a obrigação de receber as águas naturais do prédio superior, também tem direito aos sobejos limpos, exemplo: ao proprietário de nascente que impedir o curso das águas, ou consumi-las além de suas necessidades, de má-fé, pode ser obrigado judicialmente não só a reparar os danos causados, como também a cessar os atos prejudiciais. Com relação às águas pluviais, o Código de Águas estabelece que pertençam ao prédio em que caírem diretamente, podendo o dono do terreno dispor livremente, salvo existindo direito alheio em sentido contrário nem podendo ser estas águas desviadas de seu curso natural. E com relação aos aquedutos, estes representam o direito do proprietário canalizar, em proveito agrícola ou industrial, as águas a que tem direito, mediante prévia indenização.

- **Dos limites entre prédios e da demarcação** - a contiguidade entre os prédios implica na necessidade de delimitação entre seus espaços, a fim de evitar disputas sobre domínios.

Os objetivos da ação demarcatória, segundo nosso Código Civil, vão desde o levantamento de linha divisória entre dois prédios e avivação de rumos apagados, até a renovação de marcos destruídos ou arruinados, podendo o proprietário ajuizar tal ação mesmo quando não se encontrar na posse do imóvel, situação na qual pode cumular a ação demarcatória com a de restituição das áreas.

- **Do direito de construir** - o direito de construir deve sofrer limitações e restrições sempre que representar prejuízo à segurança, sossego e saúde da vizinhança, estas limitações e restrições não são representadas apenas pelas determinações dos direitos de vizinhança, mas também pelas regras administrativas, que geralmente cabem ao Município.
- **Do direito de tapagem** – garante ao proprietário o direito de cercar, murar, valar ou tapar de qualquer modo seu prédio, seja este urbano ou rural.

Medir conflitos trata-se de identificar em determinado recorte espacial e social, as variáveis responsáveis pelos mesmos. Neste trabalho busca-se identificar quais os conflitos gerados a partir da condicionante ou variável forma urbana, levando em consideração a diferença existente entre a forma urbana dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica

Nos próximos capítulos estaremos identificando e caracterizando as diversas variáveis que possam responder aos conflitos existentes nas relações de vizinhança nos bairros em análise. Contudo, buscando responder a hipótese levantada no início deste trabalho, a seguir lançaremos uma análise da forma urbana e uma análise comparativa entre elas, utilizando para tanto imagens dos traçados, quadras, lotes, edificações, arborizações e fotografias dos bairros e dados referentes as relações de vizinhança presentes nas áreas em questão.

Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do  
Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

**CAPÍTULO 2**  
**OS APORTES EMPÍRICOS DA PESQUISA:**  
**O CASO DO COROADINHO E DA CIDADE OLÍMPICA**

## **2. OS APORTES EMPÍRICOS DA PESQUISA: O CASO DO COROADINHO E DA CIDADE OLÍMPICA**

No capítulo anterior discutimos conceitualmente a forma urbana e as relações de vizinhança e mostramos, através de abordagens de diversos autores, como é possível se manter uma relação bastante estreita entre os dois termos.

Vimos também que alguns autores concordam sobre o peso que o ambiente construído e suas características podem exercer sobre o modo de vida das pessoas. Já aqui iremos explicar e enumerar todas as fases e procedimentos adotados na pesquisa de campo, objetivando descobrir, se existe, e existindo, qual o grau da interferência da forma urbana sobre as relações de vizinhança dos bairros do Coroadinho e da Cidade Olímpica, questão que buscou se responder através do quadro comparativo das análises desses bairros.

### **2.1. RECORTE ESPACIAL PARA ANÁLISE**

Os bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica, escolhidos como recorte espacial para estudo, pertencem ao município de São Luís, capital do Maranhão, localizado na face ocidental da ilha de mesmo nome. A cidade divide o espaço da ilha com outros três municípios: São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa, ocupando mais da metade (57%) de sua extensão territorial, pertencendo-lhe ainda as ilhas de Tauá-Mirim, Tauá-Redondo, do Medo, Duas Irmãs, Guarapirá e das Pombinhas.

A localização geográfica está entre os paralelos segundo e terceiro ao Sul do Equador e entre os meridianos 44° e 45° a Oeste de Greenwich, apresenta altitude média de 24 metros e Fuso Horário 3hs GMT. Com uma área de 831,7 km<sup>2</sup> em solo insular, apresenta os seguintes limites:

- Norte - Oceano Atlântico;
- Oeste - municípios de Cajapió e de Alcântara;
- Sul - município de Rosário;
- Leste - município de São José de Ribamar.

A população do município de São Luís está distribuída em um centro urbano com 112 bairros e 122 povoados que formam a sua zona rural.



Imagem 16: Localização/ São Luís

Fonte: Autora, adaptação e combinação de imagens do site [http://www.cbcrs.inpe.br/download/sao\\_luis.jpg](http://www.cbcrs.inpe.br/download/sao_luis.jpg)



Imagem 17: Área Urbana de São Luís / Localização Coroadinho e Cidade Olímpica

Fonte: Prefeitura Municipal de São Luís-MA

Cidade fundada pelos franceses e colonizada por portugueses teve sua origem onde hoje se denomina Avenida D Pedro II, onde estão localizados o Palácio do Governo e a sede administrativa do município. A partir daí expandiu-se dando origem ao núcleo urbano hoje chamado de centro antigo e imediações, permanecendo com esses limites até o final do séc. XIX, quando surgiram as primeiras indústrias na cidade, têxteis; isso representou a expansão da malha viária e o aparecimento dos primeiros bairros suburbanos e operários, como é o caso do Anil, próximo a fábrica têxtil do Rio Anil (9 km do centro), mas como a taxa de crescimento populacional entre o período de 1900-1920 fora muito pequena, 1,08% a.a, a situação urbana pouco se modificou.

A expansão urbana que seguiu a linha do bonde até o bairro do Anil, fez surgir novos bairros, geralmente operários em torno das fábricas, tais como: o Anil, a Camboa, o Fabril, o Madre Deus e o São Pantaleão.

A chegada dos anos 30 e 40 do século 20, as transformações econômicas geradas pela perda da atividade agro-exportadora e a estagnação do crescimento das atividades fabris, efeito da decadente tentativa de industrialização na capital, repercutiram na ocupação espacial da cidade onde a população de renda mais elevada deslocou-se do centro antigo para o novo bairro “Monte Castelo” localizado ao longo da Avenida Getúlio Vargas, principal via de expansão da malha viária em direção aos bairros operários. Com o esvaziamento da área central houve desvalorização e por fim a ocupação por população de baixa renda.

“Nos anos 30, o núcleo primitivo da cidade, com seu porto comercial, já não é lugar saudável para as famílias abastadas, que se transferem, com a substituição de antigos casarões por edificações novas, para os bangalôs, residências que cumpriam as exigências da legislação sanitária em vigor” (LOPES: 2008, p. 27).

“É na década de 40 que a política de integração nacional do governo Getúlio Vargas, reorganizando o sistema de distribuição de mercadorias por transporte rodoviário a partir dos centros industriais do sudeste do país, mergulhará o Maranhão em uma estagnação econômica na qual São Luís perde seu papel de hegemonia comercial e industrial na região e se converte em centro administrativo por excelência” (LOPES: 2008, p.29).

Na década de 50 as mudanças urbanas ocorreram em função dos investimentos regionais, principalmente a implantação de rodovias e ferrovias federais e estaduais que ligam São Luís a outras cidades do estado e também a cidades de outros estados, como Teresina no Piauí, proporcionando um aumento nas importações e exportações. Esses acontecimentos transformaram a cidade em um polo atrativo às populações do interior do estado. A partir daí presenciou-se o início do aumento desenfreado do contingente populacional de São Luís, contribuindo para elevação do número das ocupações habitacionais na capital, algumas vezes induzidas e monitoradas pelo poder público municipal e ou estadual, mas outras tantas de maneira clandestina, no que diz respeito à legalidade dada pelo poder público, com pouca ou nenhuma infraestrutura e muitas vezes em áreas de grande interesse ambiental, mas também de grande risco como encostas de morros, várzeas e mangues.

Em 1966, quando assumiu o governo, José Sarney construiu um plano de governo conhecido como “Maranhão Novo”, com objetivo de incorporar o Maranhão no processo desenvolvimentista da sociedade moderna que aos poucos se consolidava. A ampliação e melhoria da infra-estrutura implantada nos anos 50 de ferrovias e rodovias e os projetos de implantação futuros de grandes projetos industriais como ALUMAR, CVRD, CODOMAR e USIMAR, presentes nos planos do governo, contribuiriam para o aumento do êxodo rural, pois a distancia entre o interior e a capital diminuía à medida que aumentavam as esperanças do homem rural na busca por melhorias de vida e de subsistência.

“O êxodo no Maranhão se fez notar no momento em que o governo estadual resolveu vender as terras da união a grandes empresas nos anos 70 e facilitou a grilagem. Sem terra para trabalhar, o lavrador foi obrigado a procurar outra saída para sobreviver: o garimpo, as grandes obras da hidrelétrica do Tucuruí, da ferrovia Carajás, da ALUMAR, e de outras fabricas em São Luís” (Silva, apud GISTELINCK:2006, p.110).

Mas essa esperança logo acabava ao chegarem e se depararem com um setor que necessitava de uma maior qualificação profissional, onde a maioria não se encaixava, aumentando assim o número de desempregados na capital, que buscavam no setor informal do comércio ou na construção civil a amenização dos seus problemas. O novo contingente populacional da cidade gerou o alargamento das áreas periféricas e a



consequente aceleração da proliferação de ocupações habitacionais de todos os tipos em solo ludovicense.

“Em São Luís, o processo de migração campo cidade se intensifica, grande parte da população migrante não encontra emprego fixo e bem remunerado, as formas de sobrevivência baseiam-se nos serviços domésticos e no mercado informal. As formas mais comuns de moradia associadas a tais condições passam a ser a palafita, o aluguel, a auto-construção, a “morada de favor” e a co-habitação” (LUZ: 2004, p.38).

### Surgimento das Áreas de Ocupação entre 1930-1999

Ano	Nº	Nome
1930	01	Fátima
1950	01	Goiabal
1960-1970	06	Vila Palmeira, Coroado, Coroadinho, Santa Cruz e Vera Cruz, etc.
1971-1988	27	João de Deus, Padre Xavier, S. Bernardo, Vila Brasil, Vila dos Frades, Cantinho do Céu, Divinéia, Pica Pau, Amarelo, Rio Anil, Novo Angelim, Santos Dumont, Vila Isabel Cafeteira, Vila da Paz, Bom Jesus, Menino Jesus de Praga, Vila Itamar, Vila Janaina, Vila Cesamo, Vicente Fialho, Vila Isabel, Fumacê, Vila Nova, Vila Bacanga, Vila Embratel, Sá Viana, Mauro Fecury I.
1989-1999	24	Bonfim, Mauro Fecury II, D. Luis, São Raimundo, Vila Conceição, Sitinho, Vila Funil, Vila Lobão, Vila São João, Vila Forquilha, Brisa do Mar, Sol e Mar, Ayrton Senna, Vila Luizão, Pavão Filho, Santa Clara, Santa Efigênia, Vila Vitória, Argola e Tambor, Vila Ariri, Apaco, Parque Roseana Sarney, Vila Cascavel e Cidade Olímpica.

Tabela 01: São Luís: áreas de ocupação (1930-1999)

Fonte: FERREIRA: 1999

Foi a construção civil, que se consolidava, uma das responsáveis por esse processo, mas como dito no parágrafo anterior, foi nela que muitos conseguiram garantir a subsistência de suas famílias. A aparência de São Luís tende a ser alterada através dos diversos projetos em implantação no momento, tais como: a construção do Porto do Itaqui; do Anel Viário; da Ponte do São Francisco; da Barragem do Bacanga; da substituição da velha rede de esgoto do Centro da Cidade, remanescente da longínqua década de 20; da Avenida Médici (hoje Africanos); da Ponte Bandeira Tribuzi, a 3ª ponte

sobre o rio Anil, obra iniciada em 1974 e concluída em 1980; do aterramento da Ponta D’Areia, ligando o bairro do São Francisco à praia que leva aquele nome, transpondo o “Igarapé” da Jansen; da pavimentação da área litorânea – Calhau, Ponta D’Areia e Olho D’Água, ligando essas áreas a certos bairros da cidade, periféricos ou centrais; e da construção de inúmeros conjuntos habitacionais implantados principalmente pelo sistema de financiamento das Cooperativas Habitacionais (COHAB), que fizeram da década de 70 um período de fenômeno e expansão da construção civil em São Luís.

Todas estas mudanças induzidas pelo poder público não impediram a continuação da proliferação de ocupações habitacionais clandestinas no território municipal. Segundo Luz (2004) registra-se apenas nas décadas de 1960/70 a formação de ocupações habitacionais em diferentes pontos onde pode-se mencionar as mais expressivas: Sá Viana (em 1961, com 1.200 famílias); Redenção (1966, com 600 famílias); Santa Cruz (1967, com 2.000 famílias); Coroadinho (1969, com 1.000 famílias); Vila Palmeira (1969, com 4.000 famílias); Vila Nova (1972, 1.000 famílias) e o Coroadinho (1977, com 3.000 famílias) o primeiro recorte espacial escolhido para análise.

Até o início da década de 1970 as ocupações concentravam-se nas proximidades dos rios Anil e Bacanga, não se estendendo muito além dos arredores do centro, mas o crescimento da população foi tanto que posteriormente outras localidades da cidade passam a ser palco desse processo, formando áreas com ampla concentração de população carente como é o caso do Itaqui-Bacanga, assim conhecido após a inauguração oficial do Porto do Itaqui em 1971. Nessa área houve uma concentração de pessoas oriundas dos municípios considerados da Baixada Maranhense<sup>1</sup>, todas essas mudanças englobaram novas características ao mapa da ilha.

No início da década de 1980 já se via novos pontos de ocupação na cidade como: Vera Cruz em 1980, o São Bernardo e o João de Deus em 1981, o Bom Jesus em

---

<sup>1</sup> A Baixada Maranhense é formada pelas bacias hidrográficas dos baixos rios Mearim e Pindaré. Os dois rios anualmente transbordam e suas águas inundam todas as planícies baixas da região e de fato a Baixada é a área que regularmente é atingida pelas enchentes dos rios. Essa área estende-se de Santa Inês e Bacabal no Sul até o estuário do Rio Mearim, isto é, até a Baía de São Marcos, ao lado oeste da Ilha de São Luís (BURGER:2000, pag. 40).

1982, a Vila Itamar em 1983 e a Vila Mauro Fecury em 1986. Esses bairros, segundo Luz (2004), na aparência, são formados e construídos por material precário como taipa, palha, tábuas, folhas de zinco, papelão e outros materiais coletados dos lixões.

“A realidade de desorganização social que se esboçava, conforme afirma Luz (2004, p. 61), culminava inevitavelmente num clima de insatisfação e protesto, reflexo da situação de crise nacional em meio ao esgotamento do modelo econômico imposto durante o regime militar, que se manifestava na queda do emprego e dos salários, refletindo-se no rebaixamento histórico das condições de moradia das classes populares em todo o país” (ABREU:2006, p.57).

Com a chegada da década de 1990 observam-se características de descontrole no processo das ocupações habitacionais clandestinas no que tange o momento de implantação das populações, pois estando as áreas tradicionalmente centrais da cidade saturadas, a única alternativa para os sem teto era continuar invadindo paulatinamente as periferias a ponto de adentrar em terras situadas além das fronteiras da capital, terras muitas vezes de propriedade privada o que ocasionaram muitos conflitos, na maioria armados onde as partes mais fracas, os ocupantes, geralmente sofriam até conseguirem se instalar. De 1994 a 2000 inúmeras novas ocupações foram criadas, marcando um período de luta e de resistência.

Os jornais e revistas da época dão um amplo panorama da situação ao relatarem periodicamente os conflitos por posse de terra existentes na cidade. Pode-se observar pela grande repercussão do caso da Cidade Olímpica, amplamente noticiado.

“A Cidade Olímpica virou um verdadeiro inferno, ontem, pela manhã, quando a Polícia Militar, armada até os dentes, invadiu a área ocupada e promoveu destruição, espancamentos e prisões; cenas de horror presenciadas por muitas crianças que também estavam abrigadas na área” (Jornal Pequeno, 1997, p.12).

A Cidade Olímpica de 1996, com uma população inicial de 10.000 famílias, é o segundo recorte espacial escolhido para análise.

Não podemos deixar de citar a grande influência que tiveram os momentos eleitorais nos processos de ocupação ilegal de terras urbanas nesse período, principalmente de terras públicas, expressão característica do clientelismo que é o voto mercadoria, ou

seja, a relação de barganha em torno de vantagens materiais entre o eleitor e o cabo eleitoral (uma espécie de líder local, que cuida dos interesses de seus representados, principalmente junto às “autoridades públicas”, fazendo às vezes o papel de advogado da sua comunidade – uma vila, uma favela, um quadro associativo de um clube recreativo etc.). Controlando, em geral, uma centena ou uma dezena de votos, o cabo eleitoral os vende ao “político de clientela”, que não passa de um cabo eleitoral suficientemente poderoso (FARIAS, apud SINGER: 2000).

As tabelas e o gráfico 01, abaixo, mostram como a área urbana de São Luís e a sua população aumentaram considerável e espantosamente na década de setenta e de oitenta. Lembrando que o Coroadinho teve sua origem na década de setenta, onde seus principais ocupantes eram oriundos de outras cidades do interior do Maranhão que vinham em busca de melhores condições de vida na capital, enquanto a Cidade Olímpica, também ocupada por pessoas de origem do interior do Maranhão, mas que, no entanto, já moravam na cidade de São Luís, deslocando-se apenas na busca por melhores condições de moradia.

### Crescimento da ocupação urbana do território de São Luís entre 1612 a 1996

Período	Área ocupada em km <sup>2</sup>
1612-1950	7,17
1951-1970	9,87
1971-1988	233,49
1989-1996	38,71

Tabela 02: São Luís: crescimento horizontal (1612-1996)

Fonte: FERREIRA: 1999, p. 30

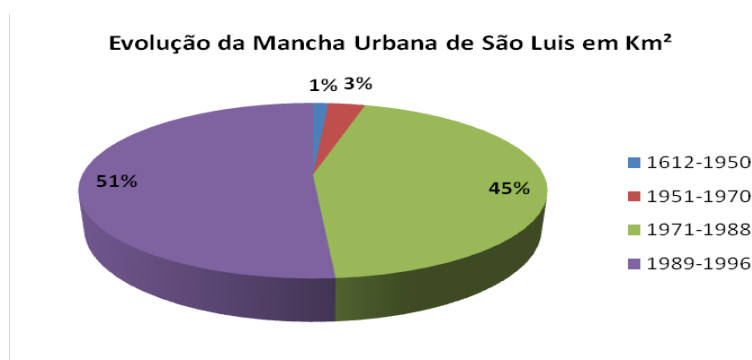


Gráfico 01: Evolução da mancha urbana de São Luís em km<sup>2</sup> (1612-1996)

Fonte: Autora a partir de dados da tabela de São Luís: Crescimento Horizontal (1612-1996), FERREIRA: 1999.

### **Crescimento da população de São Luís entre 1926 a 2004**

<b>Ano</b>	<b>Habitantes de São Luís</b>
1926	52.929
1950	119.785
1970	265.595
1980	460.320
1990	605.119
2004	853.809

Tabela 03: São Luís: População/habitantes (1926-2004)

Fonte: Autora, a partir de dados do Guia de Arquitetura e Paisagem de São Luís e Alcântara. LOPES: 2008.

Apresentamos aqui, a cargo de ilustração, o mapa da evolução urbana da Cidade de São Luís, mostrando as manchas e a direção do crescimento em cada época referenciada.

Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

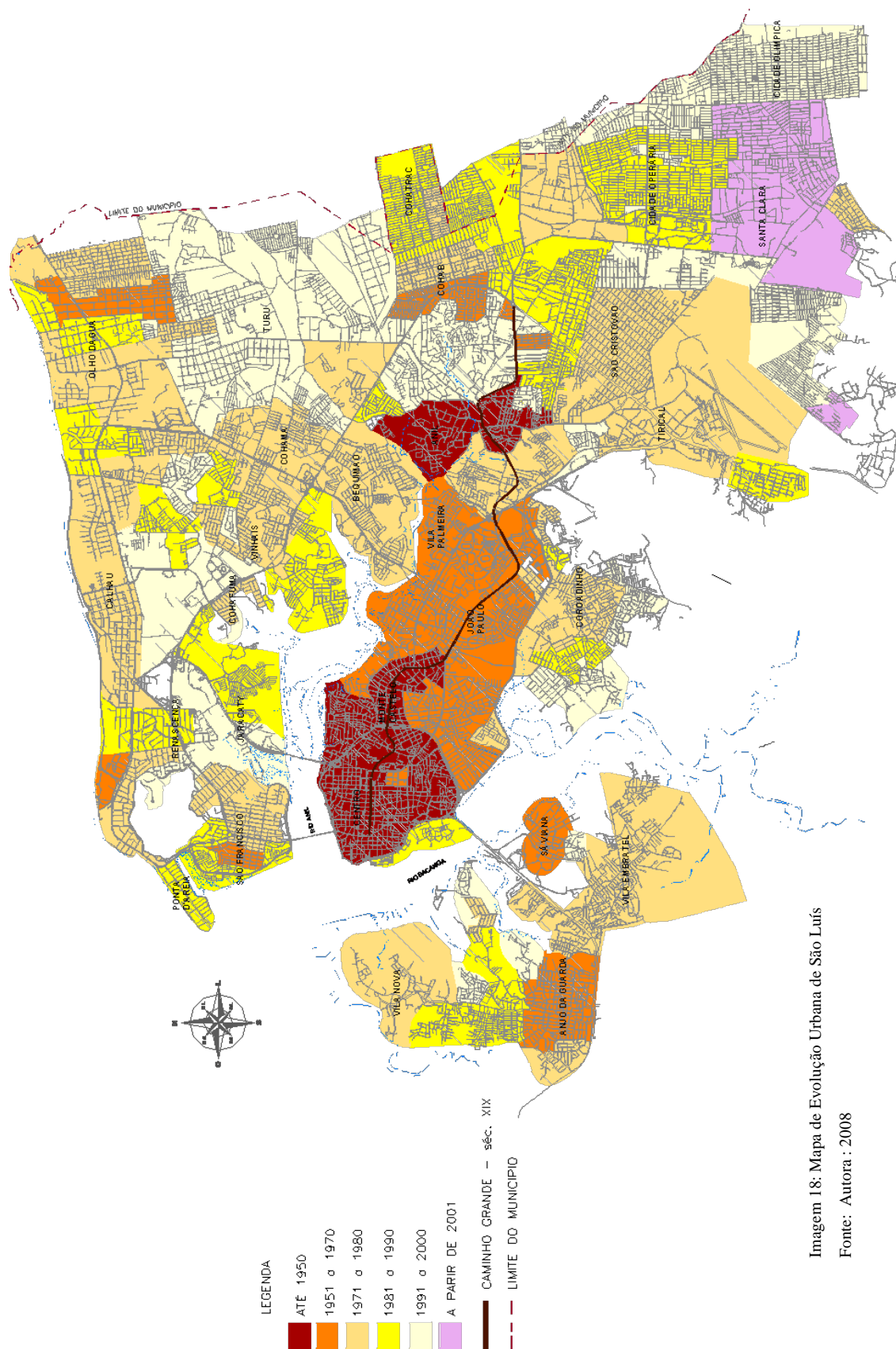


Imagem 18: Mapa de Evolução Urbana de São Luís

Fonte: Autora : 2008

## **2.2. QUADRO COMPARATIVO DA FORMA URBANA DOS BAIRROS SELECIONADOS**

Apesar de possuírem origens semelhantes os bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica possuem formas urbanas diferentes. O Coroadinho, com um traçado mais sinuoso, ruas mais estreitas, lotes menores e mais adensados se contrapõe ao bairro Cidade Olímpica, com um traçado ortogonal, lotes e quadras maiores, ruas e avenidas largas.

O Coroadinho de 1977 teve origem com a ocupação ilegal de áreas localizadas às margens e sobre a nascente do rio das Bicas, um dos subafluentes de um dos principais rios da cidade, o rio Bacanga. Essa área, localizada a sudoeste da cidade, está definida, por lei federal, como área de proteção ambiental, logo proibida a sua ocupação. Apesar da proibição muitas outras áreas ao redor continuaram sendo ocupadas mesmo apresentando características morfológicas semelhantes.

O Coroadinho limita-se com os seguintes bairros: norte, Outeiro da Cruz; ao sul, com a Avenida Presidente Médice; a leste, com o bairro do Sacavém e a oeste com o bairro do Filipino. Possui, segundo censo do IBGE 2000, 20.151,00 habitantes distribuídos em 138,1 ha, com uma densidade bruta de 145,9 hab/ha distribuídos em 4.553 domicílios, com uma densidade habitacional de 32,96 habitações/ha.



Imagem 19: Foto aérea do bairro do Coroadinho e entorno com destaque para malha urbana em verde

Fonte: Google Earth / 2007, modificado pela Autora.

A Cidade Olímpica também apresenta uma origem através de ocupação ilegal de terras ludovicenses a leste, mas nesse caso as terras eram particulares. Sua ocupação data de 1996; e a população inicial foi três vezes maior que a população inicial do Coroadinho distribuindo-se sobre uma malha ortogonal.

A Cidade Olímpica possui os seguintes limites: ao norte - Avenida 04, separando-a do Conjunto Habitacional Geniparana; ao sul – Avenida 25 de Dezembro, separando-a do Sítio Rihod; a leste – Avenida dos Agricultores, limitando-se com o Santana; a oeste – Avenida Brasil, limitando-se com a Vila Janaína. Possui, segundo censo IBGE 2000, 18117,00 habitantes distribuídos em 293,2 ha, com uma densidade bruta de 61,8 hab/ha distribuídos em 4.703 domicílios, e densidade habitacional de 16,04 habitações/ha.





Imagem 20: Foto aérea do bairro Cidade Olímpica e entorno com destaque para malha urbana em verde  
Fonte: Google Earth / 2007, modificado pela autora.

Ao escolher para análise duas ocupações que possuem, visivelmente, diferenças de forma, porém história de ocupação similar pode-se empregar o método comparativo e descobrir, assim, em qual das duas situações a forma urbana tem um poder de interferência maior nos tipos de relações de vizinhança estabelecidas nos bairros. Desse modo, objetiva-se investigar em qual comunidade existe, por força da forma, mais contato entre os vizinhos e quais as características destes contatos e o grau de atritos e conflitos.

### **2.3. OS DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA DE CAMPO: CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO**

A pesquisa realiza-se em três momentos. O primeiro consistiu no levantamento de estudos exploratórios, descritivos e explicativos dos espaços urbanos propostos na pesquisa, que complementou assim a revisão bibliográfica iniciada no projeto. As informações foram coletadas nas instituições públicas municipais e estaduais do Estado do Maranhão; no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria de Segurança Pública do Estado do Maranhão, em ONG's atuantes nas áreas

como, por exemplo, a ONG Moradia e Cidadania; nas Associações de Moradores dos bairros selecionados; nas bibliotecas locais como a Biblioteca Pública Benedito Leite, nas bibliotecas comunitárias e nas universitárias (UFMA, UEMA).

Nesse primeiro momento buscamos, então, os dados para identificar o histórico da evolução urbana da cidade e dos bairros em questão; as características da população residente nos bairros, dos serviços públicos existentes, da infraestrutura urbana e do território onde estão implantadas que, juntamente com as entrevistas e questionários provenientes do levantamento em campo, proporcionaram a identificação do grau e dos tipos de conflitos existentes entre vizinhos e os pontos críticos onde os mesmos costumam ocorrer.

O segundo momento, o da pesquisa de campo propriamente dita, teve como finalidade o levantamento de dados históricos e sócio-econômicos das áreas de estudo junto aos moradores, principalmente com representantes locais, bem como a realização de entrevistas com pessoas de expressão local, complementando assim o levantamento bibliográfico. Um outro dado importante levantado, nessa etapa, foi a verificação da distribuição espacial dos moradores pelos bairros e as características da forma urbana dos mesmos através da descrição de elementos como a rua, as fachadas, os lotes, as quadras, a densidade construtiva, o mobiliário urbano, os espaços públicos, as áreas verdes, a vegetação e os gabaritos.

Por fim, no terceiro momento foi feita a análise dos dados coletados onde foram identificados e avaliados os fatores que possam confirmar ou refutar a hipótese levantada nesse estudo.

Foi de suma importância destacar a utilização para a análise dos dados a computação gráfica e o Sistema de Informações Geográficas – GIS, que hoje se tornou um grande elemento facilitador da análise de dados, pois, nesse sistema pode-se fazer a conjugação dos diversos dados recolhidos, como mapas, fotos, aerofotos, plantas cadastrais, que foram digitalizados e apresentados em formas de plantas, cortes, perspectivas, croquis, esquemas, gráficos e planilhas. Esse material ajudou na definição

das formas de uso e ocupação do espaço e a demarcação das áreas públicas e de como elas são utilizadas pela população local. Os programas de informática utilizados foram o ArcGis, Excel, Auto Cad e Corel Draw.

Nos três momentos assinalados acima foram realizadas as seguintes atividades:

1. Levantamento Bibliográfico de autores que elaboraram conceitos e noções mais adequados ao tema e que serviram de embasamento teórico, através principalmente de pesquisas nas áreas da arquitetura, geografia, sociologia e antropologia. Explorando as abordagens que possuem um menor distanciamento entre o estudo da forma urbana e o das relações sociais, especificamente aquelas que enfocam aspectos de vizinhança e de conflito presentes nas áreas de estudo;

2. Análise do histórico dos bairros do Coroadinho e da Cidade Olímpica, escolhidos como recorte espacial da pesquisa, através de visitas aos locais, entrevistas, pesquisas em jornais datados da época em que as ocupações surgiram e outros trabalhos que abordam assuntos sobre essas áreas e que complementaram as informações;

3. Demarcação física das áreas, limites, tamanho em quilômetros quadrados, referências através da análise e elaboração de desenhos técnicos, alimentados com dados coletados em órgãos diversos, como IBGE, Correios, Secretaria de Planejamento Municipal que serviram para dirimir qualquer dúvida a esse respeito assim como a visita em alguns pontos desses limites para conversar com alguns moradores;

4. Identificação através da análise de fotos, imagens diversas, mapas e plantas cartográficas os elementos morfológicos presentes em cada um dos aglomerados urbanos e a frequência dos mesmos no espaço urbano, proporcionando a classificação das formas urbanas de cada aglomerado. Para essa atividade foi imprescindível visitas aos locais para tirar fotos, que serviram como dados primários para a análise.

Algumas características da forma urbana investigada e que serviram como variáveis que pudessem interferir ou indicar um maior ou menor grau de conflito entre os vizinhos foram: as ruas - suas larguras, suas topografias, presença ou não de passeios, forma de utilização; a malha ou traçado urbano - a relação entre cheios e vazios e a própria linha do traçado; as quadras - seus tamanhos, formatos; os lotes – tamanhos e formatos, além das relações com os edifícios que também foram analisados quanto aos recuos, usos, tipologia, densidade construtiva, gabarito; os marcos ou referências espaciais; as praças, parques e áreas de lazer – quantidade, localização e utilização; as fachadas e suas características; o mobiliário urbano – existência, tipos, localização, quantidade, diversidade, utilização e por último a vegetação – a presença ou ausência, tipo, utilização.

5. Levantamento de dados sobre os conflitos mais comuns nas comunidades em questão obtidos através de entrevistas com representantes locais como, o presidente da Associação de Moradores de cada bairro e aplicação de questionários em oitenta residências em cada um dos bairros;

6. Análise de cada um dos aglomerados, tendo como material os dados levantados sobre a forma urbana e as características da vizinhança e os conflitos identificados em cada um dos bairros;

7. Por fim, a comparação entre os produtos da etapa anterior, resultado da análise feita sobre os dados da pesquisa sobre os dois bairros, o que possibilitou identificar semelhanças e diferenças do mesmo processo em cada um dos aglomerados e responder a hipótese da pesquisa.

É importante destacar que para a identificação dos elementos morfológicos utilizamos como referência o estudo realizado por Lamas em seu livro: *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, que indicou o solo, o lote, o quarteirão, a fachada, o edifício, o logradouro, a rua, o traçado, as praças, os monumentos, a vegetação e o mobiliário urbano como elementos que se ligam entre si por relações espaciais configurando a forma urbana do lugar. Para tanto, escolhemos como critério para análise os aspectos quantitativos: densidades, superfícies, fluxos, coeficientes volumétricos, dimensões e perfis.

Esse critério possibilita a caracterização de cada elemento isoladamente e também sua inserção no conjunto urbano, identificando-se assim um quadro descritivo da forma urbana dos bairros em estudo. Com a identificação e caracterização paralela das relações de vizinhança estabelecidas nos bairros citados, foi feita análise visando descobrir se existe ou não alguma interferência da forma urbana sobre essas relações e por fim fez-se uma comparação entre os produtos das análises das duas ocupações para se chegar a conclusão. A partir desse momento tentaremos explicar com maiores detalhes os procedimentos dessa análise, as dificuldades encontradas e as conclusões obtidas.

Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do  
Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

**CAPÍTULO 3**  
**MORFOLOGIA URBANA E DESENHO SOCIAL: CONSTRUINDO A RELAÇÃO**  
**ENTRE A FORMA URBANA E AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA**

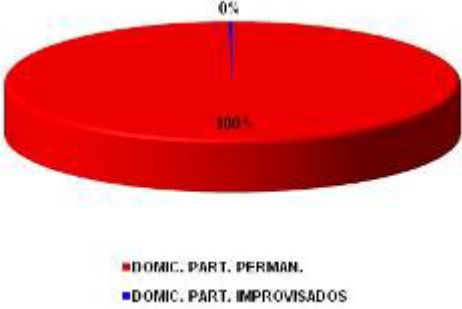

Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

### 3. MORFOLOGIA URBANA E DESENHO SOCIAL: CONSTRUINDO A RELAÇÃO ENTRE A FORMA E AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA

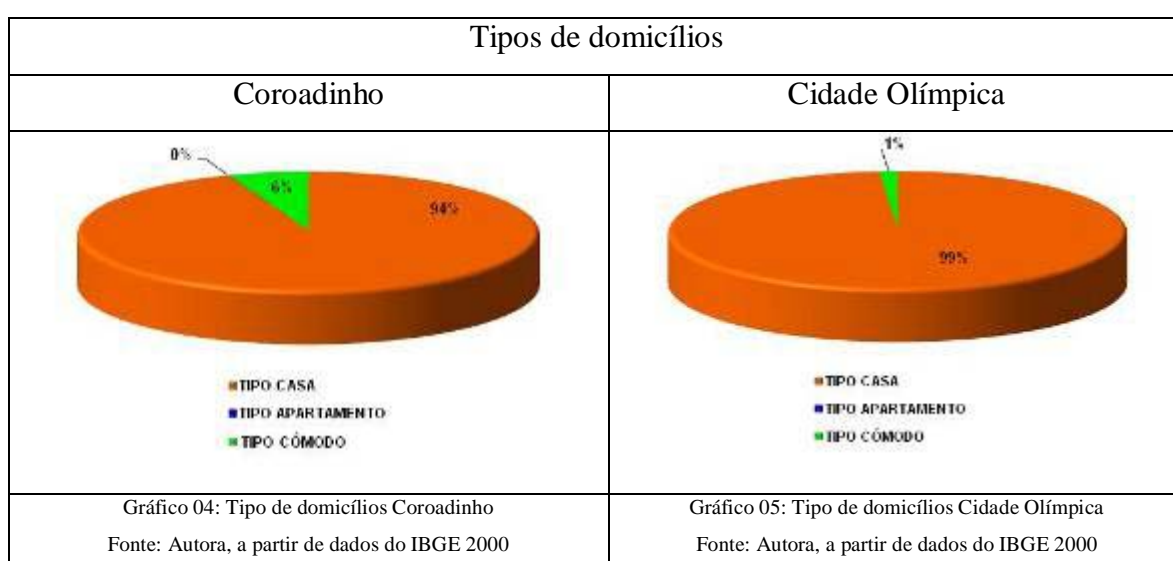
#### 3.1. PERFIL SÓCIOECONÔMICO, MORADIA E INFRAESTRUTURA DO COROADINHO E CIDADE OLÍMPICA

Na pesquisa proposta conhecer os aspectos físicos e sociais do objeto de estudo é fundamental para elucidar as relações entre a forma urbana e as relações de vizinhança nos Bairros do Coroadinho e da Cidade Olímpica, a fim de averiguar a hipótese lançada. Dessa forma, urge como necessário conhecer tanto os elementos físicos como os sociais: as características da forma urbana dos bairros referidos e analisar minuciosamente o perfil socioeconômico de seus habitantes, o tipo de moradia e os serviços urbanos prestados. Como o principal objetivo aqui será identificar o grau de interferência da forma urbana sobre as vizinhanças dos bairros, levando em consideração a diferença entre a forma dos mesmos, precisávamos levantar quaisquer outras variáveis, além da forma urbana, que pudessem interferir nessas vizinhanças.

Para tanto, utilizou-se os dados do IBGE 2000, referentes aos setores censitários dos bairros em questão, que forneceram planilhas que originaram gráficos que serão apresentados e descritos abaixo.

População residente em domicílios permanentes e improvisados.	
Coroadinho	Cidade Olímpica
	
<p>Gráfico 02: População em domicílios Coroadinho Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000</p>	<p>Gráfico 03: População em domicílios Cidade Olímpica Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000</p>

Os gráficos acima se referem ao número de residentes em domicílios permanentes da Cidade Olímpica e do Coroadinho. Observa-se que não possuem quase nenhuma diferença entre os dois gráficos, a cor vermelha representa os domicílios particulares permanentes, ou seja, aqueles construídos exclusivamente para habitação. Nos dados apresentados pelo IBGE 2000, na Cidade Olímpica apenas 1% eram improvisados, locais como prédios em construção, abandonados, vagões de trem, carroças, tendas, barracas, grutas e similares servindo de moradia. No Coroadinho percebe-se a mesma referência, pois praticamente todos os domicílios dos bairros são do tipo permanente.

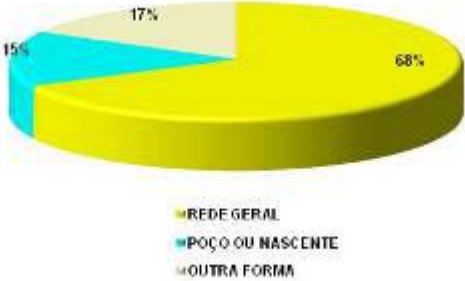
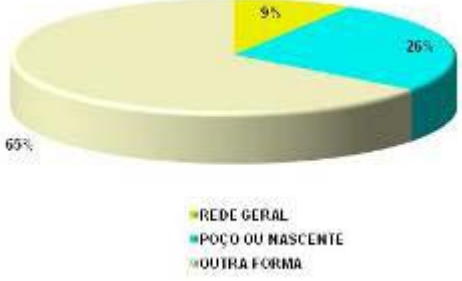


As cores laranja e verde presentes nos gráficos acima se referem respectivamente a de domicílios tipo casa e tipo cômodo, apesar da cor azul que significa domicílios tipo apartamentos (prédios de uso multifamiliar), segundo dados apresentados, não é diagnosticado nos gráficos esta presença.

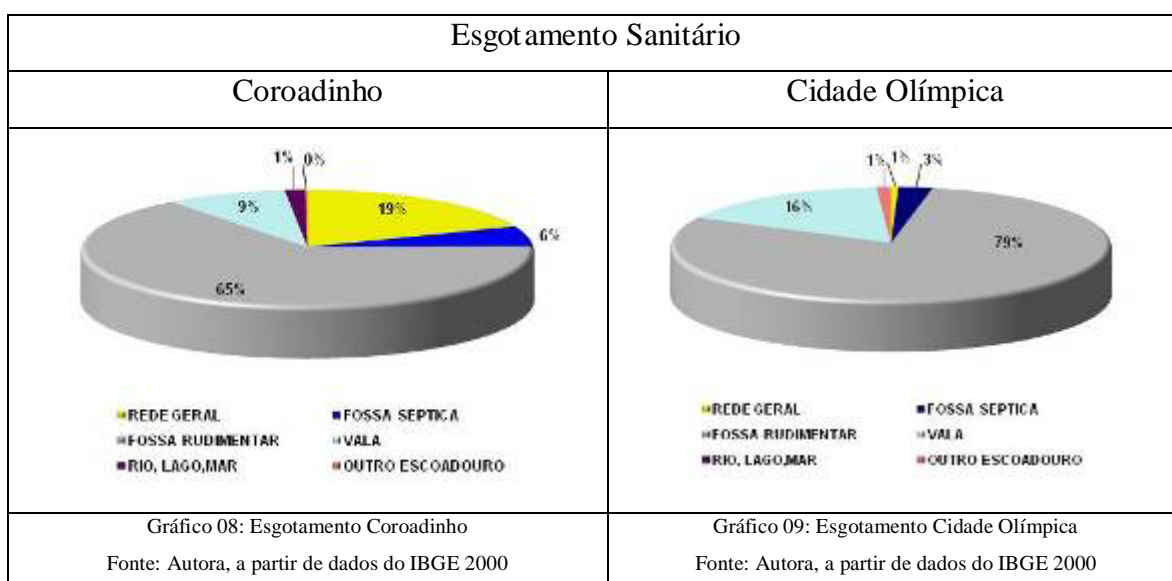
Os domicílios tipo casa são aqueles localizados em uma edificação de um ou mais pavimentos, desde que ocupados integralmente por um único domicílio, com acesso direto para um logradouro. Apesar da Cidade Olímpica possuir apenas um por cento de domicílios tipo cômodos (áreas com um ou mais aposentos localizadas em uma casa, cortiço ou similar) não difere muito do Coroadinho, que possui seis por cento de cômodos. Os dois bairros possuem a maior parte dos domicílios tipo casa.



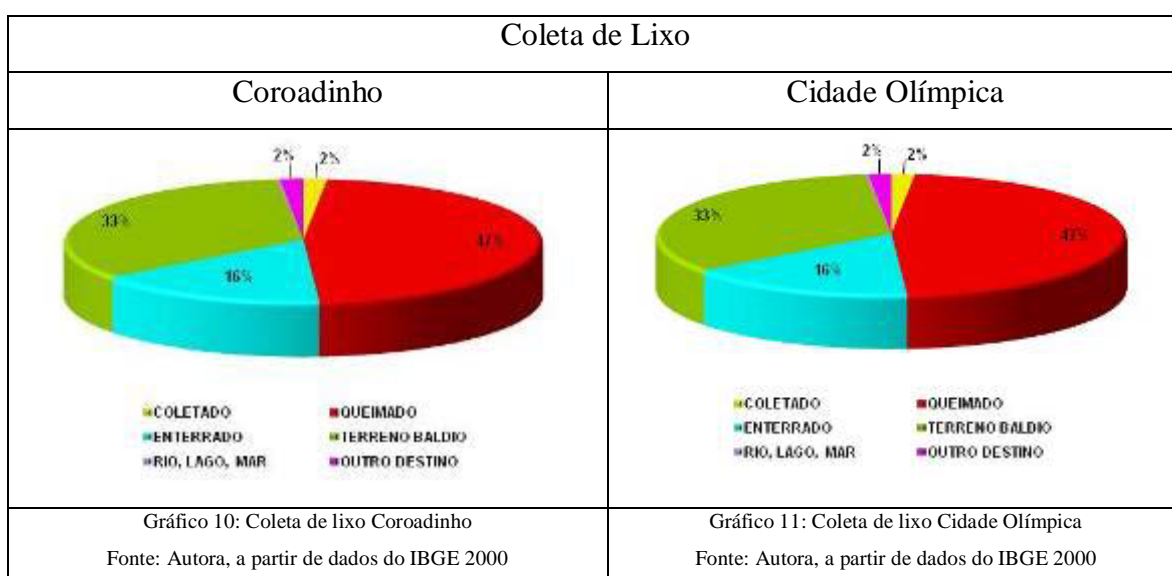
Os gráficos abaixo mostram o percentual de população atendida com os serviços selecionados: água, esgoto e coleta de lixo.

Abastecimento de água																	
Coroadinho	Cidade Olímpica																
 <table border="1"><caption>Gráfico 06: Abastecimento de água Coroadinho</caption><thead><tr><th>Fonte</th><th>Porcentagem</th></tr></thead><tbody><tr><td>REDE GERAL</td><td>68%</td></tr><tr><td>POÇO OU NASCENTE</td><td>15%</td></tr><tr><td>OUTRA FORMA</td><td>17%</td></tr></tbody></table>	Fonte	Porcentagem	REDE GERAL	68%	POÇO OU NASCENTE	15%	OUTRA FORMA	17%	 <table border="1"><caption>Gráfico 07: Abastecimento de água Cidade Olímpica</caption><thead><tr><th>Fonte</th><th>Porcentagem</th></tr></thead><tbody><tr><td>REDE GERAL</td><td>9%</td></tr><tr><td>POÇO OU NASCENTE</td><td>26%</td></tr><tr><td>OUTRA FORMA</td><td>65%</td></tr></tbody></table>	Fonte	Porcentagem	REDE GERAL	9%	POÇO OU NASCENTE	26%	OUTRA FORMA	65%
Fonte	Porcentagem																
REDE GERAL	68%																
POÇO OU NASCENTE	15%																
OUTRA FORMA	17%																
Fonte	Porcentagem																
REDE GERAL	9%																
POÇO OU NASCENTE	26%																
OUTRA FORMA	65%																
Gráfico 06: Abastecimento de água Coroadinho Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000	Gráfico 07: Abastecimento de água Cidade Olímpica Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000																

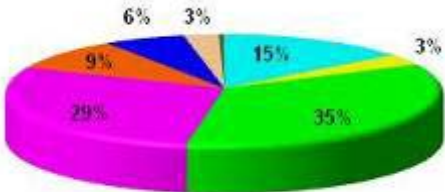
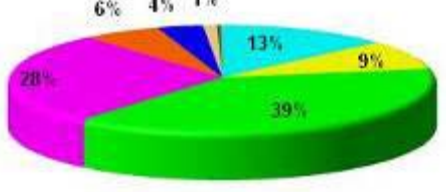
O abastecimento de água nos dois bairros é muito diferente, pois, sessenta e oito por cento dos domicílios do Coroadinho (Ver gráfico 06) estão ligados a rede geral de água, sendo que na Cidade Olímpica (Ver gráfico 07) apenas nove por cento dos domicílios possuem água encanada. Uma hipótese para tal disparidade pode ser respondida pelo fato de que a Cidade Olímpica é um bairro mais novo, treze anos de existência, enquanto o Coroadinho possui trinta e dois anos de existência. O fato está atrelado também à falta ou lentidão na implantação de políticas públicas e projetos urbanos por parte do poder público.



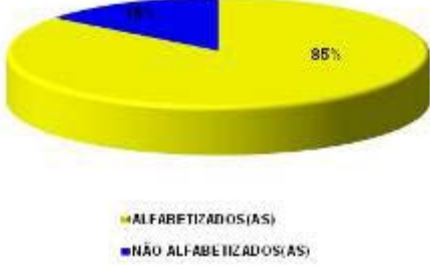
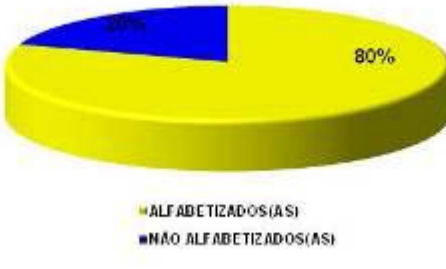


O esgotamento sanitário dos bairros reflete a situação da maior parte do município. Em ambos os bairros a maioria dos domicílios não está ligada a rede de esgoto, devido a inexistência da mesma. O que é diferente nos dois bairros nessa questão é que o Coroadinho (Ver gráfico 08) por ser mais antigo possui dezenove por cento dos domicílios ligados a rede de esgoto, enquanto na Cidade Olímpica (Ver gráfico 09) esse quadro é de apenas um por cento. O problema da falta de água tratada e de esgotamento sanitário adequados, na maioria dos domicílios, causa grandes problemas de saúde pública. Em ambos o esgotamento sanitário é feito através de fossa rudimentar, que agrava mais ainda o problema contaminando o lençol freático.



Quanto à coleta de lixo, que faz parte das políticas de saneamento básico e deveria ser prioridade para os governantes, o Gráfico 11 nos mostra que apenas dois por cento dos domicílios da Cidade Olímpica possuíam coleta de lixo. O lixo que não tem seus devidos fins acaba prejudicando o meio ambiente e a saúde da população. No bairro do Coroadinho, observa-se um quadro melhor de coleta de lixo (Ver gráfico 10), setenta e dois por cento do lixo produzido na comunidade são coletados. Essa porcentagem faz com que as condições precárias encontradas em relação ao esgotamento sanitário não sejam pioradas.

Rendimento Mensal dos Moradores	
Coroadinho	Cidade Olímpica
 <ul style="list-style-type: none"> <li>SEM RENDIM</li> <li>ATÉ 1/2 SAL. MIN.</li> <li>1/2 A 1 SAL. MIN.</li> <li>1 A 2 SAL. MIN.</li> <li>2 A 3 SAL. MIN.</li> <li>3 A 5 SAL. MIN.</li> <li>5 A 10 SAL. MIN.</li> <li>10 A 15 SAL. MIN.</li> <li>15 A 20 SAL. MIN.</li> <li>MAIS DE 20 SAL. MIN.</li> </ul>	 <ul style="list-style-type: none"> <li>SEM RENDIM</li> <li>ATÉ 1/2 SAL. MIN.</li> <li>1/2 A SAL. MIN.</li> <li>1 A 2 SAL. MIN.</li> <li>2 A 3 SAL. MIN.</li> <li>3 A 5 SAL. MÍN.</li> <li>5 A 10 SAL. MIN.</li> <li>10 A 15 SAL. MIN.</li> <li>15 A 20 SAL. MIN.</li> <li>MAIS DE 20 SAL. MIN.</li> </ul>
<p>Gráfico 12: Rendimento moradores Coroadinho Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000</p>	<p>Gráfico 13: Rendimento moradores Cidade Olímpica Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000</p>

Percebemos também ao observar os gráficos acima (12 e 13) a similaridade entre os dois bairros na questão da renda mensal dos responsáveis pelos domicílios, ou seja, as famílias vivem com até dois salários mínimos. Percebemos isso com mais clareza quando sabemos que a indicação desses números refere-se às cores azul, amarela, verde e magenta juntas.

Nível de Alfabetização	
Coroadinho	Cidade Olímpica
 <p>Gráfico 14: Alfabetização Coroadinho Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000</p>	 <p>Gráfico 15: Alfabetização Cidade Olímpica Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000</p>
Escolaridade	
Coroadinho	Cidade Olímpica
 <p>Gráfico 16: Escolaridade Coroadinho Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000</p>	 <p>Gráfico 17: Escolaridade Cidade Olímpica Fonte: Autora, a partir de dados do IBGE 2000</p>

Por fim, analisou-se a situação da população quanto à escolaridade. O Gráfico 15 mostrou que oitenta por cento dos habitantes com mais de cinco anos de idade do Bairro da Cidade Olímpica eram alfabetizados, no entanto, apenas um por cento (Ver gráfico 17) desses moradores atingiu o ensino superior; mais da metade, cinquenta e nove por cento, possuíam somente o ensino fundamental. No Coroadinho as dados não são diferentes (Ver gráfico 14), pois, cinquenta e oito por cento da população com mais de cinco anos de idade não conseguem alcançar o ensino médio, e apenas um por cento atinge o nível superior.

O objetivo do levantamento socioeconômico dos bairros selecionados foi para identificar as semelhanças e diferenças de elementos e características sociais da população local. Nas análises realizadas observou-se que os bairros apresentam muitas

semelhanças, diferenciando-se basicamente na questão de saneamento básico: água, esgoto e lixo, diferenças que podem ser respondidas pelo fato de que o Coroadinho, onde parte do saneamento básico foi implantado há algum tempo, é um bairro mais antigo do que o da Cidade Olímpica. A semelhança encontrada entre os perfis socioeconômicos dos bairros nos leva a desconsiderar a interferência da variável socioeconômica sobre as relações de vizinhança encontradas no Coroadinho e na Cidade Olímpica.

### **3.2. ANÁLISE DOS ELEMENTOS MORFOLÓGICOS DOS BAIRROS DO COROADINHO E DA CIDADE OLÍMPICA**

O principal objetivo pretendido nesse estudo não será alcançado sem que se tenha o devido conhecimento da realidade dos bairros escolhidos como recorte espacial para análise. Esse conhecimento implica tanto na configuração física, ou seja, nas características da forma urbana: as ruas, as quadras, o traçado, os lotes, as edificações, como na configuração social, focada no modo como se estabelecem as relações de vizinhança nos bairros. Por esse motivo descreveremos a seguir essas questões físicas e sociais, que são produtos da análise de imagens, visitas às comunidades e entrevistas com representantes e com os próprios moradores.

#### **3.2.1. COROADINHO**

##### **O Solo**

As ocupações da área onde hoje é o Coroadinho começaram por volta do ano de 1976, consequências das transformações na economia do estado e da cidade citadas anteriormente. O solo da área tratava-se de um terreno pantanoso, encharcado, sobre leito e margens do rio das Bicas, com uma mata secundária; um pouco mais na periferia da área possuía algumas barreiras de barro vermelho de onde os ocupantes retiraram material de aterro.

“Eles iam tirando terra da barreira, carregando a carro de mão, na lata, e iam aterrando logo (...), cada um foi aterrando o seu lote e depois, com a ajuda da

chuva, que essa terra era solta, ia chovendo e ia aterrando as ruas” (LUZ, apud SABÓIA: 2004,76).

A citação acima nos mostra que além de nenhum planejamento o mais importante na ocupação da área foi a busca pelo lote, que passou a existir a partir do aterro manual e individual realizado por cada um dos ocupantes.

Na imagem abaixo se pode observar a referência quando ao nível do mar. Os níveis vão da cota cinco à cota trinta, observa-se também a presença de vários cursos d’ água, características que justificam áreas alagadas; percebe-se, além disso, que a distância entre curvas de nível muitas vezes é muito pequena produzindo grandes inclinações.

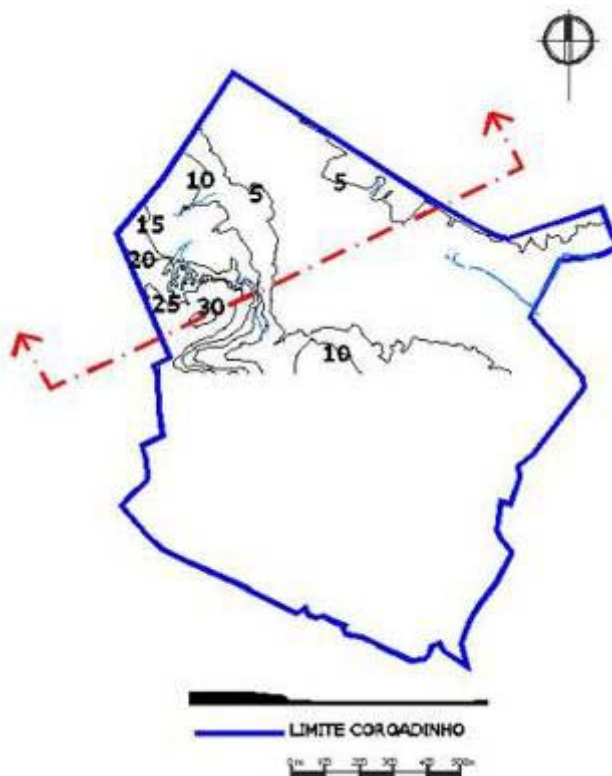


Imagem 21: Níveis e solo Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

### Traçado urbano e as vias

Como se pode observar na imagem apresentada abaixo o traçado urbano orgânico parece mais o de uma cidade medieval com variações das larguras das ruas, a

maioria muito estreita e sinuosa, o que de acordo com os entrevistados afeta a circulação de pessoas e de veículos.

Conforme os relatos da forma de ocupação do solo, dispostos no primeiro item sobre o solo do Coroadinho, observa-se que as ruas foram se definindo apenas em consequência dos detritos sólidos arrastados pelas chuvas, após aterros dos lotes, assim como o aterro não foi feito de uma só vez. O bairro e as suas ruas foram se moldando de acordo com os procedimentos individuais dos moradores.



Imagem 22: Traçado urbano do Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

“As ruas não foram projetadas, feitas de qualquer forma, muito estreitas, muitas sem pavimentação e sem acesso” (Antonio Alves, em 19 de março de 2009).

“As ruas são estreitas porque a população invade as ruas com construção de suas residências, para aumentar as residências” (Maria do Carmo em 19 de março de 2009).

“A única rua boa para se passar é a avenida que passam os ônibus” (Maria do Carmo em 19 de março de 2009).

O traçado interfere na acessibilidade ao bairro, existindo apenas uma entrada e uma saída do bairro que dá acesso ao corredor primário da cidade (Avenida dos Africanos). Quando por algum motivo essa entrada e saída que se encontram praticamente na mesma área são interrompidos, os moradores precisam se deslocar por uma saída de emergência que os fazem passar por muitos outros bairros até retornarem ao mesmo corredor primário.

“Só existe uma entrada e uma saída do bairro, um acesso ou saída de emergência é bem distante e dificultosa, quando chove e enche a avenida principal ninguém entra nem sai do bairro a não ser que use a única saída de emergência que é longe, que sai em outro bairro, que pode dar acesso a Avenida dos Africanos” (Senhor Girafa, em 17 de março de 2009).

### **Quadras ou quarteirões**

As quadras do Coroadinho são totalmente diferentes umas das outras, principalmente nos tamanhos e formatos que são os mais variados possíveis. Em relação às faces pouco lembram quadriláteros, pois muitas delas possuem múltiplas faces. A forma dos quarteirões é consequência da disposição dos lotes. Em momento algum foi pensado o inverso na forma do quarteirão e posteriormente na sua divisão em lotes, nesse caso os quarteirões são frutos inteiramente da configuração e disposição dos lotes e do processo de como se constituiu a ocupação da área.



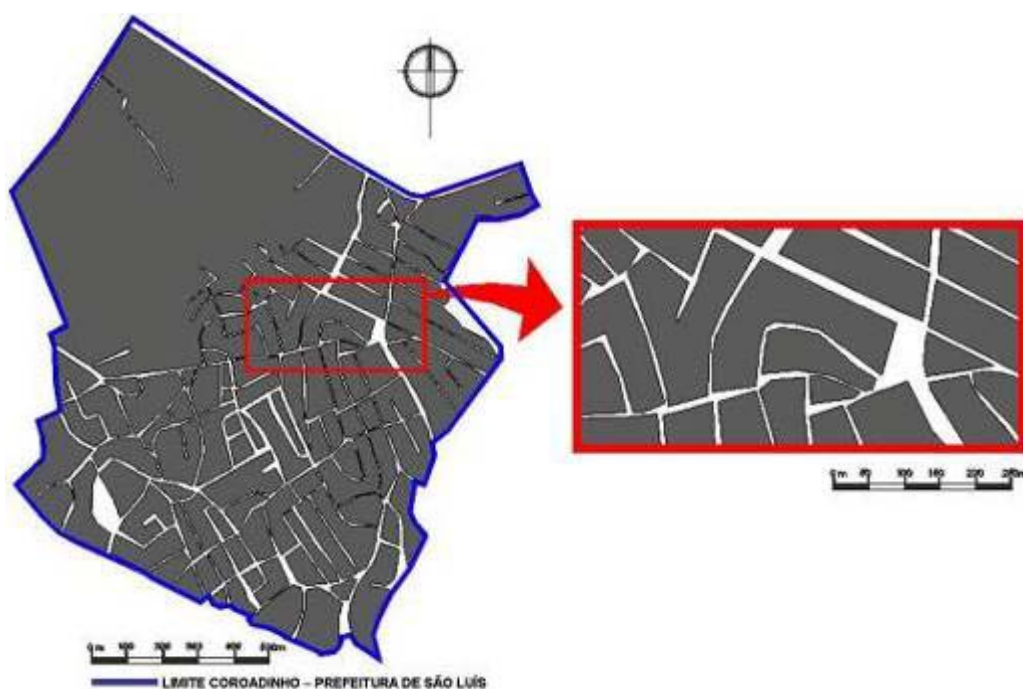


Imagem 23: Quadras do Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001



Imagem 24: Quadra do Coroadinho  
Fonte: Autora, levantamento fotográfico.

## Os Lotes

De acordo com os relatos dos entrevistados, Senhor Girafa (presidente da Associação de Moradores) Senhor Antonio Alves (Presidente do Conselho de Segurança Cidadã) e a senhora Maria do Carmo (presidente do Conselho de Defesa Social), quando a área foi invadida não existiu ninguém que pudesse liderar, e tentar, de certa forma, organizar e construir regras. Cada ocupante que chegava ia demarcando sua área, os

primeiros geralmente ficaram com os lotes maiores, os retardatários tiveram que se contentar com as sobras, o que se pode perceber analisando a imagem abaixo. Na tentativa de demarcar os lotes em quadriláteros, muitos não perfeitos, o ocupante seguinte, na mesma tentativa e utilizando como referencia o lote vizinho, demarcava seu lote da mesma forma e assim por diante, formando um conjunto de lotes que geraram as formas dos quarteirões. Percebe-se que além da grande diferença entre os tamanhos dos lotes, a maioria é muito estreita.

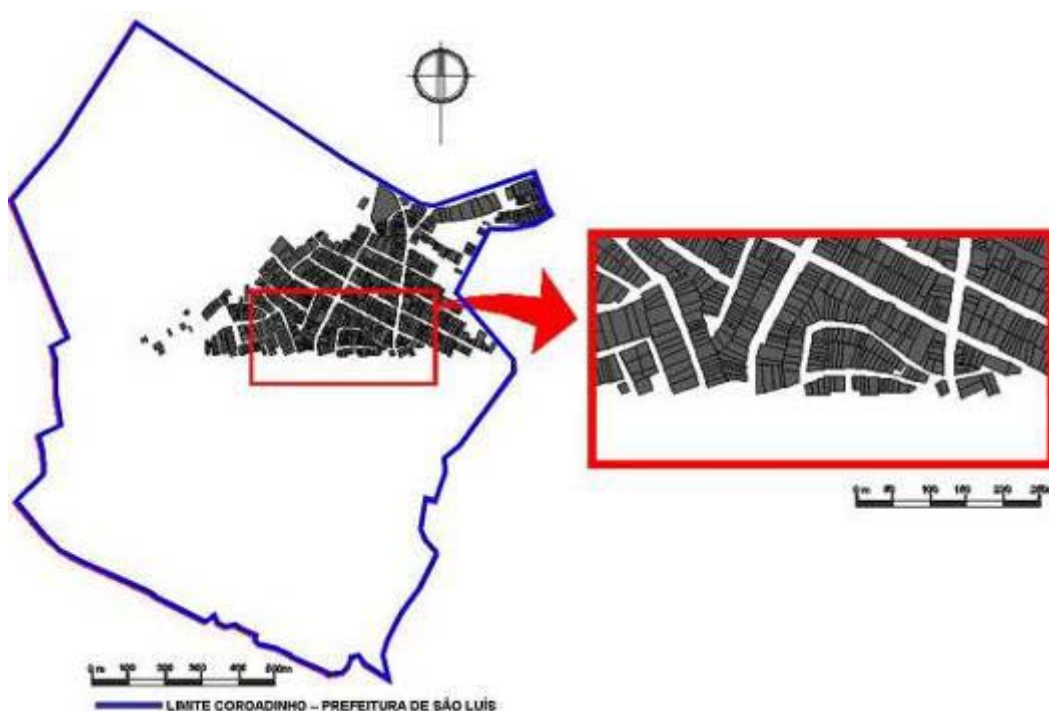


Imagem 25: Lotes do Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

## As Edificações

As edificações do bairro são em sua maioria de um pavimento, coladas umas as outras, sem recuo frontal, ocupando oitenta, noventa e até cem por cento da área do lote. Os relatos dos entrevistados mostram que depois da ocupação da área muitos moradores continuaram invadindo o espaço das ruas para aumentar suas casas, ocasionando ainda mais diminuição das larguras das ruas e calçadas. Quanto a forma das

edificações, por ocuparem em quase totalidade os terrenos, estão condicionadas às formas dos lotes.

Na imagem percebe-se uma alta densidade construtiva, essa alta densidade construtiva ocorre pela alta densidade populacional nas poucas áreas de ocupação.

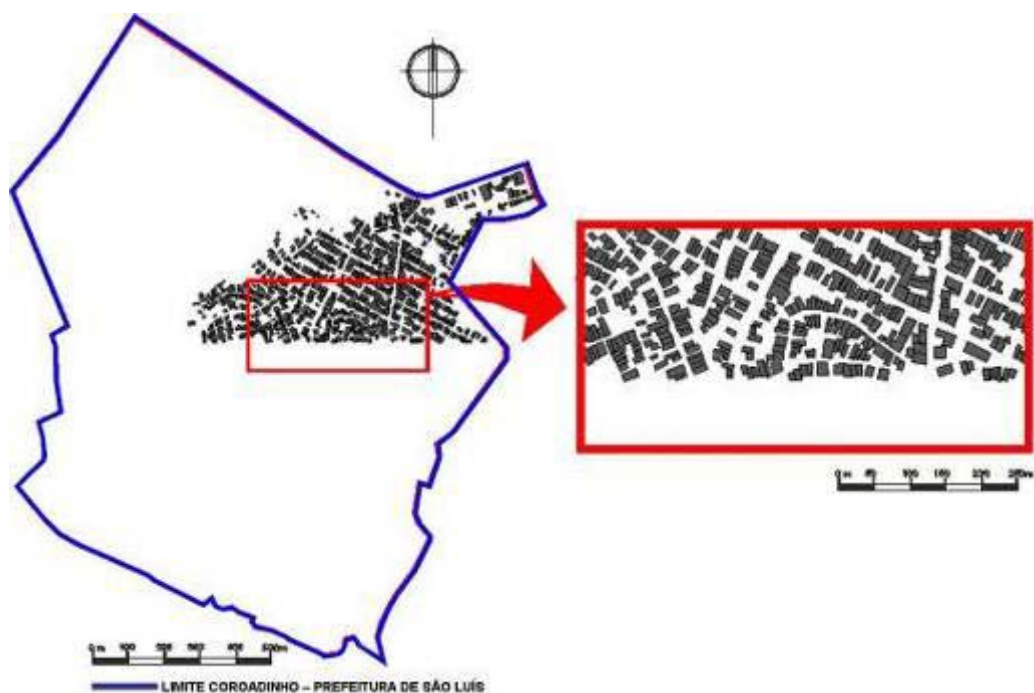


Imagem 26: Edificações do Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001



Imagem 27: Edificações do Coroadinho  
Fonte: Autora, levantamento fotográfico

## Áreas de lazer, praças e equipamentos urbanos

O levantamento feito na Prefeitura de São Luís e em campo, com as entrevistas e visitas ao bairro, mostrou que não existem áreas de lazer e entretenimento no bairro. A única praça que existe, de acordo com os relatos, não possui infraestrutura adequada, é suja, árida, e pequena. A única área de lazer, que é utilizada para praticar esportes é um campo de futebol, construído na saída do bairro, ao lado da praça citada. Geralmente as pessoas para se divertirem precisam sair do bairro, quando tem condições, ou se sujeitam a ficar trancadas em casa. As crianças e adolescentes aproveitam as ruas, que são os únicos espaços disponibilizados para brincadeiras.



Imagem 28: Praças e áreas de lazer do Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

“No momento da ocupação não foi pensado em momento algum nos equipamentos necessários, a área foi totalmente ocupada por residências, se tornando privadas. Com o tempo o poder público começou a intervir na área e trazer um pouco de infraestrutura, mas como não existe área livre pública, algumas áreas tiveram que ser compradas, ou seja, indenizadas, para colocação, por exemplo, do posto de saúde, e apenas de uma escola” (Senhor Girafa, em 17 de março de 2009).

“Não existem muitas áreas de lazer e esporte só uma escola que tem uma quadra, um campo de futebol e uma praça pequena” (Senhor Girafa, em 17 de março de 2009).



Imagem 29: Praça do Coroadinho  
Fonte: Autora, levantamento fotográfico

### **As fachadas**

As fachadas das edificações do bairro do Coroadinho são de larguras variadas, mas com características semelhantes, pois como a maioria das edificações possui apenas um pavimento, sem recuo frontal ou lateral ocupando em quase totalidade o lote, as fachadas, exceto da rua principal do comércio, se fazem com portas e janelas, e algumas com vãos de garagem. Com este perfil o contato entre o privado e o público (rua) se torna bem mais estreito, a privacidade nesses casos, quando almejada, é alcançada pelo tipo de vedamento das esquadrias.

A importância de cada fachada segundo Lamas (2004) acontece de acordo com a posição hierárquica que o lote possui dentro do quarteirão e como o volume da mesma se posiciona em relação às demais.

“É através das fachadas dos edifícios (e dos seus volumes) que se definem os espaços urbanos” (LAMAS:2004, p.96).



Imagem 30: Fachadas Coroadinho  
Fonte: Autora, levantamento fotográfico

### **A vegetação**

De acordo com a imagem analisada apresentada abaixo percebemos pouca arborização na área, por não haver áreas de lazer como praças e parques, pela alta densidade construtiva, ruas estreitas com poucas calçadas, sendo que o único espaço que ainda se percebe alguma vegetação arbórea é em alguns poucos quintais; esse fato também vem agregado ao alto nível de impermeabilização do solo que afeta ainda mais os problemas de enchentes do rio, o qual foi praticamente todo aterrado para dar espaço a áreas urbanas residenciais.



Imagem 31: Arborização do Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

## O mobiliário Urbano

O mobiliário urbano é de grande importância para o desenho da cidade, sua organização, a qualidade de vida e comodidade da população e está ligado direta e exclusivamente à escala da rua. Era de se surpreender, com todos os problemas de espaço presentes no bairro do Coroadinho, que observássemos a existência adequada e em números de mobiliário urbano nas ruas. Não se encontrou a existência de abrigos em paradas de ônibus, lixeiras públicas, cabines de telefonia, essas quando existem são em pequenas quantidades e quanto às placas de sinalização e orientação, praticamente não existem. É visível a desordem, no entanto, existe um equipamento que em muitas vezes chega a incomodar ou atrapalhar os usuários, os postes, por terem um volume significativo nas calçadas estreitas, e também se apresentarem em grande quantidade.

De acordo com Lamas (2004) o mobiliário urbano, assim como a palavra já indica, mobília a cidade. Podemos concluir que o Coroadinho é muito pouco e mal mobiliado, afetando a qualidade de vida e a comodidade de seus moradores.

### 3.2.2. CIDADE OLÍMPICA

#### Solo

O processo de ocupação da Cidade Olímpica teve início em junho de 1996, quando o Senhor João Cândido da Silva ocupou, com duas mil famílias, o terreno da empresa Butano de 1.400 hectares. O nome do bairro foi escolhido pelo fato de a ocupação coincidir com a realização da olimpíada de 1996 na cidade de Atlanta nos Estados Unidos.

Área com curvas de nível mais altas da cidade, entre trinta e cinco e cinquenta e cinco metros acima do nível do mar, nos mostra um solo seco, pouco úmido, com uma pequena inclinação, pois a distância entre curvas é relativamente grande.

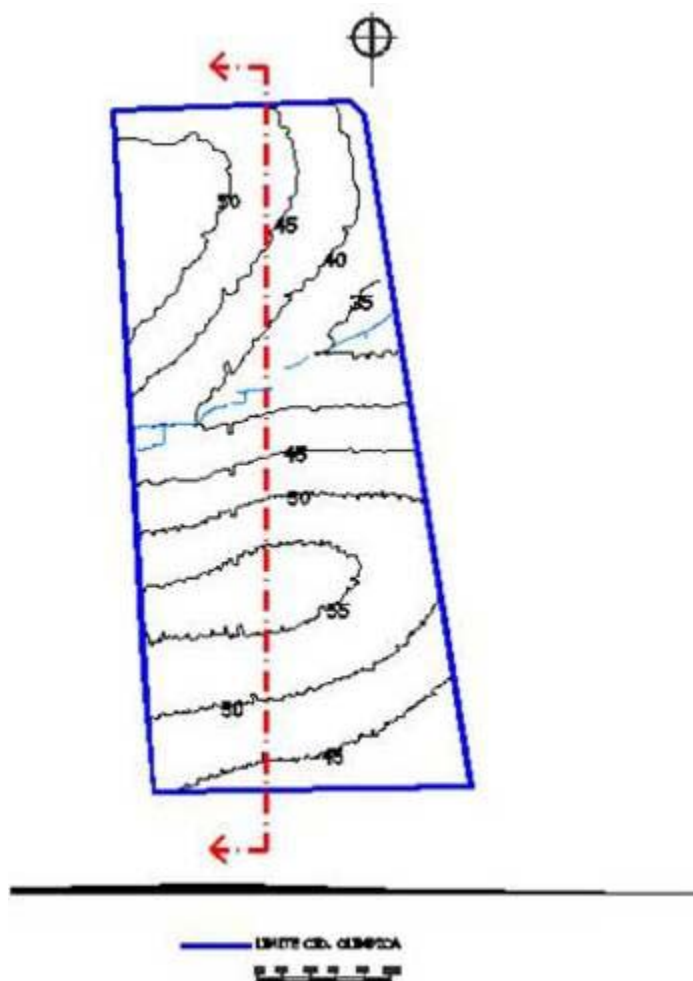


Imagem 32: Níveis e solo Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001



## **Traçado urbano e as vias**

O processo de ocupação do referido terreno foi motivado pelo interesse político-eleitoral e pela oportunidade que o primeiro líder da ocupação, o senhor João Candido, vislumbrou com a venda de lotes para famílias carentes, características do clientelismo citado anteriormente como um dos fatores que influenciou a formação dessas ocupações.

No entanto, em 08 de junho do mesmo ano, quando o terreno volta às mãos do legítimo dono através de reintegração de posse, o líder dos ocupantes fugiu da ocupação com promessas de resolver a situação no Governo do Estado (Jornal O Estado do Maranhão, São Luís, 27 de agosto de 1996).

Mas logo no mês seguinte o movimento por moradias articulou-se, realizando assembléias nos fins de semana. Elas foram o embrião da organização e mobilização da ocupação da Cidade Olímpica, onde os sem-teto formaram comissões que ficaram encarregadas das finanças, alimentação, mobilização, negociação, comunicação, segurança e cadastro dos mesmos depois de várias tentativas de negociação e de inúmeras visitas aos órgãos públicos para solucionar o impasse em torno da ocupação. Finalmente, os sem-teto, no dia 29 de dezembro de 1996, resolveram reocupar o terreno e fazer o assentamento dos cadastrados.

Desde o início da ocupação três liminares de reintegração de posse foram despachadas para desalojar os sem-teto. Por duas vezes a polícia militar cumpriu a ordem de despejo, chegando até a utilizar sua força física e armada contra os ocupantes.

Após três meses de negociação chegaram a um acordo e efetuou-se, então, a compra do terreno pelo Governo, através da COHAB. Nesse acordo os despejos foram suspensos e o Estado se comprometeu a fazer o cadastramento.

O projeto foi resultado de muitas discussões lideradas pelo senhor João Batista Lira Neto, atual presidente da Associação de Moradores e também um dos fundadores, de

acordo com a entrevista que ele nos deu; os representantes, com base em um levantamento planialtimétrico da área fornecido por professores universitários, determinaram as larguras das avenidas (20 metros.) e ruas (10 metros) e suas possíveis extensões e quantidades “(...) na minha concepção as larguras das ruas estão excelentes, de 10 metros de largura, tem que ser ruas que se pode olhar do começo meio e fim (...)” (João Batista Lira Neto, em 29 de março de 2009). Por fim, calcularam a área restante, que dividida serviria como base para calcular o número de lotes por quadra e o tamanho das quadras.

“Fizemos a ocupação utilizando um levantamento feito por professores universitários, que estavam ligados à questão dos sem tetos no Maranhão, (...) era um total de 10 mil famílias. De acordo com a área de terra, nós planejamos e fomos dividindo e chegamos a um denominador para cada família que para cá vieram (...) não teve nenhum desenho prévio, só esse cálculo (...) a partir desse cálculo fomos observando a largura das ruas, das avenidas, área verde, área de projetos chamados institucionais (...) distribuição finalizada em 18 de março de 2007 [indagado sobre a existência de um desenho disse] foi eu mesmo que fiz” (João Batista Lira Neto, em 29 de março de 2009).

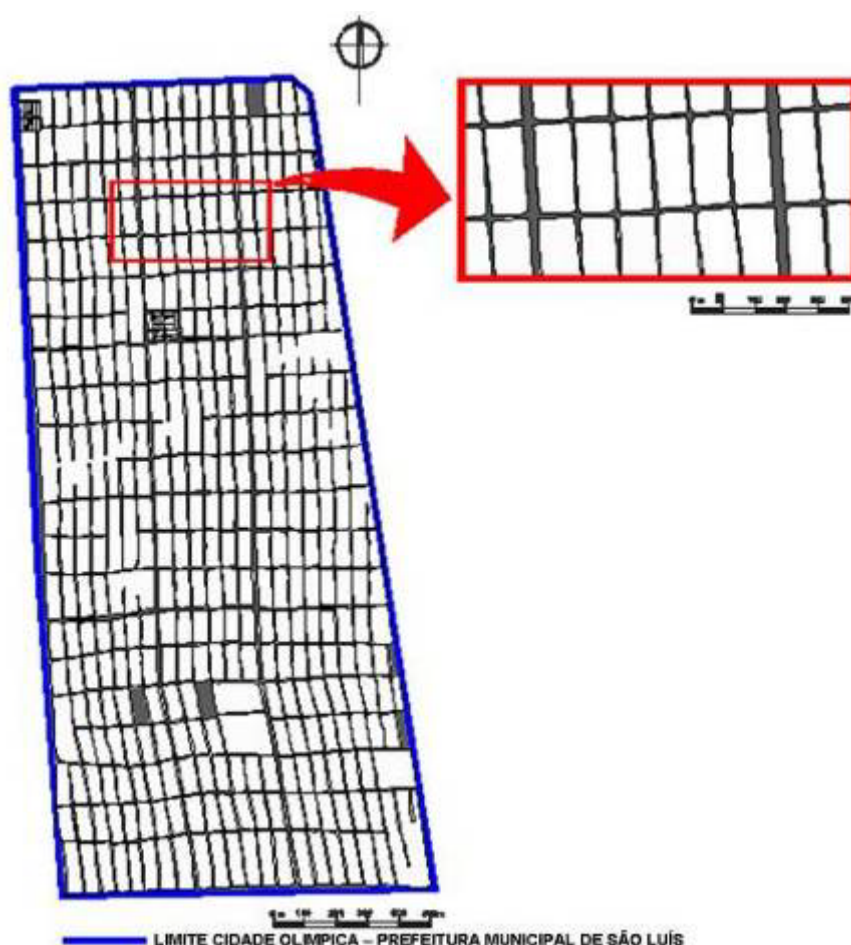


Imagem 33: Traçado urbano da Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís – 2001

A planta do bairro atualmente nos mostra um traçado urbano ortogonal, com pouca variação nos tamanhos das quadras, ruas retas com mesmas larguras, apenas com diferenciação das avenidas principais, características peculiares a esse tipo de traçado.

### **Quadras ou quarteirões**

Depois do posicionamento das principais vias eles dividiram a área em três setores, A, B e C, e de cada setor tiraram sete por cento, que deixaram para construção de áreas institucionais e áreas verdes. O valor resultante do total da área, menos as vias e as áreas destinadas a equipamentos, eles dividiram pelo número de famílias que estavam na área e assim chegaram ao denominador comum sobre o tamanho do lote.

Mesmo havendo algumas variações as quadras da Cidade Olímpica são quase sempre do mesmo tamanho. A média é de 115 m x 47 m com forma retangular, num total de 419 quadras, possuindo uma média de 33 lotes por quadras.

Percebemos que as duas quadras se subdividiram em quadras bem menores, mas isto ocorreu por motivo de instalação de duas feiras existentes no bairro.

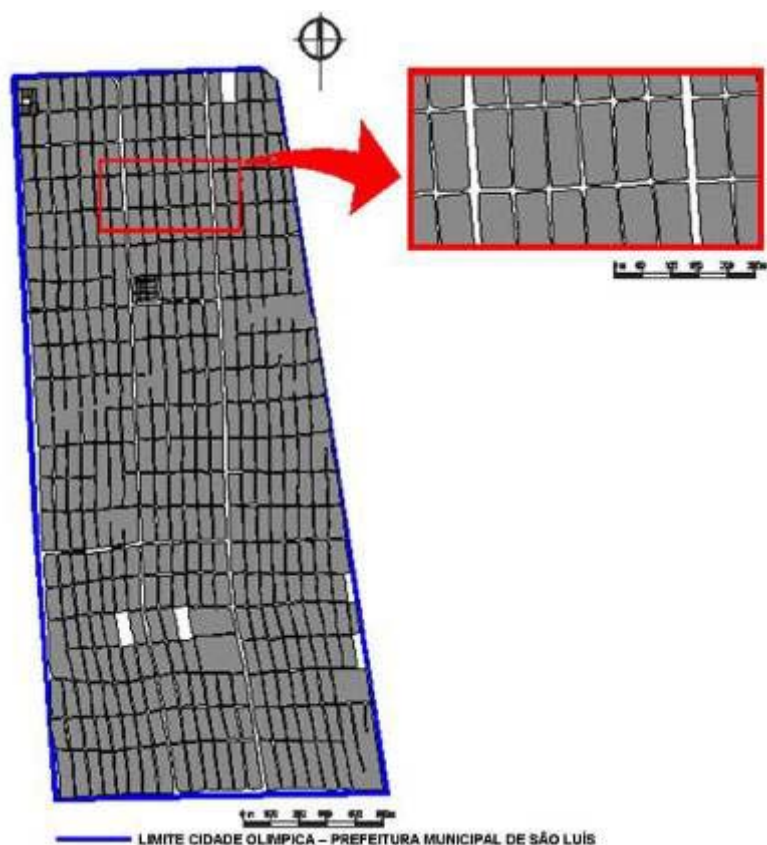


Imagem 34: Quadras da Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

## Os Lotes

Os lotes em sua maioria são do mesmo tamanho (10 m x 20 m), como foi dito anteriormente. Depois de demarcarem as ruas e avenidas e retirarem as porcentagens de áreas verdes e institucionais dividiram os lotes entre a quantidade de famílias ocupantes. Por ser uma área muito grande o lote conseguiu ficar com uma configuração e uma área plausível, pois o que determinou o tamanho do lote final foi a quantidade de famílias, e se caso existissem mais famílias o lote seria menor.

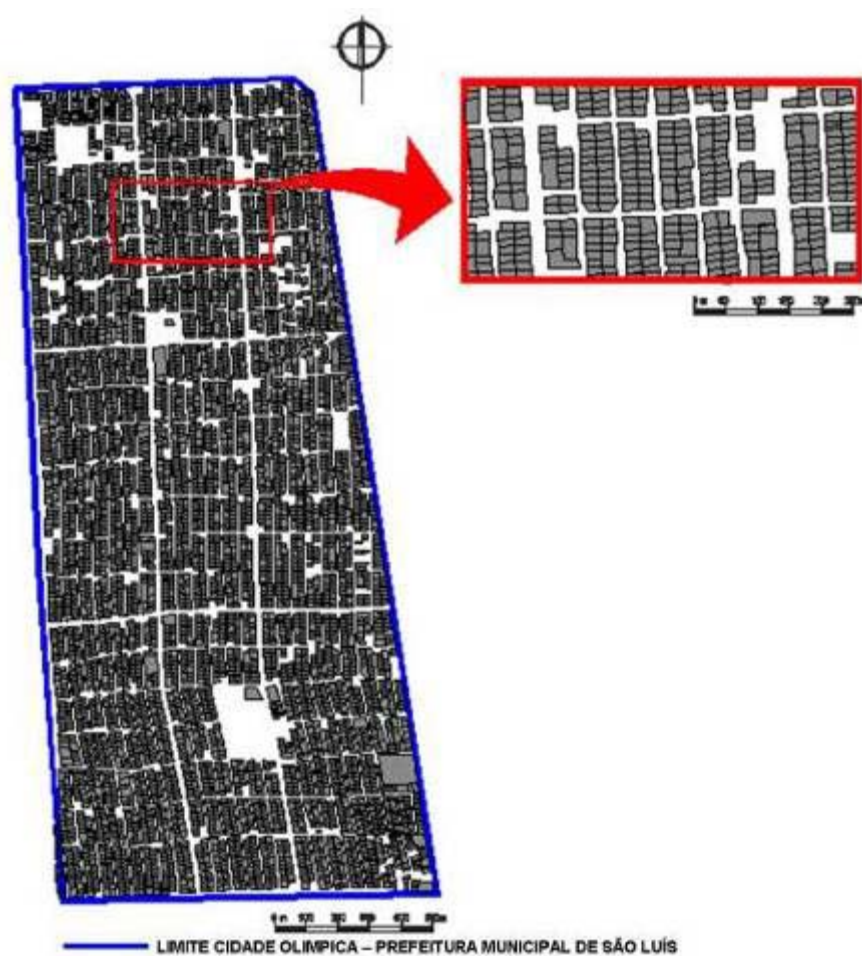


Imagem 35: Lotes da Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

## As Edificações

De acordo com a imagem apresentada e com a entrevista do senhor João Batista, grande parte das casas foi construída no limite frontal do lote, deixando recuos laterais e grandes recuos nos fundos. Apesar de existirem algumas casas com dois pavimentos, a maioria possui apenas um pavimento não ocupando a área toda do lote, tendo, por conseguinte, uma configuração menos densa e com a presença de quintais arborizados.

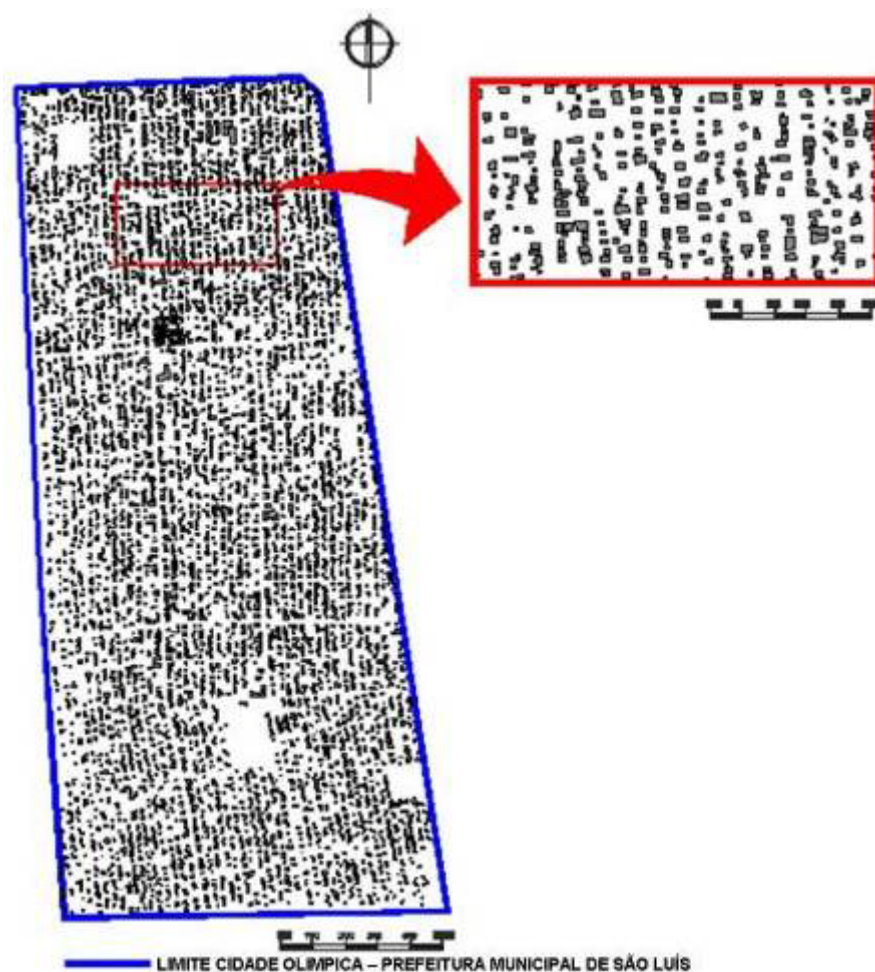


Imagem 36: Edificações da Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

## Áreas de lazer e equipamentos urbanos

O projeto inicial dos moradores reservou sete por cento da área de cada setor (A, B e C), para equipamentos e áreas de lazer, como praças, quadras, parques, etc. Após algum tempo instituiu-se a Associação de Moradores e em uma das administrações resolveram, utilizando o poder e contra o desejo de muitos, lotear as áreas livres e vendê-las sem nem mesmo utilizar os valores da venda em benefícios para a comunidade. Por este motivo atualmente não existem áreas livres que possam servir para implantação de áreas de lazer e equipamentos, e como podemos perceber na imagem abaixo não existe nenhuma área verde pública no bairro.

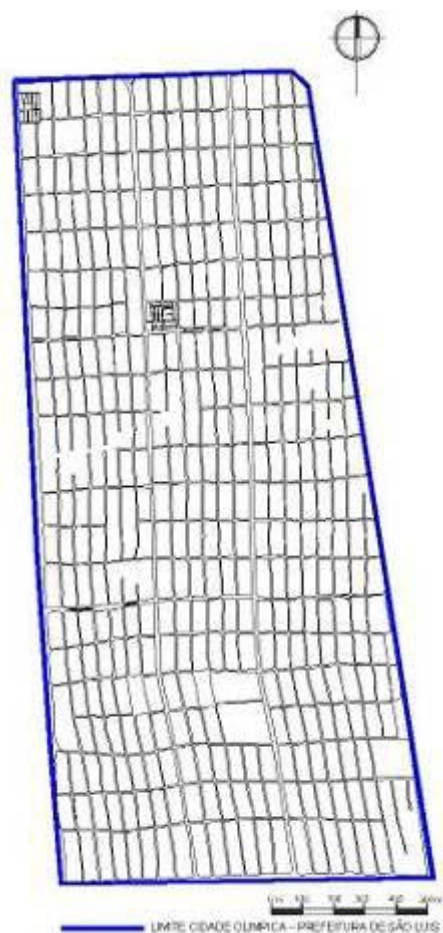


Imagem 37: Praças e áreas de lazer da Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

“Não existem áreas de lazer, pois as áreas foram ocupadas pelos lotes que foram vendidos pela Associação. As crianças brincam nas ruas e nos quintais e nos fins de semana os moradores utilizam os quintais e as frentes das casas, escutando som e bebendo” (João Batista Lira Neto, em 29 de março de 2009).

## As fachadas

Ao percorrer diversas ruas e avenidas do bairro da Cidade Olímpica percebeu-se que existem dois *skylines* preferencialmente, um das avenidas principais e outro das ruas secundárias. Nas avenidas a maioria das edificações possui dois pavimentos, sendo ainda intercalados por edificações apenas com térreo; já nas ruas secundárias raramente se observam edificações de dois pavimentos, geralmente são de porta e janela, sem recuo frontal, mais largas e com recuos laterais. O contato com o

espaço público só não é maior porque os moradores possuem o hábito de utilizar muito os quintais, permanecendo assim por mais tempo nos cômodos mais próximos a eles.



Imagem 38: Fachadas Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, levantamento fotográfico

### **A vegetação**

Ao analisarmos a foto aérea abaixo não percebemos a existência de arborização nas vias urbanas e nos canteiros centrais de avenidas ou calçadas; e como não existem áreas verdes, a arborização identificada na imagem localiza-se nos fundos dos lotes, nos quintais das casas. Isso ocorre porque, de acordo com senhor João Batista, a maioria dos moradores é proveniente do interior do estado e possui o hábito de cultivar árvores frutíferas, como meio de subsistência e conforto.

“(…) e plantio de árvores frutíferas nas casas, porque noventa e oito por cento da população eram oriundas do interior” (João Batista Lira Neto, em 29 de março de 2009).





Imagem 39: Quintais Cidade Olímpica (arborização)  
Fonte: Autora, levantamento fotográfico



Imagem 40: Arborização Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

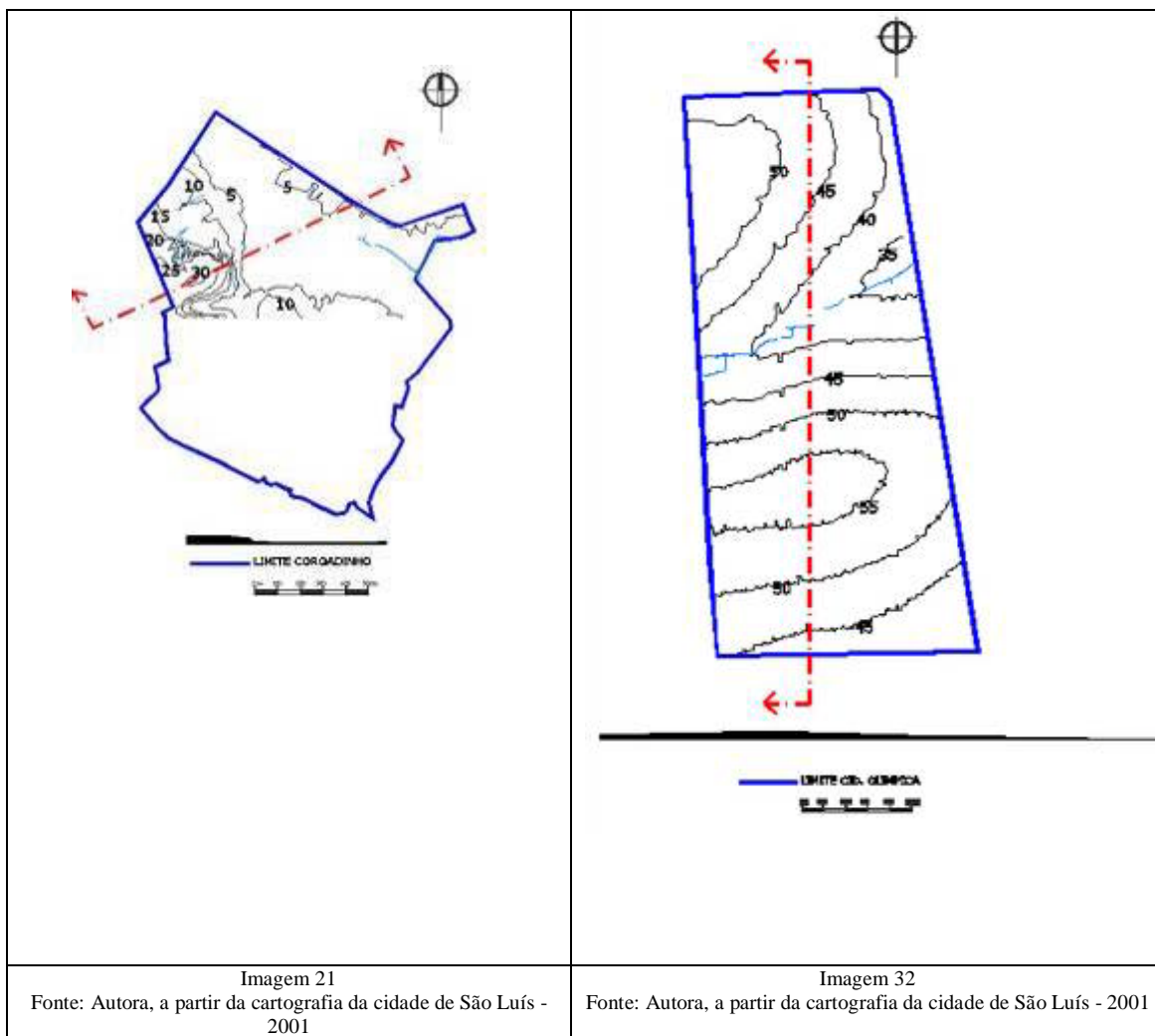
## O mobiliário Urbano

Através das visitas ao bairro e com base na entrevista do senhor João Batista diagnosticou-se a precariedade e em muitas vezes inexistência de alguns tipos de mobiliário urbano. Não existe nenhum abrigo de parada de ônibus, não existem lixeiras públicas, por essa razão a qualidade de vida e a comodidade dos moradores ficam comprometidas. Um exemplo citado pelo entrevistado também é bem preocupante, em relação às cabines de telefonia. Além de serem poucas são mal localizadas, pois a maioria fica perto de bares, o que impossibilita uma utilização adequada do equipamento.

“(…) não existem paradas de ônibus, nenhum abrigo, não possuem lixeiras publicas (…) problemas de ratos, doenças. As poucas cabines de telefone estão próximas a bares, dificultando o uso por causa do barulho de músicas (João Batista Lira Neto, em 29 de março de 2009)”.


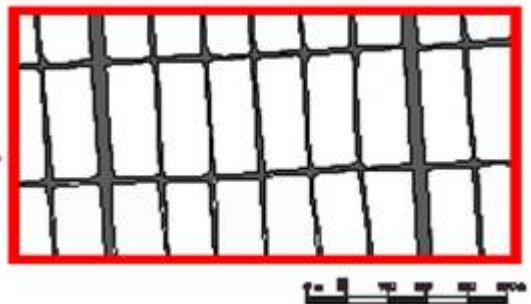
### 3.2.3. QUADRO COMPARATIVO DOS ELEMENTOS MORFOLÓGICOS DOS BAIROS

Coroadinho	Cidade Olímpica
<p style="text-align: center;"><b>Solo</b></p> <p>O chão do Coroadinho e o da Cidade Olímpica são totalmente diferentes. O primeiro com cotas de nível mais baixas possui solo encharcado pelas águas do rio das Bicas e dos seus afluentes; as curvas são bem mais próximas do que as curvas da Cidade Olímpica, por isso a declividade é muito maior. A Cidade Olímpica possui as curvas de nível mais altas da ilha de São Luís, tendo por este motivo um solo mais seco.</p>	



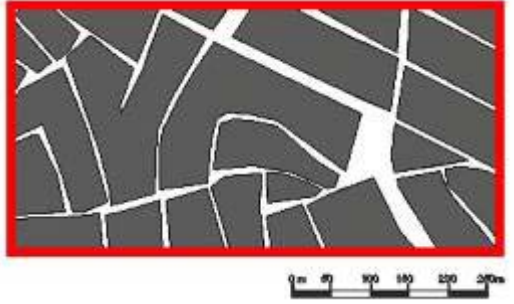
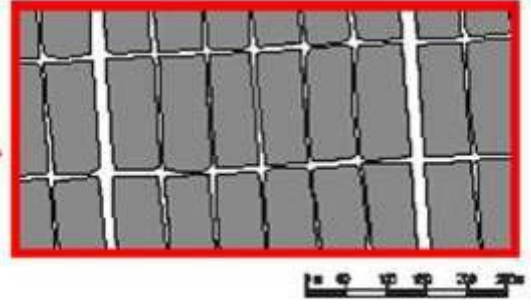
### Traçado

Os dois bairros divergem totalmente no tipo de traçado. No Coroadinho tudo é irregular: o tamanho e forma das quadras, a largura das ruas, tamanho dos lotes, etc.; enquanto que na Cidade Olímpica todas as ruas são da mesma largura, avenidas igualmente da mesma largura, quadras iguais, todas possuindo um traçado ortogonal, retilíneo, totalmente diferente do Coroadinho.

	
<p>Imagem 41: Detalhe traçado Coroadinho Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001</p>	<p>Imagem 42: Detalhe traçado Cidade Olímpica Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001</p>

### Quarteirão

Os quarteirões do Coroadinho são totalmente irregulares com tamanhos e formas totalmente diferentes da Cidade Olímpica, que possui uma regularidade e proporcionalidade sempre com formas retangulares.

	
<p>Imagem 43: Detalhe quarteirão Coroadinho Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001</p>	<p>Imagem 44: Detalhe quarteirão Cidade Olímpica Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001</p>

### Lotes

Os lotes seguem as quadras. No Coroadinho as quadras são irregulares e os lotes também o são, mas principalmente porque variam muito de largura alguns são muito estreitos. Já os lotes da Cidade Olímpica são todos de dez metros de largura por vinte metros de profundidade.

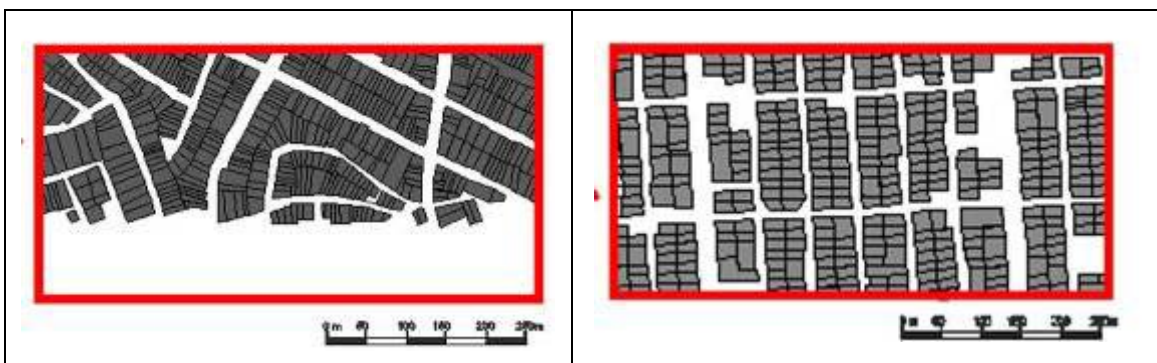


Imagem 45: Detalhe lotes Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

Imagem 46: Detalhes lotes Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís – 2001

### Edificações

As diferenças continuam nas formas e tamanhos das edificações. No Coroadinho as edificações ocupam em sua maioria quase que toda a área do lote; na Cidade Olímpica as construções estão no meio do lote, possuindo recuos frontais, laterais e nos fundos. Por ser uma ocupação mais antiga e mais consolidada a hipótese de que no Coroadinho as residências tenham essas características por causa da idade do bairro, pois os moradores tiveram mais tempo para construir. A outra hipótese complementar a esta diz respeito aos tamanhos dos lotes, que são quase sempre muito estreitos e muito pequenos. Os gabaritos das edificações dos dois bairros são semelhantes, sendo a maior parte de um só gabarito. As edificações de dois pavimentos situam-se nas avenidas principais que são as ruas de comércio, onde os moradores utilizam o pavimento térreo para trabalhar e o segundo piso para residências.

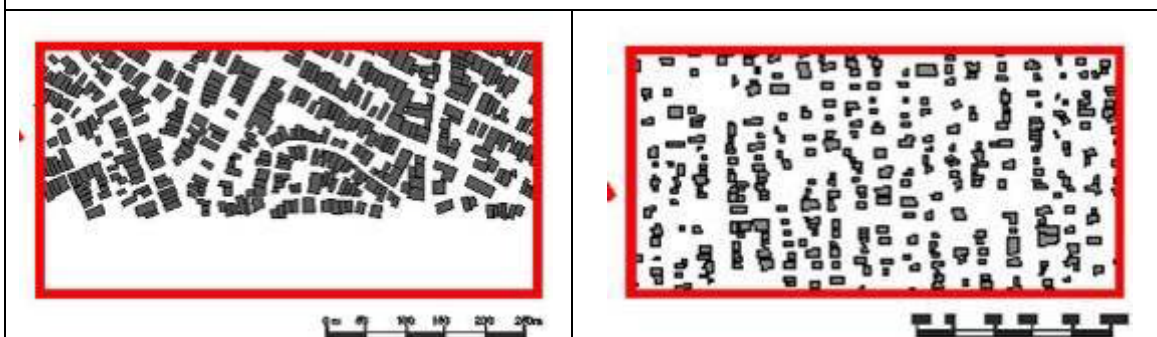


Imagem 47: Detalhe edificações Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

Imagem 48: Detalhe edificações Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís – 2001

### Áreas de Lazer

No Coroadinho o esquecimento e a negligência pelas áreas livres destinadas para instituições e lazer aconteceram logo na ocupação inicial, não sobrou nenhuma. Da mesma forma, na Cidade Olímpica também não existem áreas livres e nem áreas de lazer. Na época da ocupação quase tudo foi pensado, no entanto, a falta de políticas públicas e obras deixaram essas áreas a mercê de agentes especuladores, que um pouco depois da consolidação da ocupação lotearam e venderam as áreas livres.



Imagem 28

Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

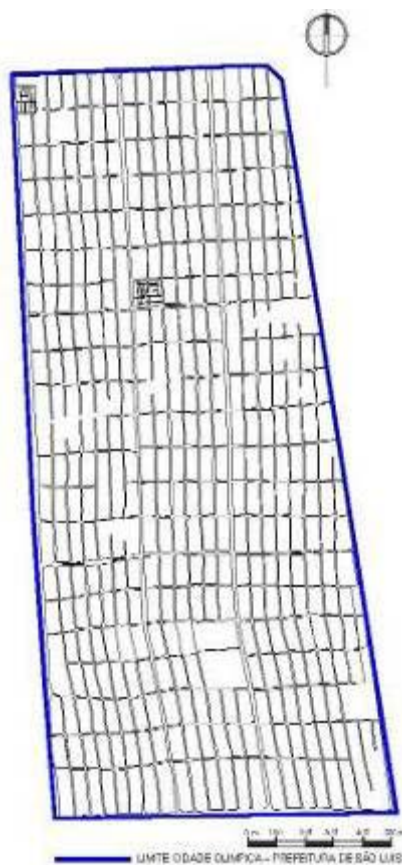


Imagem 37

Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

## Fachadas

As fachadas do Coroadinho transmitem a sensação de uma ocupação mais consolidada, pois a maioria delas já tem um tratamento estético, pinturas e revestimentos diversos. O mesmo não se percebe na Cidade Olímpica, onde a maioria das edificações permanece em alvenaria crua, sem revestimentos. As larguras das fachadas no Coroadinho são variadas, assim como na Cidade Olímpica, no entanto como os lotes da Cidade Olímpica são mais regulares, se percebe que possuem afastamentos laterais, que não se vêem no Coroadinho. Em ambos os bairros as edificações não passam de dois pavimentos, sendo estas últimas mais concentradas nas avenidas principais, onde ocorre o comércio local. No Coroadinho assim como na Cidade Olímpica a maioria das edificações, exceto as das avenidas principais, é de um pavimento, de porta e janelas. Pode-se afirmar, de forma generalizada, que a tipologia tipo porta e janela é culturalmente identificada na evolução histórica das residências de pessoas menos abastadas na cidade de São Luís, sendo a existência delas muito comum no cento histórico da cidade e em suas imediações. No Coroadinho existem ainda algumas com vãos para garagem. Nas avenidas da Cidade Olímpica a tipologia das edificações difere das edificações das avenidas do Coroadinho apenas porque possuem testadas maiores e recuos laterais, porém, em ambas, o comércio se realiza no térreo e a residência no primeiro piso.



Imagem 49: Fachadas Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir de levantamento fotográfico.



Imagem 50: Fachadas Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir de levantamento fotográfico

### Arborização Urbana

A arborização em vias e áreas públicas em ambos os bairros não existem, o que resta são os quintais. Nesse ponto encontram-se diferenças: o Coroadinho por ter muitas variações nos tamanhos dos lotes e por ter uma densidade construtiva muito maior do que a da Cidade Olímpica não possui muitas áreas de quintais, e por conseqüência, também possui pouca arborização. Na Cidade Olímpica, a maioria das residências possui quintais arborizados.



Imagem 51: Detalhe arborização Coroadinho  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001



Imagem 52: Detalhe arborização Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, a partir da cartografia da cidade de São Luís - 2001

A caracterização e análise apresentadas acima, somadas com a descrição e análise das relações de vizinhança que serão apresentadas no item a seguir, deverão fundamentar toda a conclusão desse estudo. Os itens foram subsidiados por visitas aos bairros, observações, entrevistas com representantes das Associações de Moradores, análises de fotografias, mapas, plantas cadastrais, plantas topográficas, dentre outros.



### **3.3. ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA NOS BAIROS SELECIONADOS DA PESQUISA EMPÍRICA**

Descrever as relações de vizinhança dos bairros em análise, assim como foi feito com a forma urbana, é extremamente necessário para amarrarmos a teia de informações capaz de refutar ou não a hipótese dessa pesquisa.

Para isso foi necessário fazer uma pesquisa de campo criteriosa. Além das visitas e do levantamento fotográfico foram realizadas entrevistas e questionários com os moradores dos bairros. As entrevistas (ver modelo no anexo 02) feitas com os representantes da Associação de Moradores e de organizações atuantes no bairro serviram para complementar as pesquisas bibliográficas sobre questões históricas e socioeconômicas dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica, mas também ajudaram no entendimento das características das relações de vizinhança que ocorrem nos bairros. Foram entrevistados os senhores “Girafa”, presidente da Associação de Moradores do Coroadinho, e Antonio Alves, presidente do Conselho de Segurança Cidadã do Pólo do Coroadinho e Maria do Carmo Alves, presidente do Conselho de Defesa Social; no bairro Cidade Olímpica foi entrevistado o presidente da Associação de Moradores e fundador do bairro, João Lira. A partir das entrevistas realizadas foi possível identificar os pontos necessários a serem explorados nos questionários (ver anexo 01), que foram aplicados em oitenta residências em cada um dos bairros da pesquisa, depois tabulados e transformados em gráficos para análise.

#### **3.3.1. VIZINHANÇA DO COROADINHO**

Começaremos mostrando qual foi a primeira impressão e as primeiras conclusões ao manter o primeiro contato com o Coroadinho.

Ao chegar ao bairro a primeira atitude tomada foi procurar pela Associação de Moradores representada pelo seu presidente, e logo se percebeu que existia uma facilidade de comunicação, ou seja, as pessoas se conheciam e davam informações sem colocar nenhum obstáculo, pois a primeira pessoa indagada soube indicar o nome e a

direção da casa do presidente da associação. No caminho, para dirimir dúvidas, outras pessoas foram indagadas e o auxílio foi certo e imediato.

Além das perguntas de identificação como o nome, idade e tempo que mora no bairro, foram feitas indagações sobre a história do bairro, seus moradores, a infraestrutura, os equipamentos, áreas de lazer, respostas estas, que já foram utilizadas em capítulos anteriores. Por fim, indagou-se sobre as características da vizinhança, as reações entre vizinhos sobre questões que os afetam, os conflitos identificados e as causas prováveis desses conflitos.

Quando indagada, se já tinha presenciado ou sido informada sobre conflitos entre vizinhos, a senhora Maria do Carmo declarou que sim e citou exemplos e causas: falou que residências onde o terreno não tem muro, geralmente existiam conflitos quando um vizinho entrava no quintal do outro. Disse também que como as casas são muito coladas, muitas vezes geminadas, por possuir uma única parede entre as duas, o barulho produzido em uma causa transtornos, incomodando a tranquilidade do outro, e vice versa. Destacou ainda problemas e conflitos causados pelo uso das ruas estreitas pelas crianças que jogam bola, atrapalhando o fluxo de pessoas, de automóveis, mas principalmente, fazendo barulho e causando estragos quando as bolas batem nas portas, janelas e paredes das residências.

Ainda pelo fato das casas serem coladas ela afirmou que as mesmas são muito quentes, e às vezes, quando tem algum modo de abrir um vão nas paredes para melhorar o conforto, um vizinho acaba tirando a privacidade do outro, porque abrem janelas voltadas para o quintal alheio, ou em direção da janela do vizinho o que acaba gerando conflitos. Outra questão enfrentada é a impossibilidade de manutenção das paredes, pela falta de recuos.

Um ponto positivo levantado pela senhora Maria do Carmo, em relação à proximidade das casas, segundo ela, essa situação protege um pouco os moradores dos vândalos e delinquentes. Diz ela que as casas coladas não deixam espaços para invasão de

assaltantes, em um bairro com grandes índices de criminalidade, a preocupação é compreensível.

“(…) devido os terrenos serem muito pequenos, muita gente, as casas são coladas, a bondade é não ter espaço pra entrar ninguém, se tiver que ter um assalto, um arrombamento, alguma coisa nesse sentido, pela lateral não tem como, não dá pra entrar. Mas por outro lado, a casa do vizinho tá muito próxima a outra, tem a questão da parede, que danifica a parede do outro. A minha casa, por exemplo: a gente tá reformando, e quando a gente colocou os pilares pra fazer em cima, descobrimos que a parede estava toda estragada, por que a água que desce não tem como escorrer, a frieza de uma parede pra outra ela não seca. Ao invés de construir a minha casa em cima tive que refazer ela toda” ( Senhora Maria do Carmo, em 20 de março de 2009).

“A privacidade é difícil, tem que tentar o máximo controlar a zoada, meu som eu tenho que usar bem baixo, (...) nem sempre o vizinho tem essa consciência. Quando eu tinha filho pequeno, e o vizinho também, era muito difícil, meu filho era recém nascido e os filhos deles eram pequenos, mas já faziam barulho, e era muito difícil dos meus dormirem (...) isso se torna um pouco crítico” (Senhora Maria do Carmo, em 20 de março de 2009).

O senhor Girafa, codinome do presidente da Associação dos Moradores, quando perguntado sobre os conflitos de vizinhança, além de problemas destacados por ele como banais, como brigas por bebidas, barulho de crianças, etc., teve respostas parecidas com as da senhora Maria do Carmo. O fato das casas serem coladas interfere na privacidade e sossego, geralmente não se pode colocar TVs e sons em tons mais altos que logo os vizinhos reclamam. Esse fato também prejudica a manutenção das casas, mas segundo o mesmo os problemas são rapidamente resolvidos com diálogo, mas já existiram casos que foram solicitados ajuda do poder público para resolver conflitos, no entanto, segundo ele já existiram casos em que um dos vizinhos se mudou, pois não houve possibilidade de conciliação.

“Tem vários tipos de atritos entre vizinhos, por causa de bebida, crianças, problemas banais, vizinho que usa drogas, o outro reclama e denuncia” (Senhor Girafa, em 18 de março de 2009).

“(…) há varias maneiras de interferência, as casas não tem estrutura, às vezes o vizinho é incomodado com o outro, você quer botar um som, uma televisão mais alta, incomoda o vizinho, tem vizinho que entende (...)” (Senhor Girafa, em 18 de março de 2009).

“comigo tá acontecendo, o cano do vizinho está estourado, tá molhando a parede... já mandei chamar ele, ele já veio e já olhou, e autorizou que eu fizesse o serviço, que ele me reembolsaria” (Senhor Girafa, em 18 de março de 2009).

“(…) quando um vizinho acha que tem direito de construir em um lugar, o outro acha que não (…) eu sempre aconselho a procurar o órgão competente, se não estiver certo o órgão vai demolir (…) isso às vezes causa constrangimento, o problema do vizinho e outro, (…) às vezes é resolvido, mas às vezes gera um problema maior, o vizinho é obrigado a vender a casa pra não ter mais problema” (Senhor Girafa, em 18 de março de 2009).

“(…) utilização da rua, às vezes um quer usar a rua como se fosse dono, bota entulho, uma coisa, custa tirar, e tá prejudicando alguém, alguém vai falar, há de vez em quando esse tipo de descontentamento” (Senhor Girafa, em 18 de março de 2009).

Outro conflito levantado pelo senhor Girafa, e também pela senhora Maria do Carmo é proveniente da utilização das ruas pelas crianças, devido a não existência de áreas de lazer e esporte no bairro. Sendo as ruas estreitas e as casas sem recuos, estando situadas no limite das ruas, não há espaço livre privado para as crianças brincarem, o que acaba levando-as a buscar contentamento nas próprias ruas. Além do barulho, as bolas de jogos de futebol batem nas janelas e portas e causam descontentamentos.

O presidente da Associação citou que na avenida principal, utilizada para comércio e próximo à feira, ocorrem conflitos quando alguns comerciantes constroem puxadinhos para aumentarem seus estabelecimentos, puxadinhos que às vezes são apenas cobertura retrátil ou fixa, mas chegam muitas vezes a construções em alvenaria. Além de diminuir o espaço das estreitas calçadas, prejudicando todos os usuários das ruas, os puxadinhos provocam insatisfações, pois nem todos os vizinhos aceitam as modificações.

O terceiro entrevistado, senhor Antonio Alves, destacou o conflito já identificado pelos outros dois entrevistados, que é o causado pela presença das crianças e adolescentes nas ruas, atrapalhando fluxo de pessoas e automóveis, produzindo barulho e transtornos físicos às residências, destacados anteriormente.

No segundo momento foram aplicados os questionários produzidos a partir das observações em loco, das visitas realizadas e dos resultados das entrevistas. O modelo do questionário aplicado aos moradores dos bairros encontra-se anexado no final desse trabalho.

## Realização do trabalho de campo: aplicação dos questionários

Foram aplicados questionários em oitenta residências, sendo que dentre essas quinze são do tipo misto, residência e comércio, e se localizam na avenida principal do bairro. Por este motivo a análise destes questionários foi feita separadamente dos demais, e será apresentada após a tabulação e análise dos sessenta e cinco restantes que se descreve a seguir.

Identificaremos primeiro o perfil dos entrevistados, gerado a partir das três primeiras perguntas, logo após estaremos analisando as características da vizinhança e pontos relevantes para verificar como se estabelecem os contatos sociais entre vizinhos.

A maior parte dos entrevistados, cinquenta e sete por cento, foram mulheres com mais de trinta anos de idade, moradoras do bairro há mais de vinte anos, ou seja, a maioria é de moradores antigos que vieram do interior do estado, como já foi citado anteriormente.

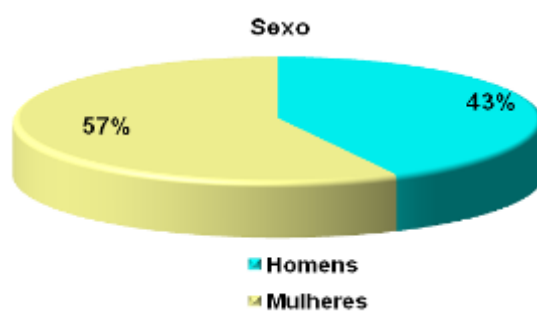


Gráfico 18: Pesquisa de Campo Coroadinho  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

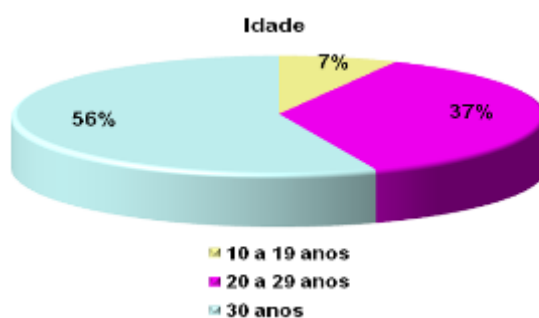


Gráfico 19: Pesquisa de Campo Coroadinho  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo



Gráfico 20: Pesquisa de Campo Coroadinho

Fonte: Autora, pesquisa de Campo

Quando indagados se conheciam todos os vizinhos de sua rua, as respostas representadas pelo gráfico 21 mostram que praticamente oitenta por cento conhecem todos os seus vizinhos. Perguntamos também se conheciam muitas pessoas fora de sua rua e destes sessenta e sete por cento responderam que sim (Ver gráfico 22). Além desta investigação precisávamos descobrir o grau de conhecimento e de contato entre os mesmos e o gráfico 23 representa essas respostas.

Quando perguntamos se conheciam de vista muitos ou poucos vizinhos, quase todos responderam que conheciam muitos, o que representa um significativo grau de contato entre as pessoas; ainda de acordo com o mesmo gráfico observamos que a metade dos entrevistados, além de conhecerem muitos vizinhos de vista, também conhecem por nome, o que aumenta ainda mais o contato na vizinhança. Ainda nesse universo investigamos se este grau de contato entre vizinhos poderia ser mais estreito, perguntamos se os mesmos tinham muitos ou poucos amigos na vizinhança, e um terço respondeu que possuem muitos amigos, e ainda como mostra o gráfico 23, observamos que dois terços dos entrevistados falam frequentemente com seus vizinhos, no entanto, a grande maioria limita seu contato neste ponto, pois não costuma frequentar ou entrar na casa de vizinhos.

**Você conhece todos os seus vizinhos da sua rua?**

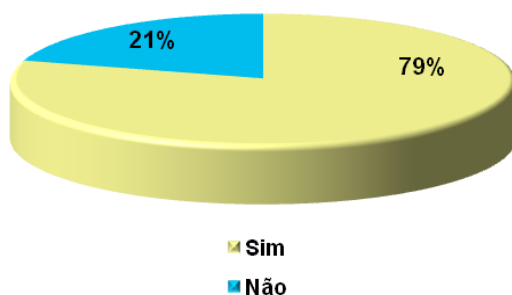


Gráfico 21: Pesquisa de Campo Coroadinho  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

**Conhece pessoas fora de sua rua ?**

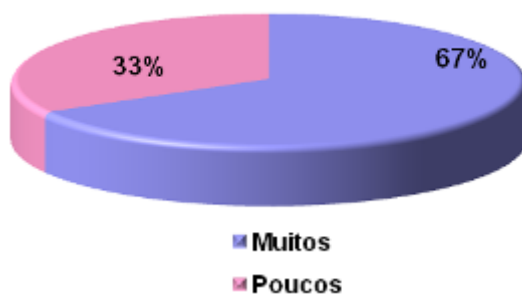


Gráfico 22: Pesquisa de Campo Coroadinho  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

**Qual o grau de contato com seus vizinhos?**

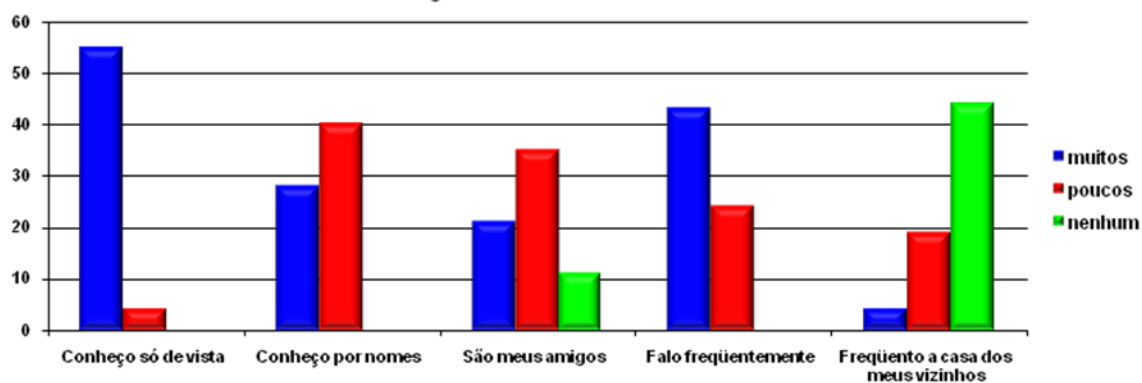


Gráfico 23: Pesquisa de Campo Coroadinho  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

Continuando na mesma linha de perguntas, indagamos sobre o conceito que poderiam atribuir a sua vizinhança, entre ótimo, bom, ruim e péssimo. Vinte e seis por

cento conceituam sua vizinhança como ótima, somados aos setenta e três por cento que atribuíram conceito bom, percebemos que existe um alto grau de satisfação.



Gráfico 24: Pesquisa de Campo Coroadinho  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

A pergunta seguinte buscou descobrir que tipos de atitudes ou fatos existiam na vizinhança e quais podiam incomodá-los. Os itens apresentados foram levantados e escolhidos a partir de entrevistas feitas com representantes da comunidade.

O barulho, proveniente de som alto e conversas em tons mais elevados foi indicado pela maioria, praticamente oitenta por cento, como um fato existente no bairro e destes três quartos indicaram isto como uma causa de incomodo. Perguntou-se também se a sua residência era colada com a do vizinho e se isso afetava de alguma forma a privacidade; mais de quarenta por cento responderam que sua residência era “grudada” na do vizinho, sendo que metade dos que se encontram nessa situação se sente incomodados.

De acordo com os representantes do bairro, por falta de espaços e locais de lazer as crianças procuram as ruas para brincar, e segundo eles às vezes isso causa aborrecimentos, pois os brinquedos, principalmente as bolas, batem nas portas e janelas das casas, além de produzirem barulho. Buscamos, então, descobrir o grau de insatisfação dos entrevistados em relação a este fato, noventa por cento identificaram a existência deste e mais da metade deles afirmaram se incomodar. Levantamos também o questionamento sobre a existência de problemas quanto ao limites de lotes, construção de muros, cercas ou



paredes e pouquíssimos identificaram a existência deste, explicando que alguns fatos do tipo existiram no passado, no início da ocupação do bairro, atualmente não são comuns. Hoje às vezes ocorrem problemas e descontentamentos quanto à construção de calçadas, ou quando alguém quer utilizar ou colocar seu muro e paredes em cima do meio fio, apesar de não afetar diretamente a casa do vizinho causa descontentamento entre os mesmos. Outro ponto é a invasão, mesmo que temporária, do quintal de um vizinho pelo outro. Alguns poucos identificaram a existência deste fato, mas disseram não se incomodar porque na maioria das vezes são crianças buscando brinquedos, frutas, etc.

Por fim, deixamos a critério dos entrevistados identificarem outros fatos relacionados à vizinhança que causassem descontentamento para si, apesar da esperança de identificar outros eventos os entrevistados apenas reclamaram da falta de infraestrutura no bairro e dos alagamentos constantes.



Gráfico 25: Pesquisa de Campo Coroadinho  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

Um dos pontos muito importante foi tentar identificar se ocorriam transtornos, brigas e discussões entre vizinhos e o grau deste e o que ocasionaria. Por esse motivo foi perguntado se já havia existido algum descontentamento, discussão ou brigas entre eles, e vinte seis por cento afirmaram que sim, identificando o barulho e o desrespeito como as principais causas.

**Já existiu algum tipo de transtorno na convivência diária entre você e outro vizinho?**



Gráfico 26: Pesquisa de Campo Coroadinho  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

Por fim, era necessário identificar o palco dos contatos e da socialização entre os vizinhos questionando então se existiam locais para diversão no bairro, quais eram estes locais e se eles costumavam encontrar seus vizinhos nas ruas e calçadas de seu bairro. Quase oitenta por cento responderam que não existem locais para diversão, como praças, por exemplo, e os que responderam que sim normalmente indicaram bares e o único campinho de futebol da área.

**Você costuma encontra seus vizinhos nas ruas ou calçadas ?**

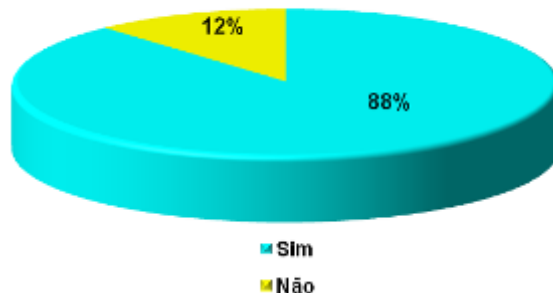


Gráfico 27: Pesquisa de Campo Coroadinho  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo



Gráfico 28: Pesquisa de Campo Coroadinho

Fonte: Autora, pesquisa de Campo

O terceiro momento da pesquisa de campo foi a aplicação dos questionários com moradores comerciantes do bairro, com suas residências localizadas na avenida principal. O objetivo foi identificar se os mesmos fenômenos diagnosticados nos questionários aplicados aos demais moradores são os mesmos na avenida principal, e com um perfil de morador um pouco diferenciado dos demais, por serem comerciantes e localizarem-se nas avenidas principais e de maior fluxo nos bairros.

Imaginou-se que aplicando questionários com comerciantes do bairro, pelo fato da posição dos mesmos, o resultado poderia ser diferente, mas não houve muitas variações, apenas o que já era óbvio, os mesmos conhecem muito mais pessoas fora de sua rua e muito mais seus vizinhos, por nomes.

### 3.3.2. VIZINHANÇA DA CIDADE OLÍMPICA

Assim como foi feito no Coroadinho, mostraremos primeiramente qual a primeira impressão do bairro e da comunidade da Cidade Olímpica. Apesar de utilizar o mesmo método, o primeiro contato foi um pouco diferente do que no Coroadinho. Ao chegar ao bairro houve uma facilidade para encontrar a Associação de Moradores, pois a mesma encontra-se em uma das avenidas principais, em um prédio de fácil acesso com um letreiro bem visível.

A procura pelo presidente da Associação, a priori, resultou em informações imprecisas. As pessoas na Associação não souberam informar o endereço nem contato,

mas ao sair do prédio resolvi perguntar para algumas senhoras que passavam se conheciam e sabiam onde morava o presidente, conseguindo, então, a primeira informação desejada.

Chegando a residência do suposto presidente fui informada pela senhora que ali estava que ele não se encontrava e que ela não poderia dar um número de contato. Informou também que ele era presidente interino e que no final de semana próximo aconteceria nova eleição. Perguntei, então, se ela conhecia alguém que soubesse muito sobre a comunidade e na resposta indicou o senhor João Lira, candidato a presidente, que era um dos fundadores do bairro e tinha muito a informar, indicando o local da sua residência.

Chegando a casa do senhor João Lira, por algum tempo insistiu-se em chamar atenção de alguém na residência, mas ninguém atendeu a porta. Resolvi então, insistir novamente e após algum tempo apareceu um rapaz que pediu que eu me dirigisse para outra entrada da residência, localizada na rua ao lado já que a casa era de esquina. O senhor João Lira não se encontrava, mas explicando meus objetivos consegui o número do telefone para poder entrar em contato e marcar a entrevista.

No dia trinta e um de março de dois mil e nove realizou-se a entrevista com o Senhor João Lira, no momento eleito presidente da Associação de Moradores, que forneceu informações desejadas sobre a vizinhança e seus conflitos, além de complementarem as pesquisas já realizadas sobre o bairro.

Quando questionado sobre a qualidade da vizinhança e dos seus vizinhos ele informou que acreditava ser uma boa vizinhança, mas como a Cidade Olímpica é muito grande impossibilita um contato maior entre todos os moradores e por este motivo nem todos se conhecem.

Segundo ele os conflitos mais comuns entram nas questões de convívio e de divergências de opiniões, comuns a todos os tipos de grupos. Mas destacou que existe um problema que geralmente causa conflitos entre vizinhos, o fato de que a maioria dos terrenos não possui estruturas limitantes, como muros, cercas, etc., apesar de todos

saberem que seus terrenos são apenas de dez metros de largura. Quando começam a construir ou aumentar suas casas muitos, tentando ser espertos com suas construções, invadem parte do terreno do vizinho e isso causa descontentamentos e conflitos. Interrogado sobre a existência de outros conflitos o senhor Lira, fundador e morador há 13 anos no bairro, informou não ter conhecimento, acreditando que os principais conflitos já tinham sido identificados nesta entrevista.

“Muitas vezes aquele que faz sua casa primeiro pega um pedaço do lote do outro, exemplo: eu vou construindo as vezes com o olho maior vou entrando um metro, oitenta centímetros, cinquenta centímetros na sua área, (...) na hora que entro no seu lote você detecta logo, pois os lotes são de dez metros, então a hora que entro oitenta centímetros já observa, que isso aqui não é seu, esse é o conflito (...) como a maioria ainda não tem muros, fica fácil de adentrar no terreno do outro” (João Lira, em 31 de março de 2009).

Já foi esclarecido anteriormente que as entrevistas realizadas com os representantes locais serviram para elaboração de questionários aplicados aos demais moradores e os resultados da aplicação dos mesmos - em sessenta e cinco residências do bairro da Cidade Olímpica - serão apresentados a seguir.

### **Realização do trabalho de campo: aplicação dos questionários**

Os gráficos 30, 31, 32 mostram que a maior parte dos entrevistados foi mulheres com mais de trinta anos e que moram há mais de dez anos no bairro. Como o bairro tem treze anos de existência a maioria dos entrevistados praticamente estava presente desde o início da ocupação do bairro. Identificamos também que apesar da maioria da população do bairro ser proveniente de cidades do interior já residiam antes na cidade de São Luis.

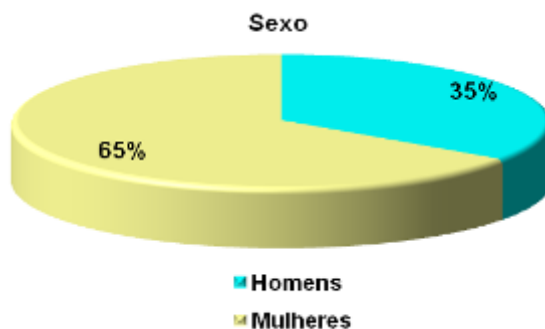


Gráfico 29: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica

Fonte: Autora, pesquisa de Campo

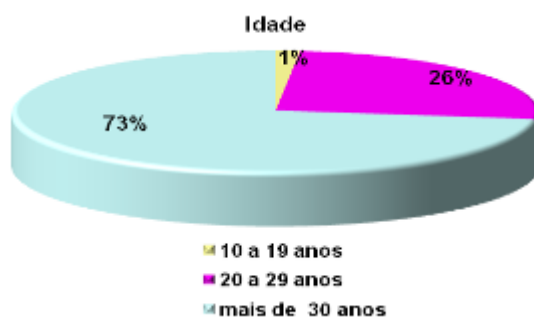


Gráfico 30: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica

Fonte: Autora, pesquisa de Campo



Gráfico 31: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica

Fonte: Autora, pesquisa de Campo

O gráfico 32 mostra que cinquenta e nove por cento das pessoas conhecem todos os vizinhos de sua rua. Mas em relação aos conhecidos fora da rua cinquenta e dois por cento responderam que conheciam poucas pessoas (Ver gráfico 33). Em relação ao grau de interação entre vizinhos tivemos as seguintes respostas (Ver gráfico 34): a maioria conhece muitas pessoas de vista, mas poucos por nomes e três quartos responderam que possuem muito pouco amigos na vizinhança. Indagados se falam com os vizinhos quase cinquenta por cento responderam que sim, mesmo que seja só por educação, sendo que não costumam frequentar ou entrar na casa de vizinhos.

**Você conhece todos os seus vizinhos da sua rua?**

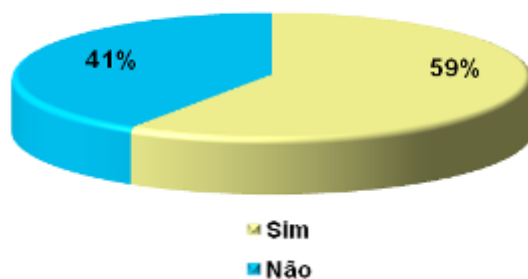


Gráfico 32: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica

Fonte: Autora, pesquisa de Campo

**Conhece pessoas fora de sua rua ?**



Gráfico 33: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica

Fonte: Autora, pesquisa de Campo

**Qual o grau de contato com seus vizinhos?**

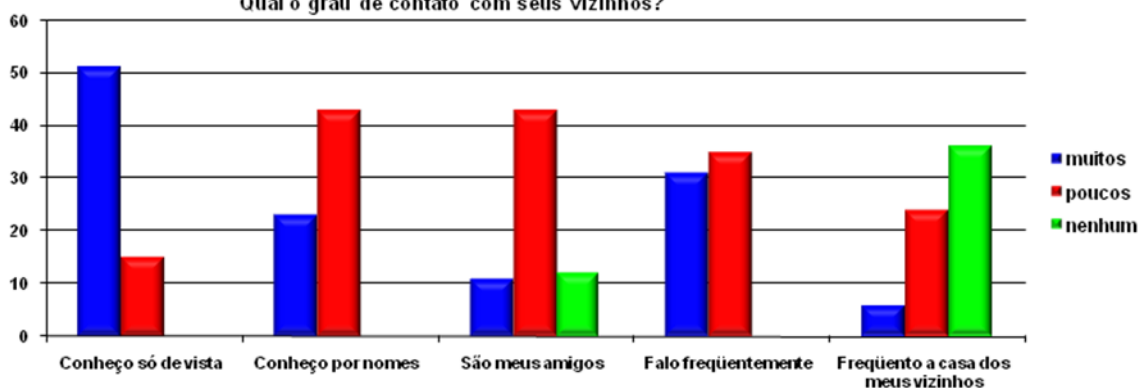


Gráfico 34: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica

Fonte: Autora, pesquisa de Campo

Buscando encontrar um índice e uma qualificação da vizinhança atribuída pelos questionados entre ótimo, bom, ruim e péssimo, chegou-se ao índice Bom, ou seja, a

maioria não tem muito que reclamar dos vizinhos, mas observa-se que treze por cento qualificam sua vizinhança como péssima, ponto que deve ser mais investigado, além de encontrarmos também conceito tipo péssimo, entre os questionados (Ver gráfico 35).



Gráfico 35: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

Perguntados sobre o que ou quais os fatos provenientes de vizinhos que incomodavam ou causavam discussões entre eles verificou-se que dos itens identificados os que mais incomodam são o barulho, problemas com limites com construção de muros e cercas e a invasão de quintal ou terrenos (Ver gráfico 36).

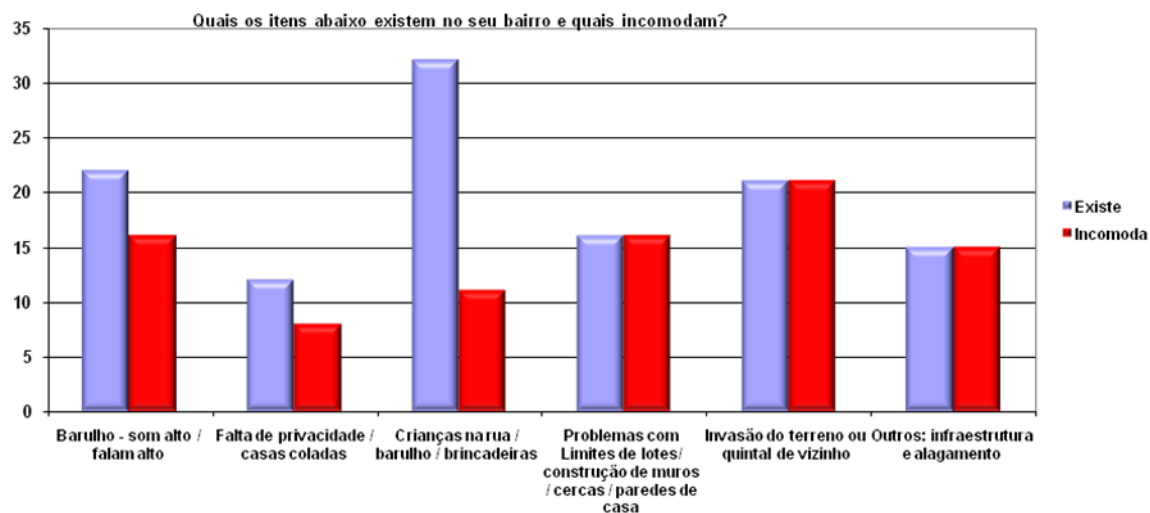


Gráfico 36: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo



Ao identificar as prováveis causas de descontentamento na vizinhança buscamos saber qual seria o percentual da população que encontra nesse descontentamento motivos para conflitos, então perguntamos se já havia existido algum tipo de conflito entre o entrevistado e o seu vizinho. E dezoito por cento responderam que sim, colocando como principais causas: águas de esgoto que invadem outros lotes, disputas sobre tamanhos de terrenos e desrespeito.



Gráfico 37: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

Geralmente as pessoas de um bairro, uma vila, e até mesmo de uma cidade se encontram em locais e áreas públicas como praças, largos, ruas, calçadas, parques, etc., para conversar, se divertir, interagir, por este motivo buscamos identificar os locais de maior contato entre vizinhos no bairro, questionando se existiam locais para diversão no bairro e onde costumavam se divertir. Noventa e um por cento dos entrevistados responderam que não existiam e para se divertirem precisavam sair do bairro, mas a maioria preferia não sair de casa. Os que responderam sim identificaram bares e igrejas como locais de diversão, espaços que não são públicos. Perguntamos então se costumavam encontrar seus vizinhos nas ruas e calçadas de seu bairro, e quase noventa por cento responderam que sim.



Gráfico 38: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo



Gráfico 39: Pesquisa de Campo Cidade Olímpica  
Fonte: Autora, pesquisa de Campo

O resultado dos questionários aplicados aos comerciantes, assim como ocorreu no Coroadinho, não divergiu do resultado dos demais questionários, apenas os mesmos itens foram intensificados pelo fato dos comerciantes terem mais chances de contato com os demais moradores.

### 3.3.3. QUADRO COMPARATIVO DAS VIZINHANÇAS DOS BAIRROS

Coroadinho	Cidade Olímpica
<b>Perfil dos moradores</b>	
Em ambos os bairros foram aplicados os questionários em oitenta residências. As pessoas entrevistadas nos bairros foram, na maioria, mulheres com mais	

de trinta anos de idade, moradoras antigas, que provavelmente participaram do início da ocupação do bairro. Estas condições podem indicar que a pesquisa de campo, através dos questionários, foi realizada com uma amostra significativa, pois supomos que quanto mais tempo o sujeito mora em um lugar mais informações ele pode prover sobre o mesmo.

A comparação entre os gráficos do Coroadinho e da Cidade Olímpica abaixo mostra todos os questionamentos e análises feitas até aqui, podendo assim sanar demais dúvidas não respondidas até este momento.

### Sexo

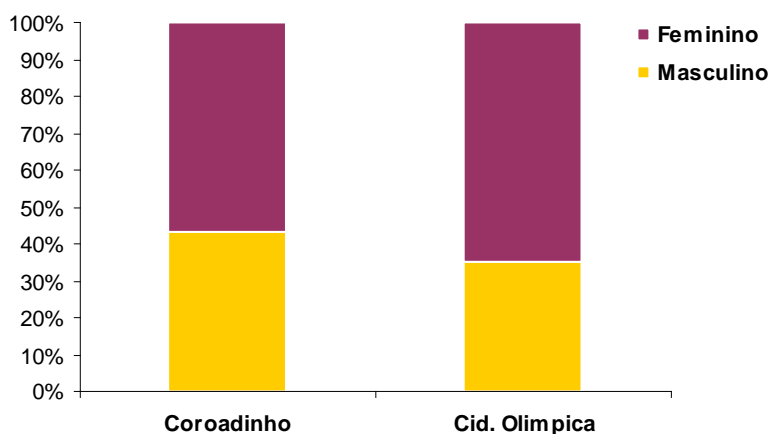


Gráfico 40: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

### Idade

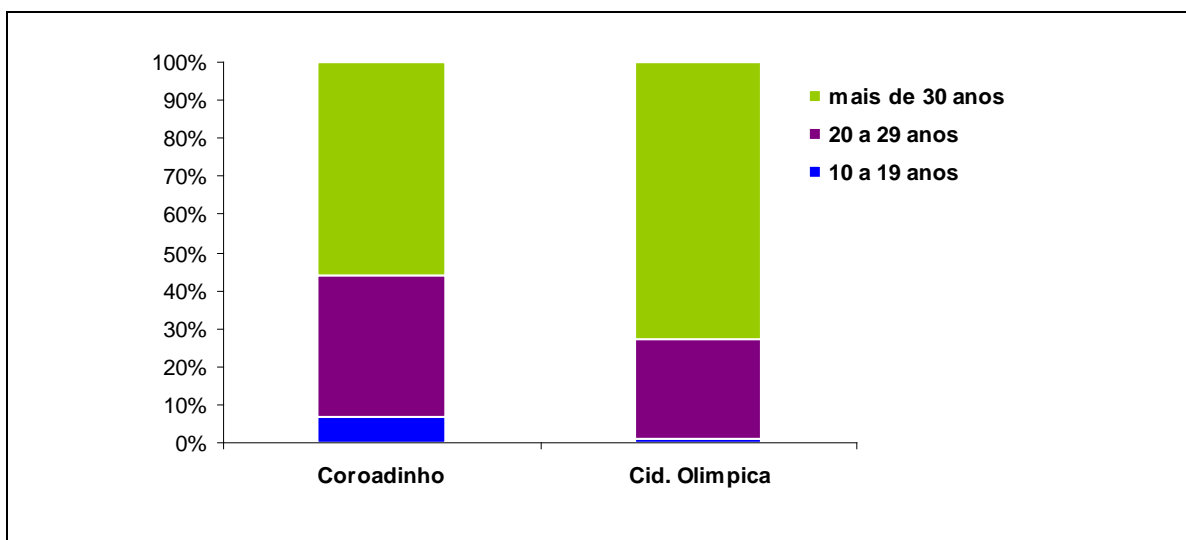
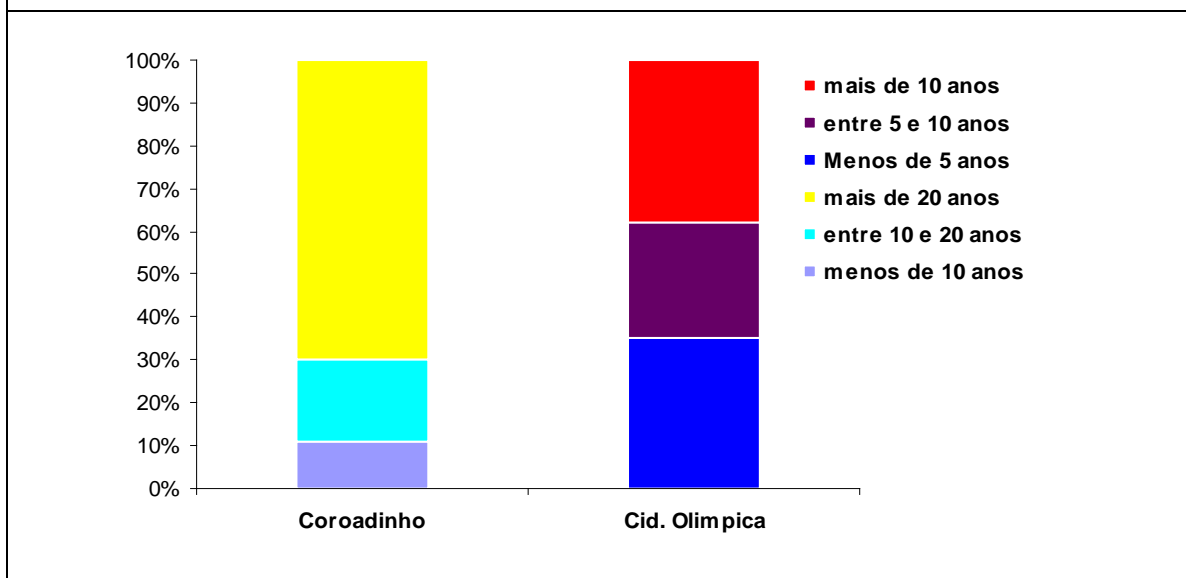


Gráfico 41: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

### Tempo que mora no bairro?



Idade do Coroadinho – 32 anos

Idade da Cidade Olímpica – 13 anos

Gráfico 42: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

### Caracterização da Vizinhança

Os questionários mostraram que, em ambos os casos, os moradores possuem um número bem significativo de conhecidos dentro da comunidade, tanto em suas ruas como em outras localidades do mesmo bairro, conforme demonstrado no gráfico 43. No entanto, houve uma considerável diferença na Cidade Olímpica, quando

perguntamos se conheciam poucas ou muitas pessoas fora de sua rua, pois um pouco mais da metade respondeu que não conheciam muitas pessoas, ao contrario do Coroadinho. Isto mostra que o nível de socialização entre os moradores no Coroadinho é bem maior do que na Cidade Olímpica, onde deve, por este motivo, ser mais difícil de identificar se uma pessoa é ou não moradora do bairro. Esses dados estão ilustrados no gráfico 44.

Os entrevistados, em ambas as pesquisas, qualificaram suas vizinhanças como boa, indicada em mais de cinquenta por cento das respostas (ver gráfico 45). No entanto, o nível de respostas tipo “ruins e péssimas” foi bem maior na Cidade Olímpica, sendo que o índice “péssimo” nem foi levantada no Coroadinho. Segundo os entrevistados do Coroadinho “todo mundo conhece todo mundo”, apesar de não se sentirem amigos de todos e às vezes não saberem o nome, mas conseguem identificar, em sua maioria, quem é morador do seu bairro.

#### Você conhece todos os seus vizinhos de sua rua?

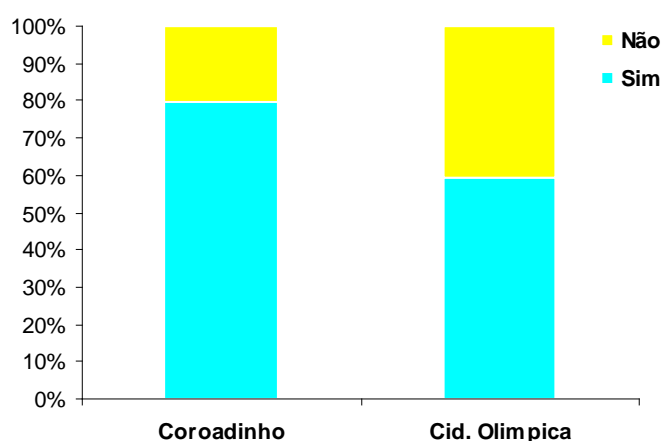


Gráfico 43: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

### Conhece poucas ou muitas pessoas fora de sua rua?

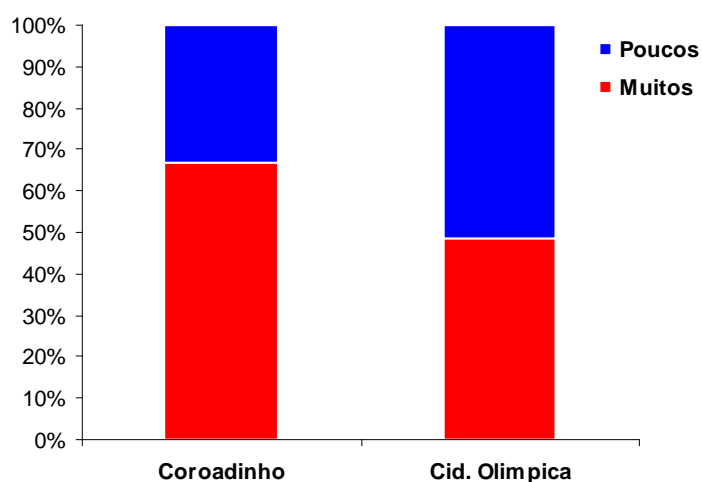


Gráfico 44: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

### O que você acha da vizinhança de seu bairro?

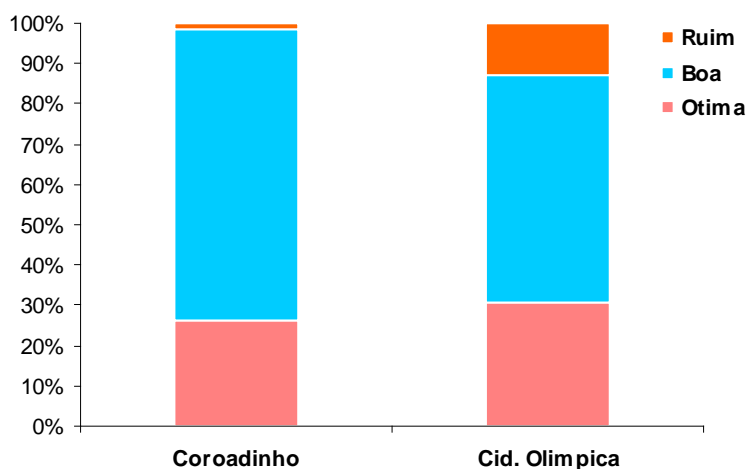


Gráfico 45: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

Nos gráficos 46 e 47 observamos colunas azuis que correspondem a indicação da resposta “muitos”, colunas vermelhas que indicam as respostas “pouco”, e verdes que indicam “nenhuma”. As perguntas foram as seguintes: se conheciam muitas, poucas ou nenhuma pessoa por nome em sua vizinhança?; se tinham muitos, poucos ou nenhum amigo na vizinhança?; se falavam frequentemente com muitos, poucos ou nenhum vizinhos? ou frequentavam suas residências?. A diferença entre os tamanhos das

colunas azuis e vermelhas entre os bairros nos permite a análise e identificação do nível de socialização entre vizinhos. O Coroadinho mostrou que possui um nível de socialização e interação entre vizinhos bem maior do que na Cidade Olímpica, pois as colunas azuis que representam a resposta “muitos” no Coroadinho estão maiores que as colunas azuis da Cidade Olímpica e as colunas vermelhas que representam a resposta “poucos” são maiores no gráfico da Cidade Olímpica.

### Coroadinho – Qual o grau de contato com seu vizinho?

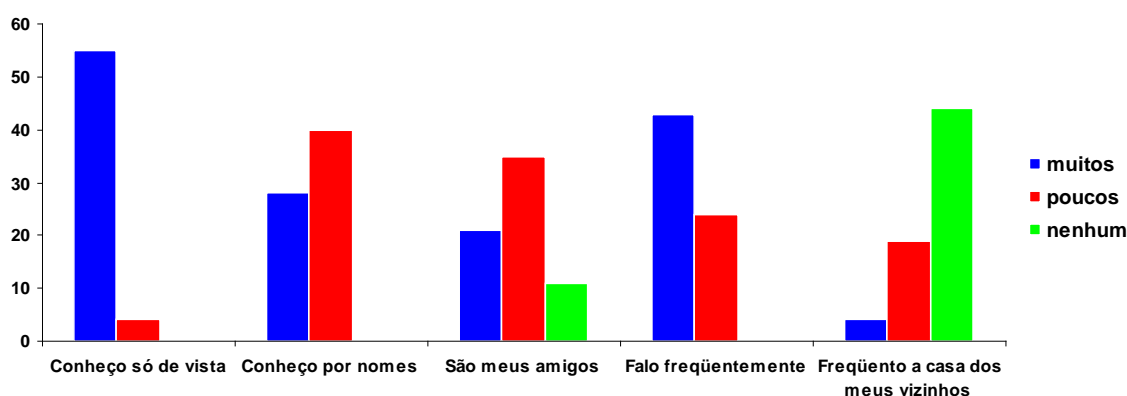


Gráfico 46: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

### Cid. Olímpica – Qual o grau de contato com seu vizinho?

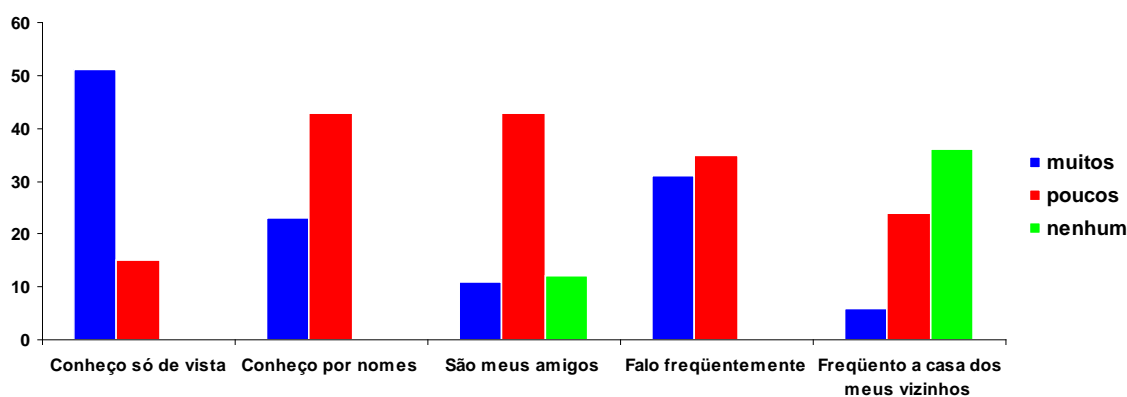


Gráfico 47: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

Os gráficos 48 e 49 abaixo nos mostram colunas azuis e colunas vermelhas que representam a existência e o nível de incomodo de fatos ou variáveis condicionantes de conflitos respectivamente. Quanto maiores e mais equiparadas em tamanho as colunas estiverem, maiores serão as chances de ocorrer conflitos. As variáveis foram identificadas e escolhidas a partir das entrevistas com os presidentes e representantes da comunidade e visitas aos locais, são elas: o barulho e a falta de privacidade, ocasionadas pela proximidade das residências e pela característica de serem geminadas, as crianças nas ruas, por não existirem outros espaços de lazer no bairro, problemas com limites dos lotes com construção de muros, cercas e paredes, invasão de quintais e áreas por vizinhos e outros, identificamos também com os entrevistados problemas de infraestrutura. Estas variáveis foram escolhidas a partir do momento que tentamos identificar em que circunstancia as características da forma urbana pudessem ser capazes de gerar ou intensificar conflitos entre vizinhos, como densidades, estrutura fundiária, infra-estrutura urbana, dentre outros. Como já foi dito anteriormente, as entrevistas ajudaram nessa escolha.

#### Coroadinho - Dos itens abaixo, quais existem e quais incomodam?

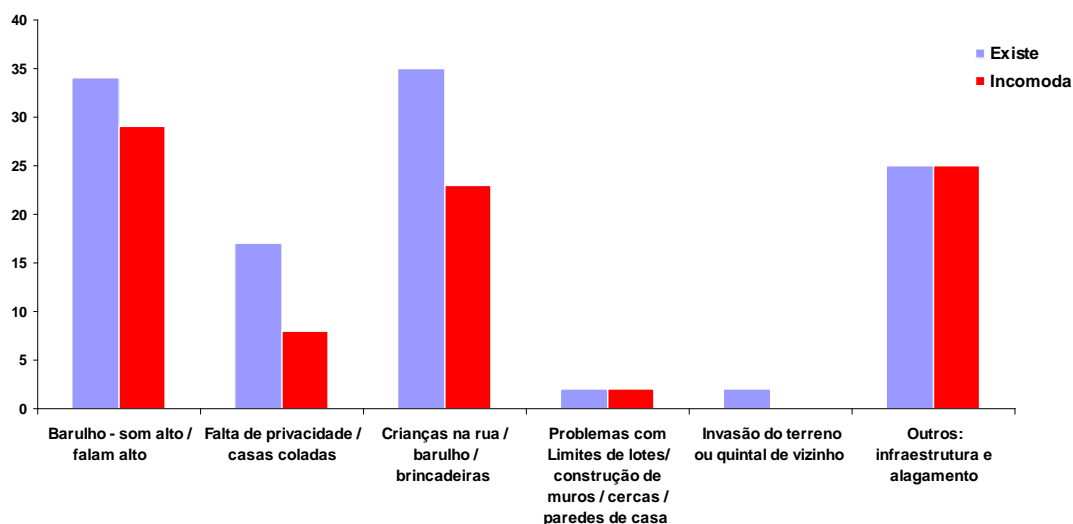


Gráfico 48: Pesquisa de Campo comparativo  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo



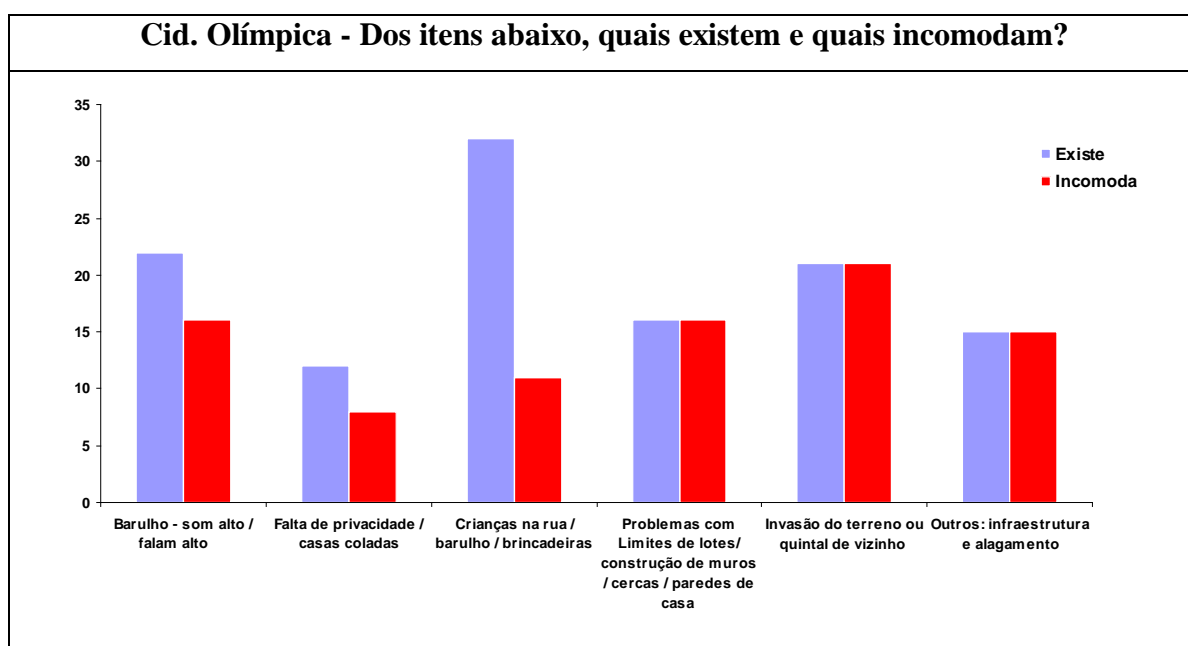


Gráfico 49: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

Ainda seguindo o raciocínio das perguntas anteriores que busca identificar o grau de descontentamento em relação à vizinhança, perguntamos se já havia tido algum tipo de transtorno entre o entrevistado e os seus vizinhos. A maioria respondeu que não, dizendo que os mesmos não os incomodavam. Porém, deve-se observar que o percentual maior de registro de conflitos está no Coroadinho do que na Cidade Olímpica, conforme apontado no gráfico 50. E, quando perguntamos em entrevista aos representantes das comunidades como eram resolvidos os conflitos entre os vizinhos e, se para isso costumavam acionar a polícia, em ambos os bairros as respostas foram as mesmas. Segundo os representantes normalmente os conflitos são resolvidos entre os próprios vizinhos e somente quando se torna necessário o representante da Associação de Moradores faz a intermediação entre as partes, objetivando um consenso. Observou-se que pelo fato das casas no Coroadinho serem mais próximas e, na maioria das vezes coladas, os contatos e conflitos são um pouco mais freqüentes e de maior monta nesse bairro tornando a busca por soluções dos problemas mais evidente, na medida em que os contatos pessoais, provenientes do estreitamento da distancia, são maiores.

**Já existiu algum tipo de transtorno na convivência diária entre você e outro vizinho?**

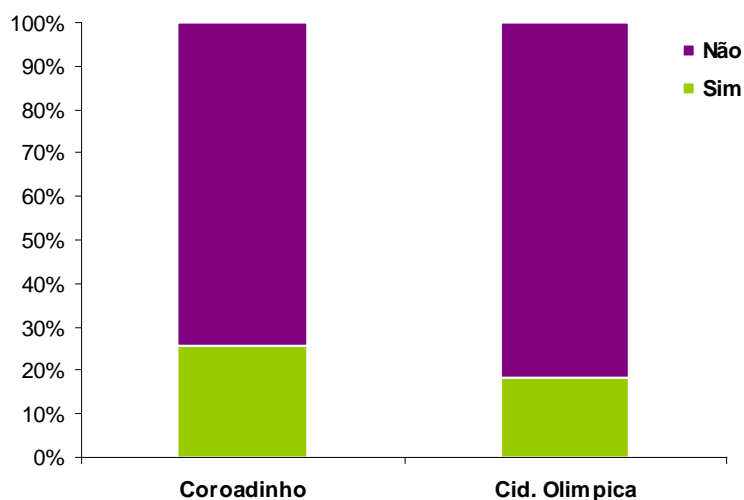


Gráfico 50: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo

Estes últimos gráficos, 51 e 52, representam as respostas das perguntas que buscam descobrir onde são os locais de maior contato entre os vizinhos. Como se pode perceber no gráfico 52 os bairros não possuem locais públicos para diversão, sobrando apenas o espaço da rua.

**Você costuma encontrar seus vizinhos nas ruas ou calçadas?**

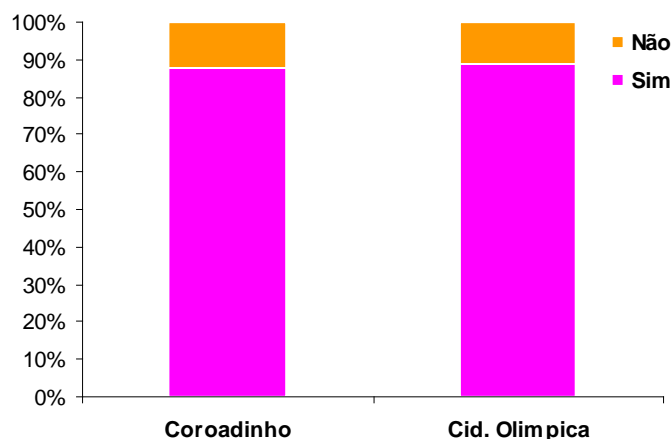
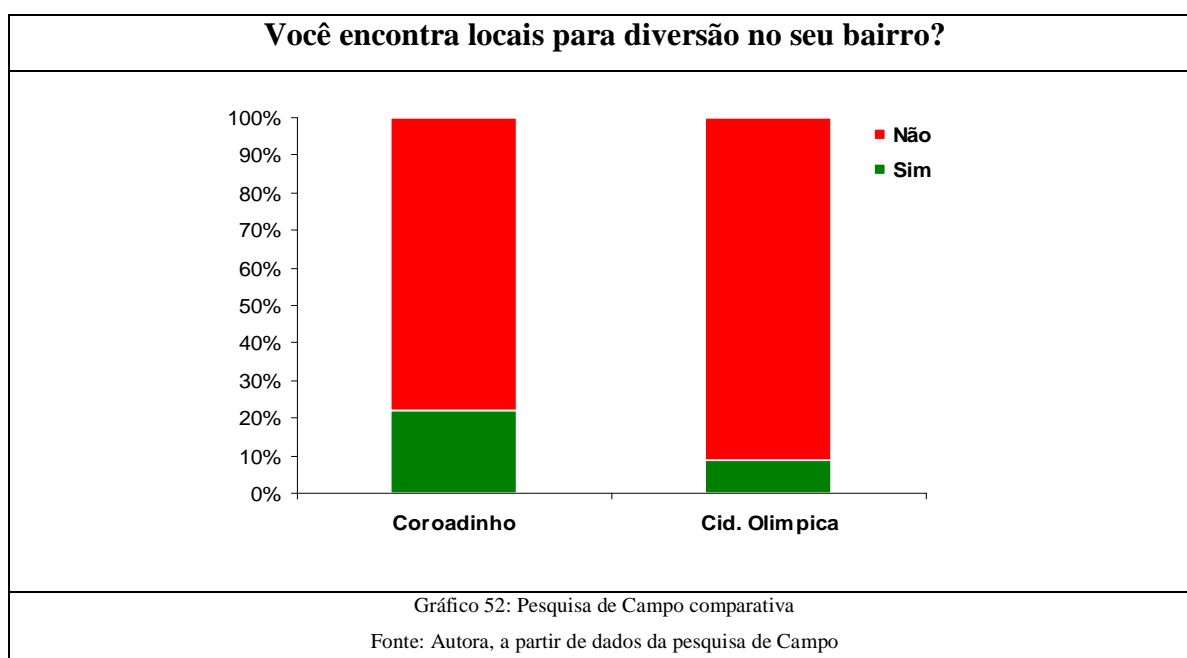


Gráfico 51: Pesquisa de Campo comparativa  
Fonte: Autora, a partir de dados da pesquisa de Campo



### 3.4. ANÁLISE DA INTERAÇÃO ENTRE FORMA URBANA E RELAÇÕES DE VIZINHANÇA NO COROADINHO E NA CIDADE OLÍMPICA

O espaço público pensado em relação as suas características estritamente morfológicas como as ruas, praças, parques, quadras e campos de esporte serve de palco para proporcionar uma suposta maior interação entre os indivíduos de um mesmo bairro. Por outro lado, pelo fato da sua existência estar associada às condições de uso eles acabam, também, por ajudar na definição do perfil da vizinhança existente num determinado bairro.

Dentre os fatores determinantes para se traçar o perfil de uma vizinhança destacam-se os econômicos, culturais e espaciais, por isso foram escolhidas comunidades com perfil econômico e cultural próximos, o que se pode comprovar através da análise socioeconômica apresentada pela pesquisa.

Em relação aos aspectos pertinentes ao estudo da forma urbana dos bairros em questão buscou-se, através da caracterização dos elementos morfológicos de ambas as áreas, a comparação entre elas. Chegamos, assim, aos seguintes resultados: primeiramente

a diferença na escala, o Coroadinho possui um território menor do que o da Cidade Olímpica; além disso, as ruas da Cidade Olímpica são muito extensas e bem mais largas do que a maioria das ruas do Coroadinho, que apresentam um traçado sinuoso; a densidade construtiva nas quadras do Coroadinho é bem maior do que o da Cidade Olímpica, sendo que as residências ocupam, na maioria das vezes, todo o lote, sem recuos e sem quintais, diferentemente do modo de ocupação das casas da Cidade Olímpica.

Ambos os bairros não possuem áreas de lazer como praças, parques, quadras, dentre outros. Os moradores não têm muitas alternativas, ou ficam em casa, ou saem do bairro para se divertir em outras localidades na cidade. Alguns identificaram a existência de bares e igrejas como locais de diversão, mas esses lugares não são acessíveis a todos, ficando restritos apenas àqueles que são frequentadores habituais.

Preocupando-se, então, com o fator espacial da forma urbana, voltemos a destacar a influência que tem a quantidade e qualidade dos espaços onde se realizam as relações sociais. Como já citamos anteriormente os espaços públicos próximos às residências de um determinado bairro podem influenciar no nível e na qualidade de interação entre os indivíduos e de sua vizinhança.

De acordo com Gambim a ligação com a vizinhança é definida em função de ligações positivas com as áreas próximas à residência e entendida a partir da composição social; e das características físicas relacionadas à atratividade do lugar e à possibilidade de realização das atividades desejadas, logo os espaços abertos próximos à residência se configuram como possíveis lugares de interação social (GAMBIM: 2007).

Uma boa vizinhança urbana consegue um equilíbrio e tanto entre a determinação das pessoas de ter um mínimo de privacidade e seu desejo concomitante de poder variar os graus de contato, trazer auxílio mantidos com as pessoas que as rodeiam. Esse equilíbrio é em grande parte constituído de pequenos detalhes manejados com sensibilidade e aceitos e praticados de maneira tão informal que normalmente nem são percebidos (JACOBS: 2000, p. 64).

A pesquisa apresentada identificou as características da vizinhança e da forma urbana das áreas escolhidas e mostrou que em ambas a quantidade e a qualidade dos espaços públicos dificultam a interação, pois não existem praças, largos, parques, áreas

para esporte, sendo toda interação estabelecida na rua que se destaca como único espaço para tal, logo de extrema importância. Mas como nesse mesmo espaço se estabelecem outras atividades como, por exemplo, o tráfego de veículos, ele se torna pequeno, acabando por afastar as pessoas e segregando-as em suas residências.

A diferença, nesse contexto, entre o Coroadinho e a Cidade Olímpica, concluídas a partir de visitas aos locais e de questionários aplicados, é a de que os moradores do Coroadinho se utilizam muito mais das ruas para diversões, o que se atribui, em parte, ao tamanho das casas, pois a maioria não tem áreas livres; ao contrário da Cidade Olímpica, onde a maioria das residências possui quintais grandes e arborizados, podendo ser utilizados para o lazer.

A semelhança encontra-se na utilização das ruas pelas crianças. Em ambos os bairros as ruas se constituem, para elas, locais de diversão. Este fato se assemelha talvez pelo fator econômico, visto que comunidades de baixa renda, em geral, proporcionam aos filhos pouca variedade de diversão, sobrando, então, para os mesmos as ruas como espaço de brincadeiras.

No Coroadinho a maioria dos entrevistados mostrou que se incomoda com o fato das crianças brincarem nas ruas. Argumentam que além do barulho geralmente as bolas, brinquedo comum entre as crianças das comunidades, assim como as pipas batem em portas, paredes e janelas das residências danificando-as e as pipas caem nos quintais incomodando os moradores. Apesar das crianças na Cidade Olímpica também se utilizarem muito das ruas para se divertirem, os moradores não se sentem incomodados por elas.

Percebeu-se nas visitas aos bairros que na Cidade Olímpica há uma presença maior de crianças nas ruas, onde quase não se vêem adultos. Já no Coroadinho além das crianças os adultos também usam as calçadas e as ruas para diversão e conversas com os vizinhos. A falta de locais públicos para diversão, a largura das ruas, o tamanho das casas, a quantidade de casas na rua e o tamanho ou a falta de áreas livres podem responder pelas diferenças apontadas.

Sendo as ruas do Coroadinho bem mais estreitas do que a da Cidade Olímpica, onde os lotes são padronizados e as residências possuem áreas livres com quintais, este fato influi também no contato entre vizinhos, pois a rua é, principalmente no Coroadinho, o único espaço para os contatos entre os moradores.

O aumento da quantidade de unidades residenciais de uma área implica maior quantidade de acessos privados na relação com o espaço público (...), sugerindo maior probabilidade de encontros entre os residentes, ao entrarem e saírem das suas edificações, e favorecendo a interação social entre eles. Além disso, comprimento (relativo à quadra) e largura da rua também estão associados ao favorecimento de encontros no ambiente, incrementando as possibilidades de contato social entre os moradores (GAMBIM: 2007, pp. 27 e 28).

A pesquisa, através dos questionários, mostrou uma diferença quanto ao nível de contato entre indivíduos dos bairros. No gráfico 44 foi percebido que no Coroadinho, quando indagados se conheciam muitas pessoas fora de sua rua, a maioria respondeu que sim, enquanto que na Cidade Olímpica as respostas foram o contrário. E quando perguntamos se conheciam todos os vizinhos da rua observou-se que no Coroadinho o nível de conhecimento dos vizinhos é maior do que o da Cidade Olímpica. Podemos ligar este fato também a três variáveis espaciais na escala do bairro: seu tamanho, a disposição das ruas e a extensão das mesmas. No Coroadinho a extensão das ruas é variável, assim como a largura, enquanto na Cidade Olímpica as ruas são muito extensas, seiscentos metros a longitudinal e mais de mil metros a transversal, e bem mais largas, sendo que o bairro da Cidade Olímpica tem um território duas vezes maior que o do Coroadinho.

A escassez de áreas livres públicas é intensificada pela falta de arborização urbana. No Coroadinho o fato se torna mais complexo, pois, a maioria das casas possui quintais muito pequenos e sem arborização, ou são até mesmo inexistentes; já na Cidade Olímpica, apesar de não existirem espaços públicos e nem arborização urbana, os quintais são muito utilizados pelos moradores, são amplos e bem arborizados.

Percebeu-se, também, que a infraestrutura pode ser um fator de influência no grau de contato entre os vizinhos. O fato do Coroadinho ter uma existência bem maior

do que a da Cidade Olímpica, a infraestrutura é um pouco melhor, lembrando que o tempo de existência não é regra para a presença ou não de infraestrutura em determinado local, mas, nesse caso, na cidade de São Luis o histórico vem sendo este.

O Coroadinho possui muito mais ruas pavimentadas do que a Cidade Olímpica, onde apenas as avenidas principais possuem pavimentação, além disso, as ruas desse bairro, apesar de serem bem largas são intrafegáveis, pois possuem muitas valas e buracos. Este fato agregado a outros, como mato e lixo, diminuem o uso da rua e, provavelmente, dificultam os contatos entre vizinhos. As ruas no Coroadinho por serem estreitas possuem um tráfego pequeno de veículos, possibilitando o maior uso e permanência nas ruas pelos moradores.

Na busca para identificar prováveis conflitos de vizinhança, ocasionados pelas características da forma urbana, indagou-se nos questionários aplicados sobre questões que apontassem a existência de conflitos entre vizinhos. O gráfico 50 mostra que a maioria dos moradores em ambos os bairros não se sente incomodado com os vizinhos, mas, o percentual dos que se incomodam e que responderam que já haviam tido transtornos na convivência diária com seu vizinho foi maior no Coroadinho. Este fato pode ser explicado pelo nível de socialização entre os moradores. No Coroadinho é maior do que o da Cidade Olímpica pelas questões já citadas anteriormente como a escala, a presença de áreas livres no lote, o tamanho das residências e a forma de utilização das ruas. Quando perguntamos quais eram os motivos prováveis de incomodo entre vizinhos, no Coroadinho a maioria das respostas indicou o barulho e o desrespeito verbal; e na Cidade Olímpica ressaltaram as águas de esgotos, disputas de terreno e desrespeitos verbais.

Pode-se observar nos gráficos 48 e 49 onde identificamos algumas prováveis causas de conflitos, quando perguntados se as mesmas existiam na vizinhança e se incomodavam, percebe-se que no Coroadinho o nível de incômodo com barulho, crianças nas ruas e infraestrutura é bem maior do que na Cidade Olímpica, enquanto que problemas com limites entre lotes, construção de muros e cercas, invasão de terrenos e quintais causam mais descontentamentos na Cidade Olímpica.

Na Cidade Olímpica a maioria dos terrenos não possui muros, cercas, e alguns nem possuem construções. O presidente da Associação de Moradores observou que acaba ocorrendo conflitos, pois alguns, por esperteza, tendem a invadir o terreno do vizinho. Vale lembrar que a Cidade Olímpica não possui um nível de edificações equivalente ao do Coroadinho, neste já não existem lotes vazios sendo que, em sua maioria, já estão totalmente ocupados com edificações, logo não há como invadir terrenos de vizinhos se não houver destruição de muros ou parede dos mesmos.

Outra questão de descontentamento apontada pela pesquisa é o barulho. Como no Coroadinho as ruas são menores e as casas são coladas, a quantidade de residências em uma rua é bem maior do que na Cidade Olímpica. As edificações do Coroadinho possuem pouca ou quase nenhuma área livre e nenhum recuo, por isso, o contato entre os vizinhos se torna mais estreito, por falta de espaço, e, por consequência, a propagação do som se torna bem maior, causando desconforto. As casas no Coroadinho são geralmente geminadas, além desse fato impedir um maior conforto térmico no interior das residências, por impossibilitar a abertura de janelas nas laterais, causa desconforto acústico, pois não podem alterar níveis de som de aparelhos domésticos, como televisores e aparelhos de som e nem de conversas no interior das residências, o que interfere na própria privacidade dos moradores. Na Cidade Olímpica isso não ocorre com tanta frequência, pois a maioria das casas não é geminada e quando há queixas de incômodo por barulho geralmente relacionam aos carros de som ou clubes de festas, responsabilizando-os pelo incômodo causado.



Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA



## CONCLUSÃO



## CONCLUSÃO

Com o objetivo de refutar ou não a hipótese levantada nesta pesquisa, a de que “a diferente forma urbana do Coroadinho e da Cidade Olímpica influencia diferentemente as relações de vizinhança estabelecidas nesses bairros, produzindo características peculiares a cada vizinhança”, houve a necessidade de construir o nosso conceito de forma urbana. Para isso buscamos uma fundamentação teórica em diversos autores dos campos disciplinares da arquitetura, da sociologia e da geografia, tendo em vista que, para essa pesquisa, somente a visão dos arquitetos e urbanistas não era suficiente. Observamos que a discussão conceitual de forma urbana era antiga entre sociólogos e geógrafos, portanto, para que o conceito, que procurávamos construir, pudesse abarcar todo objetivo da pesquisa precisaríamos entender como autores dessas outras duas disciplinas definem forma urbana.

Apesar de arquitetos contemporâneos como Koolhaas e Venturi aceitarem a complexidade da forma, no que se refere ao universo social que dela fazem parte, observamos que os arquitetos tendem a deixar as discussões sobre forma urbana mais no recorte físico, naturalmente impulsionados pelas visões das escolas de arquitetura. Os sociólogos e antropólogos encaixam a forma urbana praticamente no seu recorte social, nas características das relações sociais e da dimensão cultural que sobre a mesma acontece e se modifica; já os geógrafos defendem a complexidade da forma urbana dada pelos sociólogos, sem desprezar o peso da forma física ressaltada pelos arquitetos.

Durante todo o capítulo I destacamos as diferentes visões de diversos autores. Fani Carlos (2003) acredita que na forma da cidade está a representação das relações sociais reais, declarando ainda que essa forma pode delimitar, impedir e permitir os usos, as práticas e as ações. Para Lamas (2004) a forma urbana é a materialização da cidade capaz de determinar a vida humana em comunidade; já Santos (Santos, apud Duarte: 2002) diz que sem a forma a sociedade não se realizaria. Del Rio (1990) defende que ela é apenas produto das atividades sociais, no entanto, coloca a necessidade da compreensão dessa forma para melhor intervir na cidade existente.

Farias (1997) também defende que são as atividades sociais que dão características à forma urbana, mas, vai além, ao acreditar que essas atividades também são influenciadas pela forma. Já Lynch (1981) diz que a estrutura social e a estrutura espacial estão relacionadas parcialmente, na verdade estão mal interligadas, uma vez que ambas se afetam mutuamente através de uma variável interveniente que é o ser humano. Para Lefebvre (2008) as estruturas são morfológicas e sociológicas ao mesmo tempo, a forma pura é ligada à parte morfológica da estrutura constituindo-se o ponto de encontro, no entanto, essa forma não tem nenhum conteúdo específico, esse conteúdo depende do que nela está ou do que nela vive.

Podemos, então, destacar o nosso conceito de forma urbana, construído a partir das diversas leituras e análises, de um conjunto de elementos físicos, inertes, construídos pelo homem e passíveis de modificação no tempo, em virtude do uso e ocupação que lhes são destinados pelas ações e práticas sociais, delimitados numa determinada escala urbana. Para a nossa pesquisa não podemos deixar de destacar o igual peso que possuem as estruturas que compõem a forma urbana, como pensa Lefebvre. Em outras palavras, a forma pura, que é a estrutura morfológica, é a que se relaciona ao local: o bairro, o sítio, a rua, a praça, dentre outros, e a estrutura sociológica é a que se refere a tudo que vive e acontece dentro ou sobre a estrutura morfológica.

Com esse entendimento de forma urbana partimos para identificar e conceituar vizinhança e as relações sociais que se estabelecem nesse universo. Deparamos-nos com as dificuldades de se chegar a autores que discutissem o conceito de relações de vizinhança, então, buscamos análises pulverizadas em diversas disciplinas, como a psicologia, o direito, a sociologia, a arquitetura e até a religião para tentar entender o universo das relações de vizinhança. Barcelos (2008), discutindo sobre o modelo de planejamento proposto por Clarence Arthur Perry – arquiteto - (1923), mostra quais foram as primeiras preocupações com as relações de vizinhança, enfraquecidas com as transformações urbanas trazidas principalmente pela cidade industrial, aborda, então, a relação de vizinhança com a forma e o ambiente físico.

Perry condiciona sua proposta à distribuição de equipamentos de consumo e de equipamentos urbanos, formulando o conceito de unidade de vizinhança onde o tamanho da população e a quantidade das unidades habitacionais seriam proporcionais ao tamanho ou a capacidade da escola elementar da unidade; não teriam avenidas largas no seu interior, evitando o grande fluxo de automóveis e facilitando o de pedestre, e proporcionaria espaços públicos e institucionais na mesma proporção e centralizados.

Mas o que seria vizinhança? De acordo com Campos (2008) vizinhança é um grupo social, chamado de vicinal, classificado em primário, pois é um dos grupos onde predominam contatos mais pessoais e diretos. Dentro dessa classificação encontra-se também o grupo social tipo familiar, o que leva-nos a supor que mesmo não sendo de igual importância ao grupo familiar, o grupo vicinal também se mostra de grande importância na estrutura social.

Ainda no universo teórico das relações sociais buscamos conceitos e noções que pudessem fundamentar as idéias sobre a questão posta por esse estudo: ocorreriam mesmo diferentes influências sobre as relações de vizinhança pelo fato dessas relações sociais se realizarem em diferentes espaços com forma urbana distinta? Gambim (2007) acredita que as características dos ambientes físicos podem influenciar o modo como são realizadas as relações sociais quando defende, em seu estudo sobre a influência dos atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos, que os fatores físico-espaciais como o tamanho da vizinhança, a quantidade de unidades residenciais em ambientes residenciais urbanos podem interferir no modo como se realizam as interações sociais.

Para se obter uma idéia mais clara da realidade das relações de vizinhança, isto é, o modo como essas relações se estabelecem nos bairros selecionados pela pesquisa, levamos em conta as manifestações de conflito que ocorrem nas áreas e que nos permitem, de certo modo, avaliar as características das formas de interação social entre os moradores. As entrevistas realizadas e posteriormente os questionários aplicados em residências nos bairros fornecem o material empírico necessário para a nossa investigação, embasada pelos referenciais teóricos, confirmar ou refutar a questão proposta por esse estudo.

Diante disso, partimos do pressuposto que os conflitos existem em todos os tipos de relações e da mesma maneira sabemos que quanto mais contato um indivíduo tem com outro, maior será a possibilidade de existir conflitos, que podem ter diversas origens: diferença de idéias, pluralidade de interesses, necessidades, expectativas, dentre outros. Por isso, o Direito tem como função básica fornecer subsídios, por meio de leis, para dirimir conflitos em quaisquer grupos sociais e para dirimir conflitos no âmbito das relações de vizinhança existem os Direitos de Vizinhança, presentes no Capítulo V do Código Civil.

As análises e pesquisas de campo, inicialmente, se basearam em mapas cartográficos, imagens e fotos aéreas dos bairros em questão; foram elaboradas novas imagens que corresponderam à análise dos elementos da forma urbana de cada um dos bairros; produziu-se imagem destacando o solo, o traçado, os quarteirões, os lotes as edificações, os espaços públicos e áreas de lazer, as fachadas e a arborização urbana de cada bairro, enfim, tentamos realizar um estudo minucioso das características morfológicas de cada bairro para diferenciá-los enquanto forma pura. Após a elaboração e análise das imagens individualmente de cada bairro, fez-se uma comparação de cada elemento morfológico, chegando as seguintes conclusões em relação à forma urbana do Coroadinho e da Cidade Olímpica.

Primeiramente destacamos as diferenças no estudo do solo de Coroadinho e de Cidade Olímpica. O Coroadinho por possuir curvas de níveis mais aproximadas, além de geograficamente possuir uma localização mais próxima do nível do mar, apresenta áreas alagadiças e encharcadas, diferente da Cidade Olímpica que tem um solo mais seco e encontra-se em cota distante do nível do mar. Os históricos de ocupação, a irregularidade topográfica e o tipo de solo respondem, em parte, sobre as diferenças nas características do traçado, dos quarteirões e dos lotes. No Coroadinho o traçado é sinuoso, além do tamanho e forma das quadras, as larguras das ruas e o tamanho reduzido dos lotes apontam para uma condição de irregularidade da forma urbana; enquanto que na Cidade Olímpica, sendo todas as ruas e avenidas da mesma largura e as quadras iguais, levam a definir um traçado ortogonal de ruas retilíneas da forma urbana.

Os levantamentos mostraram que não existem áreas de lazer nos bairros, os moradores do Coroadinho, quando não saem do bairro para se divertirem, utilizam as portas das casas localizadas nas ruas para conversar com vizinhos, sendo as crianças as que mais utilizam as ruas. Na Cidade Olímpica, apesar de não existirem áreas de lazer, os moradores utilizam seus quintais arborizados para tanto, convidando ou não vizinhos para compartilhar, e também, são as crianças quem mais utilizam as ruas para brincar.

Em relação aos equipamentos urbanos, como postos de saúde e escolas, o Coroadinho é muito mal servido em relação à Cidade Olímpica. O Coroadinho possui apenas uma escola, segundo os entrevistados, enquanto que a Cidade Olímpica possui mais de quatro escolas. Normalmente é necessário que os estudantes que moram no Coroadinho saiam dos seus bairros para estudar em escolas muito longe de suas casas, e ainda segundo o presidente da Associação de Moradores, quando isso não é possível, pela falta de recursos, muitas crianças ficam sem estudar.

As diferenças continuam nas formas e nos tamanhos das edificações. No Coroadinho por terem menos espaço nos lotes, por eles serem mais estreitos, a maioria dos moradores construiu praticamente em cem por cento da área do terreno. Através desses dados e dos dados de densidade habitacional, Coroadinho - 32,96 habitações/ha, Cidade Olímpica-16,04 hab/ha, e de densidade de habitantes, Coroadinho - 145,9 habitantes/ha, Cidade Olímpica - 61,8 hab/ha, concluímos que o solo do Coroadinho, extremamente construído, é impermeável, sendo as ruas muito estreitas e sem áreas livres e de lazer e o espaço onde ocorrem as relações sociais e as relações de vizinhança é muito pequeno, por isso, e pelo fato das casas serem geminadas, o contato entre os vizinhos é muito grande. Diferentemente da Cidade Olímpica, onde as casas possuem grandes quintais, recuos frontais e laterais, não costumam utilizar a rua como se faz no Coroadinho, o contato entre os vizinhos, por consequência, se torna menor. A densidade habitacional e as características de outros elementos da forma urbana levam a concluir que existe, dentro do nosso entendimento de forma urbana, certa influência da forma como está disposta cada ocupação sobre as suas relações de vizinhança.

Na pesquisa de campo realizada entrevistamos representantes locais, como o presidente da Associação de Moradores, com o intuito de formar uma visão mais geral da questão em relação à vizinhança, já que o representante local possui um contato maior entre os demais moradores e é procurado para resolver questões conflituosas quando necessárias. As entrevistas, além do suporte para elaboração dos questionários, nos forneceram dados sobre o histórico da ocupação dos bairros e sobre as características morfológicas, na medida em que foram indagadas questões que ajudaram na configuração da forma como traçado de vias, acessibilidade, proximidade das edificações, infraestrutura urbana e outras, como, também, questões relacionadas a comportamentos, situações de conflito, atritos, através das indagações sobre os motivos e causas mais frequentes de animosidade entre os moradores.

A análise dos dados nos fornece, então, subsídios para concluir que as diferenças nas características da forma urbana influenciam diferentemente no modo como se estabelecem as relações de vizinhança nos bairros em questão. Percebemos que neste caso muitas características são decorrentes do modo de ocupação do solo, visto que essa ocupação, por sua vez, possui uma intrínseca ligação com a densidade habitacional - que expressa o número total de habitações distribuída em uma determinada área medida em hectares e a densidade construída - que expressa o total de construções em metros quadrados por hectare - e a densidade bruta que é o total de pessoas residindo em um determinado espaço urbano, levando em consideração todas as áreas: públicas e privadas.

O Coroadinho possui as densidades: bruta, habitacional e construída duas vezes maior do que as da Cidade Olímpica, pois possui quase o mesmo número de habitantes e de residências em uma área que é metade da área da Cidade Olímpica. Isso ocorreu, em parte, pelo modo como se estabeleceu a ocupação das áreas e a distribuição de lotes. Os terrenos no Coroadinho são, em sua maioria, muito estreitos, o que obriga os residentes a ocuparem quase todo o terreno colando as construções umas nas outras, sem recuos, o que não ocorre na Cidade Olímpica.

Percebemos com as observações, entrevistas e questionários que as características da forma urbana, resultantes do modo como são ocupados os lotes e da existência e do tamanho dos espaços públicos – que geram a diferença de densidades - são

responsáveis por algumas diferenças das características das relações de vizinhança entre os dois bairros, pois as altas densidades do Coroadinho resultam em uma diminuição de espaços para circulação e lazer e, por conseguinte, um aumento da proximidade entre vizinhos, pois os espaços de uso comum são poucos e pequenos e as residências são coladas, com isso o nível de sociabilidade e amizade entre os mesmos se torna maior do que o da Cidade Olímpica.

Acioly e Davidson relacionam altas densidades a características como: morfologia não cartesiana, ruas estreitas, poucos espaços livres e de convívio social aos bairros populares e assentamentos informais de baixa renda, onde possuem por isso maiores oportunidades e intensidade de contatos sociais e com maior dinâmica dos sistemas de encontros casuais, associam-se a elas também as situações conflituosas geradas pela intensa “disputa” por espaço, circulação e privacidade. Enquanto que baixas densidades são relacionadas com alta renda, número limitado de encontros casuais, ao sentimento de ar puro e maiores espaços para circulação (ACIOLY & DAVIDSON: 1998).

Apesar de levarmos em consideração os estudos de Acioly e Davidson destacados acima, pois concordamos com a relação estabelecida entre a densidade e os contatos sociais, no entanto, nossa pesquisa mostra que a baixa densidade pode também estar relacionada a bairros populares e assentamentos informais de baixa renda; apesar de não discordamos que esta é uma característica marcante da maioria das ocupações de alta renda, mas lembramos que isso não pode se constituir uma regra em estudos que associam densidade ao nível de renda.

A diminuição do convívio social, decorrente dentre outros fatores da baixa densidade, gera, obviamente, menores possibilidades de conflitos, pois o número de contatos é menor. Contudo, percebemos que por mais que na Cidade Olímpica o número de conflitos seja menor, os motivos que geram os conflitos nesse bairro são diferentes do Coroadinho. Pela nossa pesquisa essa diferença é consequência do modo como estão dispostos os elementos da forma urbana nos bairros em questão e de suas características morfológicas: o tamanho e a localização da residência no lote, a extensão e largura das



ruas e a existência de espaços públicos de lazer. Os resultados apresentados pelas análises nos permitem afirmar que, mesmo com as características diferenciadas da forma urbana encontradas nos dois bairros, o modo como os elementos morfológicos se configuram, definindo a forma urbana do bairro, influenciam a maneira como se estabelecem as relações sociais de vizinhança nos mesmos.

Entretanto, cabem as ressalvas. Ficou claro na pesquisa realizada que estudos de forma urbana que levem em consideração apenas os aspectos físicos da forma, ou seja, os seus aspectos exteriores, somente podem contribuir para análises, exclusivamente, de desenho urbano; enquanto que aqueles que incorporam no seu escopo conceitual referenciais teóricos voltados para questões sociais ajudam no entendimento da dimensão social existente, podendo até nos aproximar da possibilidade de avaliarmos se há de fato influência da forma urbana, ou mesmo identificar se há interferência dela sobre as relações sociais, no caso as relações de vizinhança. Porém, não são conclusivos. O que a nossa pesquisa mostrou é *que* sem as análises de densidade urbana e de uso e ocupação dos espaços urbanos associados às análises de forma urbana, não há como falar no peso desta forma como elemento capaz de influenciar, e muito menos interferir, sobre o modo como são estabelecidas as relações de vizinhança em cada bairro selecionado. O mesmo pode ser dito para outros tipos de relações sociais que acontecem em diferentes escalas. Por conseguinte, a simples afirmativa de que há influência ou mesmo interferência da forma urbana sobre relações sociais de vizinhança é refutada, em princípio, pela nossa pesquisa, salvo se agregarmos à análise, como já assinalado, as variáveis de densidade populacional e de uso e ocupação do solo de modo articulado.

Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

## Referências Bibliográficas

ABREU, Nilson Tavares Pereira de. **Da Roça à Palafita: as ocupações urbanas em São Luís como desdobramento do êxodo rural (1970 – 2000)**. São Luis: Universidade Estadual do Maranhão, 2006.

ACIOLY, Claudio. DAVIDSON, Forbes. **Densidade Urbana: um instrumento de planejamento e gestão urbana**. Rio de Janeiro: MAUAD, 1998.

ALVES, Maria Cherubina de Lima. BASSANI, Marlise Aparecida. **A Sociologia Ambiental como Área de Investigação da Inter-Relação Pessoa-Ambiente**. Centro Universitário de Franca, Segundo Fórum de Estudos Multidisciplinares, São Paulo. Disponível em: <http://www.facef.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Marlise%20e%20Maria%20Cherubina.pdf>: acessado em 16 de outubro de 2008.

BARCELLOS, Vicente Quintella. **Unidade de Vizinhança: Notas sobre sua Origem, Desenvolvimento e Introdução no Brasil**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília: Disponível em: [http://www.unb.br/fau/pos\\_graduacao/paranoa/unidade/unidade.htm](http://www.unb.br/fau/pos_graduacao/paranoa/unidade/unidade.htm): acessado em 10 de setembro de 2008.

CAMPOS, Clayton Chriatiano A. M. **Tipos de Agregados**. CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Lisboa. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/sociologia/agrega.htm>: acesso em 16 de outubro de 2008.

Censo do IBGE/2000, informações sobre São Luis-MA/ Instituto da Cidade Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural da Prefeitura Municipal de São Luis-MA, visitas e pesquisas realizadas no ano de 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano. Novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: PINI, 1990.

DUARTE, Cristóvão Fernandes. **Circulação e Cidade: do movimento da forma a forma do movimento**. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 2002, pp. 84-105.

FARIAS, Filho Jose Almir. **Qualidade da Forma Urbana em Planos de Ordenamento Espacial: os casos dos bairros da Urca e Barra da Tijuca**. Rio de Janeiro: IPPUR – UFRJ, 1997.

GAMBIM, Paula Silva. **A Influência de Atributos Espaciais na Interação entre Grupos Heterogêneos em Ambientes Residenciais**. Porto Alegre: PROPUR – UFRG, 2007, pp. 1 - 49.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOTTDIENER, Mark. HUTCHISON, Ray. **The New Urban Sociology**. Colorado: Westview Press, 2006. pp.181-197.

Google Earth, informações de 2007 e 2008.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LAMAS, Jose M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª ed., 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, pp. 107 - 121.

LIMA, José Julio. Segregação Sócio Espacial e Forma Urbana: Belém no Final dos Anos 90. In: LIMA, José Julio. **Brasil Urbano**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. pp.147-170.

LOPES, Jose Antonio Viana Lopes (2008). São Luis: historia urbana. In: LOPES, Jose Antonio Viana Lopes. **São Luis Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem**. São Luis: Prefeitura Municipal de São Luís, 2008, pp. 11-49.

LUZ, Josinal do Santos da. **Lutas por Moradia e Expansão do Espaço Urbano na Cidade de São Luís** (Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Políticas Públicas). São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2004.

LYNCH, Kevin. **A Boa Forma da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1981.

RADIO INTERNATIONAL DA CHINA – CRI (Beijing, China). **Festival dos Vizinhos Estreita Relações (2006)**. Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/101/2006/09/19/1@51707.htm>: acessado em 16 de outubro de 2008.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed, 2001.

SANTOS, Carlos Nelson F. **Quando a Rua Vira Casa**. São Paulo: Projeto, 3ª ed, 1985.

WAQUIM, Bruna Barbieri. **Considerações sobre Direito de Vizinhança (2007)**. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/3778/Consideracoes-sobre-Direito-de-Vizinhanca>: acessado em 16 de outubro de 2008.

BURGER, Maria Inês. **Situação e Ações Prioritárias para a Conservação de Banhados e Áreas Úmidas da Zona Costeira**. Agência Nacional do Petróleo – ANP, Ministério das

Minas e Energia, 2000. Disponível em [http://www.anp.gov.br/guias\\_r8/perfuracao\\_r8/%C3%81reas\\_Priorit%C3%A1rias/Banhados.pdf](http://www.anp.gov.br/guias_r8/perfuracao_r8/%C3%81reas_Priorit%C3%A1rias/Banhados.pdf). Acessado em 15 mar. 2008. Em: *Workshop “Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da zona costeira e marinha”*.

### **Sites consultados**

[http://www.cbers.inpe.br/download/sao\\_luis.jpg](http://www.cbers.inpe.br/download/sao_luis.jpg): acessado em setembro de 2008.

<http://www.ibge.gov.br/home/>: acessado em setembro de 2008.

<http://portuguese.cri.cn/101/2006/09/19/1@51707.htm>: acessado em 16 de outubro de 2008.

<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/3778/Consideracoes-sobre-Direito-de-Vizinhanca>: acessado em 16 de outubro de 2008.

[http://www.unb.br/fau/pos\\_graduacao/paranoa/unidade/unidade.htm](http://www.unb.br/fau/pos_graduacao/paranoa/unidade/unidade.htm): acessado em 10 de setembro de 2008.

<http://www.facef.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Marlise%20e%20Maria%20Cherubina.pdf>: acessado em 16 de outubro de 2008.

<http://www.coladaweb.com/sociologia/agrega.htm>: acesso em 16 de outubro de 2008.

[http://www.anp.gov.br/guias\\_r8/perfuracao\\_r8/%C3%81reas\\_Priorit%C3%A1rias/Banhados.pdf](http://www.anp.gov.br/guias_r8/perfuracao_r8/%C3%81reas_Priorit%C3%A1rias/Banhados.pdf). Acesso em 15 mar. 2008.

### **Fontes Primárias**

Jornal Pequeno. 23 de janeiro de 1997.

Jornal O Estado do Maranhão, São Luís, 27 de agosto de 1996.

Entrevista com a senhora Maria do Carmo - Presidente de Defesa do Conselho Social do Coroadinho: em 19 de março de 2009.

Entrevista com o Senhor Antonio Alves - Presidente do Conselho de Segurança Cidadã do Coroadinho: em 19 de março de 2009.

Entrevista com senhor “Girafa” – Presidente da Associação de Moradores do Coroadinho: em 17 de março de 2009.

Entrevista com o Senhor João Batista Lira – Presidente da Associação de Moradores da Cidade Olímpica: em 29 de março de 2009.

### **Bibliografia Consultada**

ABREU, Maurício de Almeida. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 4ª ed, 2008.

ALVES, Julia Falivene. **Metrópoles: cidadania e qualidade de vida**. São Paulo: Moderna, 1992.

ANDRADE, Carlos R.M. **De Viena a Santos: Camillo Sitte e Saturnino de Brito**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 5ª ed., 2005.

ANDRADE, Luciana da S. & Leitão, Gerônimo E. de A. (2006). Transformação na Paisagem Urbana: favelização de conjuntos habitacionais. In: Silva, Rachel C. M. da. **A Cidade pelo Averso: Desafios do Urbanismo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley/ PROURB-UFRJ.

BENEVOLO, Leonardo. **Historia da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 4ª ed., 2005.

BESSA, Eliane da Silva. **Saneamento e Cidadania: privatização, municipalização e mecanismos de controle**. Rio de Janeiro: PPGSS- UFRJ, 2006, pp. 2 – 24.

BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

BURNETT, Frederico Lago. **Urbanização e Desenvolvimento Sustentável: a sustentabilidade dos tipos de urbanização na cidade de São Luís do Maranhão**. São Luís: UEMA, 2008.

CARTAXO, Joaquim. **A Cidade Fatural**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. LEMOS, Amália Inês Geraiges. **Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade**: São Paulo: Contexto, 2. ed., 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTELS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CARVALHO, Helano Alves de. **O Processo de Ocupação da Área de Invasão: Cidade Olímpica – São Luis/MA**. São Luis: CaGEO - UFMA, 1999.

COSTA, Erico. **Favela: retrato da exclusão social**. Arqtextos Vitruvius – Periódico mensal de textos de arquitetura , Texto Especial 215 – fevereiro 2004.

ESPÍRITO, José Marcelo Santo. **São Luís: uma leitura da cidade. Prefeitura de São Luís / Instituto de Pesquisa e Planificação da Cidade.** São Luís: Instituto da Cidade, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Aurélio.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo.** São Paulo: Disal, 1. ed., 2004.

FERNANDES, Edesio. VALENÇA, Márcio Moraes. **Brasil Urbano.** Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

GEDDES, Patrick. **Cidades em Evolução.** São Paulo: Papyrus, 1994.

GITAHY, Maria Lucia Caira. **Desenhando a Cidade do Século XX.** São Carlos: RiMa, Fapesp, 2005.

GISTELINK, Frans. **Carajás Usinas e Favelas.** São Luís, Minerva, 1988.

HABERMANS, Jurguen. **Mudança Estrutural da Esfera Publica.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo.** São Paulo: Papyrus, 4ª ed., 1990.

HALL, Peter. **Cidades do Amanhã: uma História Intelectual do Planejamento e do Projeto Urbanos no Século XX.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

HOLANDA, Frederico de. **O Espaço de Exceção.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades - Jardins de Amanhã.** São Paulo: Hucitec Ltda, 1996.

JARRY, Richardson, Roberto. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

KOWARICK, Lucio. **A Espoliação Urbana.** Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1979.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

LEDDS, Elizabeth (1998). Cocaína e Poderes Paralelos na Periferia Urbana Brasileira: ameaças a democratização em nível local. In: Zalvar, Alba & Alvito, Marcos. **Um Século de Favela.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LE CORBUSIER. **Urbanismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 2000.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Carlos. **História do Maranhão**. 1981.

LOSNAK, Célio José. **Polifonia Urbana: imagens e representações – Bauru 1950-1980**. Bauru: EDUSC, 2004.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LOJKINE, Jean. **O Estado Capitalista e a Questão Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MAGALHÃES, Sérgio. **A Cidade na Incerteza/Ruptura e Contiguidade em Urbanismo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley: Ed. PROURB, 2007.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 4ª Ed, 1998.

MAGALHÃES, Sérgio e CONDE, Luiz Paulo. **Favela-Bairro: Uma nova história da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pró-Livros e Vivercidades, 2004.

MOURA, Ana Clara Mourão. **Geoprocessamento na Gestão e Planejamento Urbano**. Belo Horizonte: Ed. da autora, 2º. ed, 2005.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

PAXECO, Ivan. **O Maranhão: Subsídios Históricos e Corográficos**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 2ª ed., 1998.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 3ª ed., 2004.

RIBEIRO, Joana Bispo. **Pobreza Urbana e sua Relação com a Segregação Sócio-Espacial em São Luís: a ocupação da Cidade Olímpica**. São Luís: CaGEO - UFMA, 2003.

RIBEIRO, Luiz César Queiroz. **Dos Cortiços aos Condomínios Fechados**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

RIBEIRO JÚNIOR, José Reinaldo Barros. **Formação do Espaço Urbano de São Luís: 1612-1991**. São Luís: Edições FUNC 1999.

RAMOS, Maria Helena Rauta. **Metamorfoses Sociais e Políticas Urbanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros passos; 203).

Morfologia Urbana e Desenho Social: um estudo comparativo dos bairros do Coroadinho e Cidade Olímpica em São Luís – MA

SILVA, Ana Amélia. **Urbanização de Favelas: duas experiências em construção**. São Paulo: PÓLIS, 1994.

SILVA, Ana Amélia. **Moradia e Cidadania: um debate em movimento**. São Paulo: PÓLIS, 1994.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A B C do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **Urbanização e Desenvolvimento no Brasil Atual**. São Paulo: Ática, 1996.

SOUZA, Marcelo Lopes e RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento Urbano e Ativismos Sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 4ª ed., 2006.

TRINTA, Patrícia Vieira. **Análise Bioclimática do Bairro Renascença II – São Luís-MA: realidade e perspectiva do conforto térmico em espaços externos**. Natal: 2006.

WACQUANT, Loic. **Os Condenados da Cidade: estudo sobre a marginalidade avançada**. Rio de Janeiro: Revan, FASE, 2001.



**ANEXOS**



### ANEXO 01 - Questionário

IDADE : \_\_\_\_\_

SEXO :  FEM.  MASC.

1) Quanto tempo mora no bairro? \_\_\_\_\_ de onde veio? \_\_\_\_\_

2) Você conhece todos os seus vizinhos na sua rua?

Sim  Não

3) Você conhece outras pessoas fora da sua rua?

Sim →  Poucas  Muitas

Não

4) Qual seu grau de contato com seus vizinhos?

a) Conheço só de vista →  Muitos  Poucos  Nenhum

b) Conheço por nomes →  Muitos  Poucos  Nenhum

c) São meus amigos →  Muitos  Poucos  Nenhum

d) Falo freqüentemente →  Muitos  Poucos  Nenhum

e) Freqüento a casa dos meus vizinhos →  Muitos  Poucos  Nenhum

5) O que você acha da vizinhança em seu bairro?

Ótima  Boa  Ruim  Péssima

Por quê?

6) Na sua opinião, quais os itens abaixo existem no seu bairro e quais incomodam?

a) Barulho - som alto / falam alto -  existe  incomoda

b) falta de privacidade / as casas são coladas -  existe  incomoda

c) Crianças na rua – barulho / brincadeiras -  existe  incomoda

d) Problemas com limites de lotes / construção de muros, cercas, paredes -  existe  incomoda

e) Invasão do terreno ou quintal vizinho -  existe  incomoda

f) Outros: \_\_\_\_\_

7) Já existiu algum tipo de transtorno na convivência diária entre você e outro vizinho?

Sim  Não

8) Você costuma encontrar seus vizinhos nas ruas ou calçadas ?  Sim  Não

9) Você encontra locais para diversão no seu bairro?

Sim → Onde : \_\_\_\_\_

Não

## **ANEXO 02 - Entrevista**

Nome:

Idade:

Função no bairro?

Tempo de função?

Morador há quanto tempo?

Fale sobre o histórico do bairro, como começou a ocupação, o que aconteceu no período, às dificuldades, relatos?

Como vê o bairro, qualidades e defeitos?

Como é a infra-estrutura, o que tem e o que não tem: praças, escolas, feiras, árvores, etc.?

O que acha de bom no bairro?

O que acha das ruas, prédios, casas, da entrada do bairro?

O que acha que pode ser melhorado?

E as relações entre vizinhos, como são?

No período que mora no bairro, já presenciou conflitos entre vizinhos?

Quais os motivos? Vê os motivos relacionados a própria infra-estrutura do bairro?